

René Fullop Muller

SOB MIL MÁSCARAS DIVERSAS -A História das Primeiras Missões Jesuítas-

Índice Geral

COMERCIANTE COM O COMERCIANTE, SOLDADO
COM O SOLDADO

ENTRE OS PESCADORES DE PÉROLAS E OS RAJÁS

O SONHO DE CHYNQUINQUO

JUNTO AO GRANDE VOO

“DEUS” CONTRA “DAIMITCHI”

DIANTE DAS PORTAS DA CHINA

JESUÍTAS COMO BRAHMANES E YOGIS

NA CORTE DO GRÃO-MOGOL

DA CERIMÔNIA DO CHÁ AO MARTÍRIO

PADRE RICI – DOUTOR LI

CONVERSÃO POR MEIO DE RELÓGIO E CALENDÁRIO

COMO PROFESSORES E DIPLOMATAS NA CORTE DE
PEQUIM

A ORDEM DOS JARDINEIROS E PINTORES EXPEDITOS

**TRIUNFO DOS CHAFARIZES E DOS LEÕES
MECÂNICOS**

PROFANAÇÃO OU TOLERÂNCIA

O APOSTOLADO DOS ANZÓIS

OS AMIGOS DOS HOMENS DE COR

O ESTADO MUSICAL DOS JESUÍTAS

A DITADURA DA BRANDURA

OS PADRES COMO ESTRATEGISTAS

A UTOPIA NA FLORESTA VIRGEM

-
- ***Índice Anterior***



René Fullop Muller

**SOB MIL MÁSCARAS DIVERSAS
-A História das Primeiras Missões Jesuítas-**

**COMERCIANTE COM O COMERCIANTE, SOLDADO COM O
SOLDADO**

De novo tiveram os romanos curiosos um pretexto para se precipitar nas ruas em grandes turbas; pois, em uma manhã da primavera do ano de 1515 movimentava-se um cortejo fantástico por sobre a ponte do castelo Santo Ângelo, ao longo da “ via real” do Borgo Nuovo, em direção ao Vaticano; mulas ajaezadas de brocado, dromedários de marcha oscilante, elefantes que levavam sobre seus dorsos panteras enraivecidas e toda uma cavalgata de magníficos corcéis, envoltos, das orelhas aos garrões, em pérolas luzentes. Uma multidão de fidalgos metidos em vestes suntuosas formava a cauda do cortejo, e, bem no meio deles cavalgava com a sua cabeça altaneira, os pés em estribos de ouro puro, o embaixador do rei de Portugal. Hoje a sua missão era entregar ao Santo Padre, em nome de seu soberano, esses tesouros e raridades do Império Índico recém conquistado, como testemunho dos sentimentos cristãos da corte de Lisboa.

Ainda muito tempo depois, quando os protestantes já haviam induzido inúmeras almas à separação da Igreja católica, quando chegavam da Alemanha, da Inglaterra e da Suécia notícias cada vez mais contristadoras sobre a perda de países inteiros com seus príncipes e sacerdotes, em Roma ainda recordavam com prazer essa procissão. Podiam os herejes luteranos ainda levar para o Inferno muitos transviados: em compensação lá na Índia longínqua florescia para a Igreja católica um novo império, muito maior do que a Europa toda junta.

Pois desde que as naus de Vasco da Gama, com grandes cruces vermelhas nas velas, haviam alcançado as costas da Índia, cada palmo que os navegantes portugueses conquistavam, tornava-se um pedaço de novo país católico; por toda a parte, junto com

um soldado, ia aparecendo também, dentro em breve, o sacerdote, afim de batizar os vencidos, e o solo que os conquistadores haviam arrebatado aos indígenas era imediatamente santificado pela ereção de igrejas.

No ano 30 do século XVI, a obra de cristianização da Índia começada iria ser continuada com forças duplicadas. Se até então dominicanos, franciscanos e padres seculares haviam pregado o Evangelho nas novas regiões coloniais, em compensação, o rei João III resolveu, agora, convencer o Papa de que devia mandar alguns homens da Companhia de Jesus recém em organização. O rei já por várias vezes ouvira louvar a atividade desses padres e nutria a esperança de que eles trabalhariam com zelo ainda maior do que os demais eclesiásticos na propagação do cristianismo entre os pagãos.

De fato, essa decisão do rei iria iniciar uma época inteiramente nova para a atividade missionária católica, mas também para a Sociedade de Jesus: aquilo que os jesuítas haviam realizado como pregadores apostólicos, fazia sombra a todos os sucessos das outras ordens missionárias, e, somente, graças à sua atuação nas missões, foi que a Sociedade de Jesus granjeou a sua fama universal propriamente dita.

Justamente o primeiro jesuíta que partiu para a Índia, evidenciou-se como o missionário mais dotado e mais cheio de êxito, que a Igreja Católica jamais produziu; e comove de maneira tanto mais estranha a circunstância de que somente um acaso tivesse evidenciado a vocação de Francisco Xavier para essa tarefa. A princípio Ignácio designara a Bobadila para essa viagem às Índias, mas esse adoeceu no último momento; um outro discípulo da ordem deveria ocupar o seu lugar, e como Francisco Xavier se encontrasse então em Roma, resolveu Ignácio incumbi-lo dessa missão.

Xavier aproveitou a última noite que lhe restava para remendar, às pressas, a sua sotaina rasgada. Já na manhã seguinte encetou ele a viagem ; a roupa que levava no corpo, o breviário e algumas provisões de boca constituíam todos os seus haveres, quando partiu para Lisboa por terra, em companhia do embaixador português. Depois de uma estadia de um ano ali, Xavier tomou o veleiro que, contornando o cabo da Boa Esperança, deveria levá-lo às Índias; outros longos meses se

escoaram, antes que ele pudesse ter à vista, por fim, essa terra milagrosa, da qual deveria ser conquistado um novo mundo “para maior glória de Deus” .

Entre as margens do anlo Mandovi, orladas de umbrosos coqueirais, ia navegando o navio, corrente acima, até que, por fim, foi avistada na margem direita Goa, a capital do império índico português. Muralha de fortalezas européias, estaleiros e arsenais, o edifício do convento dos franciscanos, assim como as altas torres da Catedral e das outras igrejas, permitiam reconhecer, ao primeiro olhar, que o cristianismo já conquistara ali uma poderosa vitória sobre os pagãos.

Cheio de surpresa contemplou Xavier, depois de seu desembarque, a multidão variada, que rodopiava pelas ruas, gritando e cantando, entre elefantes e vacas sagradas: silhuetas brancas, morenas e pretas metidas em longas vestimentas e caftans; lavradores e comerciantes, árabes, persas e hindus de Guzerat e Ormuz; entre eles, debaixo de guarda-sóis enormes, caminhando por ali, os conquistadores, os fidalgos portugueses, em suntuosas vestes de tafetá, seda e tecidos preciosos; pagens numerosos e tropas inteiras de escravos cafres de pele negra formavam o seu séquito. Por toda a parte, nas paredes, grandes cartazes indicavam o lugar e a época em que se poderiam ganhar indulgências, e em que dias do ano se realizavam as diversas festas da igreja.

O primeiro caminho tomado por Xavier levou-o à frente da Catedral, e, somente agora, iria se manifestar a ele, em toda a sua grandeza, o triunfo do catolicismo nesses países remotos. Ali viu os ricos e ilustres da cidade transportados em seus palanquins; suntuosas liteiras abriam caminho por através do burburinho da multidão, e baixavam delas damas de pele morena, recamadas de pedras preciosas, com os rostos pintados, os pés metidos em sandálias de salto alto. Rápidos se precipitavam os pagens à frente para a Catedral, e enquanto estendiam os tapetes que haviam trazido, colocavam as cadeiras douradas e traziam para ali os livros de orações, encaminhavam-se as damas, seguidas pelos filhos e criadas, solenemente, em direção aos seus lugares. Mas apareceram também em multidões aqueles homens estranhos, os quais se deixavam reconhecer, graça ao vestuário e à cor das peles como nativos. Também eles traziam grossos rosários em torno

do pescoço e, quando transpunham o portal da igreja inclinavam piedosamente a cabeça.

Orgulho e ventura inundaram o missionário, quando ele, após uma viagem tão longa de muitas milhas, julgou encontrar agora no país dos pagãos uma segunda capital do cristianismo. Alegre escreveu Xavier, baseado nas primeiras impressões que teve nesses seus giros pela cidade: “Goa se encontra inteiramente povoado por cristãos... Devemos dar graças a Deus nosso Senhor pelo fato do nome de Cristo estar em tão grande florescimento neste solo distante e entre essas massas de incréus!”

Mas esse entusiasmo iria durar pouco tempo, pois, quando Xavier teve oportunidade de conhecer mais de perto o país, os seus dominadores cristãos e os seus nativos, teve de perceber, dentro em breve, que havia se deixado induzir em erro pelas altas muralhas de fortalezas européias, pelas catedrais e pela afluência de fiéis à frente do portal da igreja.

Quando o Papa Alexandre VI estabelecera no Extremo Oriente a linha de demarcação, que deveria abranger o império colonial português, ordenara ele ao rei “de mandar para os continentes e ilhas recém descobertas, homens dignos e tementes a Deus” , que estivessem em condições “de instruir os habitantes dessas regiões na fé católica e nos bons costumes”. Mas os europeus, que se haviam encaminhado para as Índias, eram, quase que sem exceção, aventureiros e especuladores cúpidos, que não pensavam em outra coisa mais a não ser em ganhar dinheiro rapidamente e de maneira inescrupulosa.

Na verdade podia se ouvir falar, diariamente, de muitas conversões de pagãos, mas quando se atentasse mais detidamente nessas coisas, dever-se-ia duvidar se nesse caso, as coisas tinham se passado em boa forma; pois os sacerdotes portugueses batizavam, na verdade, turbas inteiras de nativos, mas, dado que não compreendiam a língua deles, renunciavam a todo e qualquer trabalho preparatório de catequese. O povo, por sua vez, se sujeitava, abulicamente, ao processo do batismo e depois, voltava a freqüentar tranqüilamente os seus templos, afim de, ali, adorar seus elefantes, leões, macacos e outros ídolos semelhantes.

Todavia o mais entristecedor de tudo isso deveria ser a conduta dos funcionários coloniais portugueses; esses se arrastavam, literalmente, diante dos ricos pagãos, reservavam-lhes, em troca de indenizações correspondentes, as posições de maior influência na administração e permitiam-lhes toda a sorte de opressão sobre os nativos recém batizados.

Por toda a parte, para onde Xavier viajasse na Índia cristã, era sempre o mesmo quadro que se oferecia aos seus olhos: por sobre as cabanas de junco e os casebres de madeira das cidades indígenas erguiam-se, em toda a parte, igrejas poderosas, palácios de governadores e postos fiscais, e, constantemente, podiam se encontrar multidões de europeus e hindus à frente da Catedral. Mas também os nativos, onde quer que fosse, adoravam seus ídolos dos templos de elefantes a macacos, e, onde quer que fosse também os funcionários coloniais eram igualmente corruptos.

Quando Xavier pode conhecer suficientemente a atuação dos funcionários portugueses com respeito à cristianização da Índia, escreveu ele ao rei em Lisboa: “Se vós não ameaçardes os vossos funcionários com rilhões, cárcere e confiscação de bens e se não executardes, de fato, essa ameaça, então todas as vossas ordens relativas à propagação do cristianismo na Índia serão baldadas. É uma verdadeira tortura o ter-se de assistir, pacientemente, a maneira por que os vossos capitães e outras classes de funcionários maltratam os neófitos!”.

Nessas condições o missionário jesuíta, dentro em breve, foi forçado a considerar como parte importante da sua tarefa, primeiro que tudo, o converter ao cristianismo os cristãos que viviam na Índia; mas na Europa já ele tivera de testemunhar, suficientemente, o quão difícil era conquistar cristãos para Cristo.

Não obstante já aprendera ele, ao mesmo tempo, como a gente, muitas vezes tem de agir com “santa astúcia”, para atingir um piedoso objetivo; por isso, logo depois de sua chegada, tratou ele o clero já estabelecido ali com aquela prudente submissão, que seu mestre Ignácio tinha, as mais das vezes, posto em prática em tais casos. Muito embora levasse consigo um breve papal, que lhe assegurava a posição de legado e com isso o

colocava por cima de todo o clero da Índia, resolveu assim mesmo fazer a sua visita ao bispo, humildemente, e diante dele prostrou-se de joelhos, pedindo-lhe que o considerasse o mais modesto dos colaboradores na obra de catequese cristã e dispusesse dele a seu bel prazer.

E, enquanto os demais sacerdotes de Goa residiam em casas confortáveis, ele, legado do papa, fixou residência em um modesto quatinho do hospital. Não poderia ele, entretanto, ter encontrado um alojamento mais adequado aos seus intentos, pois ali, desde o primeiro dia, entrou em contato com todas as camadas de povo e teve oportunidade de aprender a conhecer as criaturas humanas na situação em que elas estavam, mais do que nunca, aptas para receber assistência espiritual. Todos eles, soldados brutais, funcionários cúpidos, supersticiosos, idólatras, orgulhosos comerciantes e pobres escravos, mostravam-se ali no hospital inclinados a conversar com o amável sacerdote e se deixar consolar por ele em suas dores. Mesmo quando depois haviam regressado já restabelecidos aos seus lares, permanecia em seus corações, quase sempre, uma recordação das prédicas edificantes de Xavier.

Especialmente para os escravos humilhados e maltratados tornaram-se os piedosos diálogos mantidos com o missionário, muitas vezes, em significação total da sua existência ulterior. O cristianismo de que lhes falava o sacerdote estrangeiro, soava aos seus ouvidos como uma promessa de felicidade extraterrena, a qual lhes iria trazer uma compensação magnífica para todas as dores sofridas na existência terrestre. Xavier, que se aproximara deles metido em sua roupa singela, que lhes falara com palavras brandas e simples e se introduzira junto a eles cheio de interesse pelos seus pequeníssimos cuidados, pareceu-lhes, dentro em breve, como um dos seus.

Por esse motivo eles lhe prestaram também a ajuda cabível na medida das suas forças, em seus trabalhos e informaram-no, secretamente, do gênero de vida, dos atos, vícios e falhas de seus senhores. Xavier teve, dessa maneira, oportunidade de adquirir conhecimentos exatos sobre a natureza, o caráter, os interesses e as qualidades dessas pessoas a quem pretendia converter. Assim é que ficou inteirado, antes ainda de transpor uma casa na qual ele tinha que se haver com homens que viviam em poligamia com mulheres nativas, com aqueles que

praticavam agiotagem, cometiam atos de violência, exerciam as suas funções para realizar com elas extorsões vergonhosas, ou então entrar em contato com aqueles que maltratavam os seus escravos.

Se, então, um ou outro, dentre eles, o hospedava em sua casa, a impressão que se tinha sempre era de que Xavier agia inteiramente a favor dos interesses do seu anfitrião. Se era um comerciante, o que fazia era discutir com o mesmo, ardorosamente, a marcha dos negócios e todas as possibilidades de novos ganhos monetários; no lar do onzenário desdobrava uma admirável perícia em todas as espécies de negócios crediários e sabia efetuar os mais complicados cálculos de juros ; mas se o seu hóspede era um marinheiro, então entretinha-se com ele a respeito de questões náuticas e astronômicas, de sorte que o anfitrião se confiava imediatamente a ele. Os oficiais, por sua vez, admiravam-se da maneira por que esse padre simples discorria sobre problemas militares e das questões técnicas que ele sabia formular. Interessados e presos à sua sedução escutavam-no todos, e a cada instante recebia novos convites.

Mas não se esquecia, também, nem mesmo da criadagem: louvava a criada que trazia a comida, depois da refeição pedia licença para conversar com a cozinheira e entretinha-se com ela a respeito de receitas culinárias, e quando o criado, à hora da partida, o conduzia a porta, informava-se ele cheio de interesse dos seus embaraços pessoais, desejos e queixas.

Somente depois de um longo tempo, quando senhores e criados já o tinham bem fechado no coração, chegou ele, cautelosamente e sem precipitação, falando-lhes então de maneira alegre acerca de suas verdadeiras intenções. Ao onzenário, procurava então convencê-lo de que havia outros negócios também que eram, ao mesmo tempo, menos censuráveis e mais rendosos; ao explorador sem entranhas explicava ele como os escravos trabalhavam melhor e mais espontaneamente, quando a gente não os tratava de maneira tão desumana; cautelosamente, ia expondo as desvantagens da poligamia, traçando, ao mesmo tempo, um quadro ameno das delícias de um matrimônio organizado moralmente. Assim estabeleceu ele a sua obra de catequese, ficando fiel aos ensinamentos de seu pai Ignácio, de que tudo era para todos,

afim de a todos conquistar.

Também não recuou diante do fato de ir ter às espeluncas de marujos, mais mal afamadas. Muitas vezes sucedia que os farristas quisessem terminar o seu jogo, por respeito ao sacerdote; mas ele os incitava, amavelmente, a que não se incomodassem, pois, soldados e marinheiros não são obrigados a viver como os monges; ele mesmo se sentava junto aos jogadores e beberrões, seguindo com interesse, os seus divertimentos.

Aquilo que um sectário rigorista nunca iria conseguir junto a essa gente rude, alcançou-o o jovial conanheiro de farras sem nenhum trabalho: eles se habituaram de tal maneira a comunicar-lhe seus cuidados e suas esperanças, que, dentro em breve, já estavam também se confessando a ele, espontaneamente.

Durante uma viagem marítima de Goa para a Índia Meridional ouviu ele contar de um marinheiro que perdera todos os seus haveres ao jogo: foi encontrar o mesmo vomitando blasfêmias e maldições de todo o tamanho. Xavier aproximou-se dele, ofereceu-lhe algumas moedas de ouro e instigou-o a que fosse tentar a sorte mais uma vez com esse dinheiro. De fato o marujo conseguiu ganhar dessa vez, e Xavier não se privou de aproveitar a alegre disposição de ânimo do jogador, para fazer-lhe uma prédica edificante, de maneira absolutamente idêntica à de Ignácio outrora, o qual entregara uma partida de bilhar para forçar um estudante à prática dos EXERCÍCIOS.

Nas instruções que Xavier, mais tarde, legou ao seu auxiliar e sucessor Barzeus, descreve ele mesmo o método que costumava aplicar na Índia. Concita a Barzeus a tratar qualquer pessoa com habilidade e com presença de espírito e, assim, conquistar o prestígio necessário em todas as classes e camadas sociais: “Se os argentários percebem que a gente é tão experimentada nas causas da vida diária, como eles mesmos, então sentem admiração e confiança; de outra maneira as advertências do sacerdote só serão ridicularizadas.”

“Esforce-se, desde o primeiro dia,” continua Xavier, “por saber que espécie de negócios são praticados nos diferentes lugares,

quais os usos e costumes adaptados na região e arredores... Informe-se também dos pecados em que o povo vive, e de como a prédica e a confissão deverão ser postas em prática... Assegure-se, depois, dos casos judiciais mais freqüentes, dos embustes, perjúrios e corrupções...”

“Fale com os pecadores a respeito de suas faltas a sós; e faça-o sempre com semblante risonho, sem violência, em tom amigável e carinhoso. De acordo com a personalidade, abrace um ou se humilhe diante de outro... Se quiser colher bons frutos em sua alma e na alma do próximo, então trate sempre os pecadores de maneira que eles lhe abram o coração e depositem confiança em você; Esses são os livros vivos, mais eloqüentes do que todos os livros mortos, e nos quais você deverá estudar...”

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



ENTRE OS PESCADORES DE PÉROLAS E OS RAJÁS

No extremo sul da Índia Gangética vivia a casta dos Paravars, uma tribo que abrangia mais ou menos umas vinte mil almas. Esses Paravars foram, por volta do ano 1530, atacados por uma tribo maometana selvagem e, tangidos pela sua situação difícil, resolveram clamar pela ajuda dos portugueses.

Uma deputação de pescadores de pérolas encaminhara-se para Goa e declarara ali que se os portugueses lhes arrancassem os maometanos dos costados, estariam dispostos a se converter todos à religião dos europeus. O governador real entrou de acordo com essa proposta, gostosamente, e estabeleceu ainda como mera condição um tributo anual de duas barcas carregadas de pérolas.

Dentro em breve fundeou diante do Cabo Comorim uma frota portuguesa, a qual expulsou os maometanos saqueadores; em seguida a isso desembarcaram os sacerdotes católicos que tinham vindo junto, entrando no país sob a direção do vigário geral, afim de efetuar o batismo da tribo inteira. De toda a parte afluíram os Paravars e foram se colocando por ordem em fileiras: depois os sacerdotes proferiam algumas palavras em latim, coisa que os pescadores de pérolas não entendiam e cada paravar respondia algumas palavras em tamil, coisa que os padres, por sua vez não entendiam também. As cerimônias indispensáveis foram realizadas apressadamente; logo depois distribuíram cédulas de papel onde havia escritos nomes portugueses de batismo, entre a população, e a frota pôs-se a caminho de regressar para Goa, levando o vigário geral, e os demais sacerdotes. As autoridades coloniais portuguesas, porém, puderam informar com orgulho ao seu rei de que se lograra salvar vinte mil almas da condenação eterna, conduzindo-as ao seio da Santa Madre Igreja.

A partir daí, os Paravars foram entregando, anualmente, o seu tributo, e os brancos, do seu lado, cuidaram em troca de que os piratas maometanos se mantivessem afastados do litoral das pérolas. Mas, de resto, os Paravars puderam continuar na observância pacífica de seus tradicionais costumes; nunca mais apareceu um sacerdote cristão nessas faixas de terra e, assim,

aqueles pedacinhos de papel sobre os quais estava traçado um nome incompreensível em caracteres não menos incompreensíveis, ficaram sendo a única lembrança que ligava os Paravars com a sua conversão religiosa.

Quando Francisco Xavier entrou em Goa, já oito anos haviam decorrido desde essa cristianização dos pescadores de pérolas; oito anos havia também que um sacerdote estivera ali no sul entre a comunidade neófitas.

As cabanas miseráveis, cobertas com folhas de palmeira, nas quais residia essa gente, estavam situadas logo atrás do Cabo Comorim, em uma faixa litorânea deserta e safara, em cujas dunas ardentes só esporadicamente cresciam sebes de espinheiros e leques de palmeiras. Ali viviam os Paravars, gente musculosa e esbelta, de um tom de pele escura carregado, esparsos em pequenas aldeias. Dia trás dia, já ao roner da aurora, punham-se eles a caminho do alto mar, metidos em barcas exíguas, com velas em forma de cauda de andorinha, e, ao por do sol, regressavam às suas cabanas de junco, trazendo a presa de pérolas conquistadas.

Em Tuticorin, a localidade principal dessa região, continuavam existindo ainda os antigos templos pagãos com ídolos coloridos, montes de argila pintada de branco e vermelho vivo, cavalos feitos de marga, tábuas de pedra com serpentes sagradas, touros, vacas e macacas, e até mesma nas pequenas aldeias, encontravam-se símbolos obscenos e grotescos, numerosíssimos, de toda a espécie, representativos do culto tradicional, ao qual os pescadores de pérolas pertenciam desde séculos.

Os Paravars batizados freqüentavam, às turbas, esses santuários, e quando se sentiam atemorizados diante dos gênios do fogo(que, pressagiando desgraças, dançavam à noite sobre o mar) então, davam-se pressa em ir oferecer às suas divindades a oblata de peixes, ou em construir novos templos de barro e junco.

Eis que um dia apareceu Xavier no meio deles, com os pés "descalços, levando sobre o seu corpo, uma vestimenta de mil remendos, trazendo a cabeça coberta por um miserável capuz

de lâ preta. Mantinha uma caninha na mão, repicava-a sem cessar e os convocava, com algumas palavras tamílicas de sotaque estrangeiro; isso soava mais ou menos: “Vinde, quero vos anunciar uma boa nova!”.

Ainda em Goa Xavier fizera com que os intérpretes lhe traduzissem algumas prédicas e orações em tamil e se pôs, com grande esforço, a decorá-las. Quando, agora, já nessa, já naquela aldeia dos Paravars, conseguira atrair com o tilintar de sua caninha os filhos dos nativos, passou a explicar-lhes o catecismo, ensinou-os a rezar e a cantar o AVE; os pequenos se entregaram, as mais das vezes, à tarefa, como se houvera tratado de aprender um novo brinquedo.

Foram as crianças também que lhe prestaram a mais importante ajuda em sua luta contra os ídolos pagãos. Sentiam-se alegres e felizes, quando sob a direção do padre branco, tinham permissão para destruir as estátuas das diversas divindades, na medida de seus desejos. Satisfeito escreveu Xavier nessa ocasião ao seu irmão que se encontrava na pátria: “Quando alguém me informa de culto aos ídolos, então o que faço é reunir as crianças do lugar e dirigir-me com elas para o ponto em que se encontram os ídolos. Os insultos que o demônio recebe das crianças são maiores do que as honrarias que os pagãos adultos lhe tributam, pois os pequenos agarram os ídolos, reduzem-nos a pó mais fino do que cinza, escarram sobre eles, calcam-nos aos pés e injuriam-nos de outras maneiras ainda piores.”

Em breve os pensamentos todos das crianças se concentraram em entusiasmar os seus pais também pelo homem estranho, e, tal e qual se dera na cidade com os senhores portugueses e seus escravos, aconteceu agora também com os pescadores de pérolas: Xavier conquistou-lhes a afeição, eles depositavam uma confiança cega nele e consideravam-no como um ser superior; pois, desde a noite em que a sua caninha tilintara e as suas estranhas palavras acerca de um Deus invisível, de um reino dos bem-aventurados no céu e de um lugar de condenação haviam ressoado profundamente no seio da terra, por sobre as costas, desde então os pescadores não viram mais os temidos gênios do fogo bailarem sobre as ondas. Tinham a impressão de que o som de sua caninha houvesse esconjurado dali o estranho fantasma.

Depois que a missão realizada nas costas de pesca fora iniciada com tanto sucesso, Xavier foi visitando, uma depois da outra, todas as regiões do império colonial português. Ora trilhava ele ao longo das costas, por através de desertos de areia, nos quais os pés mergulhavam no solo aquecido, ora, caminhava por através de inenetráveis florestas virgens. Seu admirável talento lingüístico permitira-lhe aprender, pouco mais ou menos, o malaio, idioma que era geralmente compreendido na Indochina.

Para onde quer que o seu roteiro o conduzisse, procurava ele fazer os seus sermões e, então, se utilizava de todos os pontos de contato, para tornar sensíveis em seus ouvintes os perigos da condenação eterna e o poder de Deus. Assim é que explicava ele com relação à ilha Homoro, coberta de vulcões, que essas crateras eram as chaminés do Inferno, e que ali em baixo de onde brotava a fumaça venenosa, os idólatras eram fervidos durante toda a eternidade.

Naqueles tempos a conversão em massa ao cristianismo, levada a cabo pelos Paravars, em troca de ajuda militar portuguesa, tornara-se um costume predileto na Índia. Assim é que o príncipe de Candy, ameaçado por povos vizinhos, pediu a ajuda de tropas portuguesas e prometeu em troca a conversão de todo o seu povo. Com isso estabeleceu ele exigências militares bem importantes, pois podia invocar o fato de que em seu principado estava a famosa rocha, sobre a qual ainda se tinha ocasião de ver claramente a pegada de Buda, e que em um pagode da capital era conservado um dente do PERFEITO. Dentro de tais circunstâncias resolveu o príncipe abrir mão da crença de seus maiores só em troca da remessa de um forte contingente militar.

Com os soldados brancos haviam entrado em Candy também os tradicionais padres, os quais, ao mesmo tempo, haviam batizado o príncipe e o povo. Mas depois, quando as tribos maometanas inimigas foram escorraçadas e o corpo expedicionário português deixara Ceilão de novo, o príncipe também retornara à antiga religião e mandara abrir, novamente, o templo que guardava o dente de Buda.

Um ano mais tarde, justamente durante a estadia de Xavier na Índia Meridional, o soberano viu-se envolvido outra vez em um

conflito militar e necessitou, de novo, de urgente auxílio das armas portuguesas. A fama de Xavier já penetrara também em Ceilão; por isso o príncipe pediu-lhe a sua mediação junto ao governo de Goa. Xavier aceitou essa incumbência com alegria e, pessoalmente, dirigiu-se em companhia das forças militares portuguesas a Candy e ali procurou levar a cabo a nova cristianização.

Também nesse caso lançou mão ele, outra vez, das crianças, para dar cabo, uma vez por todas, da idolatria. As crianças, a seu comando, irroneram no famoso templo, arrebataram o dente de Buda, e, em zeloso trabalho, puseram-se a esfregar a rocha sagrada até que não se pudesse mais perceber vestígio da pegada do PERFEITO.

Também outros príncipes do país chamaram o missionário, o qual soubera tratar tão bem com as autoridades portuguesas, e pediram-lhe que fosse às suas cortes, pois, a todo o instante, surgia a necessidade de sufocar rebeliões locais com o auxílio dos europeus. Onde quer que se desse um caso assim, logo aparecia Xavier também para reunir os moradores do principado em apreço, em troca de ajuda militar, por meio de sua caninha, e aí, começava ele as suas lições de catecismo.

Depois de uma atividade de seis anos, criara Xavier na Índia um grande setor de trabalho. No começo do ano de 1549 escreve ele a Ignácio: “Neste momento vivem membros da nossa Sociedade em todos os pontos da Índia em que existem cristãos. Encontram-se quatro nas Molucas, dois em Malaca, seis no Cabo Comorim, dois em Coxun, dois em Bascin e quatro na ilha Socotra. Cada grupo é dirigido por um superior”.

Suas cartas levaram um ano para chegar à pátria, depois de uma longa travessia marítima. Quando uma dessas epístolas chegava na Europa, isso equivalia sempre a uma festa de alegria para a cristandade católica, tão atribulada pela heresia.

O rei João de Portugal ficou entusiasmado com o sucesso obtido pela missão que ele mesmo iniciara e incrementara. Remeteu as cartas de Xavier para a Espanha também, onde eram lidas por ordem do arcebispo de Toledo em todos os púlpitos.

“Conhecem-nos, agora, na Espanha inteira”, escreveu nessa ocasião Pedro Faber a Ignácio. “Ali onde até então ninguém tinha ouvido falar a nosso respeito, ou onde nos julgavam apenas tomando em consideração as calúnias, não há, agora, louvado seja Deus, mais nenhum lugar, nenhum palácio, nenhuma prisão e nenhum hospital, onde quem quer que seja, rico ou pobre, nobre ou burguês, sábio ou ignorante, mulher ou criança, não saiba como nós vivemos e qual é o objetivo da nossa Ordem.”

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O SONHO DE CHYNQUINQUO

Desde que Marco Polo levara para a Europa notícias sobre um reino insular, situado a leste da China, esse remoto país começou a preocupar o pensamento de muitos comerciantes e sacerdotes. Mais tarde, a tenestade dera, dum feita, com um navio mercante nas costas japonesas, e, a partir daí, surgira um tímido intercâmbio comercial entre a Índia e o Japão. Como, porém, nenhuma das partes entendesse a língua uma da outra, a troca de mercadorias se fez sempre em silêncio, e o mistério que rodeava a esse país, permaneceu sem ser desvendado.

Mas eis que um belo dia surgiu em Malaca, a cidade portuária mais oriental das Índias Portuguesas, um japonês de nome Anjiro. Tinha ele praticado um assassinio na sua terra e se escapara das autoridades japonesas em um navio português, que estava ancorado à frente da sua cidade natal de Cagochina. O capitão o trouxe mediante uma generosa paga, e, durante a viagem, Anjiro ficou inteirado pelos marinheiros de muita coisa referente à religião dos cristãos, o céu e inferno, arrependimento, perdão de pecados e salvação eterna. O jovem japonês, que tinha a pesar-lhe na consciência um homicídio, sentiu, dentro em breve, um ardente desejo de passar-se para o cristianismo e conseguir nessa nova religião o perdão para o seu crime.

Quando Xavier apareceu outra vez em Malaca, por ocasião de uma das suas muitas viagens, Anjiro o procurou e pediu-lhe em nome do Deus dos cristãos o perdão de seus pecados. O missionário via aí à sua frente um homem que havia cometido um assassinio e a quem o Inferno ameaçava; somente mediante o poder decisivo da igreja, única capaz de levar à bem-aventurança, poderia esse pobre pagão se salvar. Sem detença resolveu ele batizar Anjiro e outorgou-lhe o nome de “Paulo da Santa Fé”.

Graças ao conhecimento de Anjiro abriram-se agora para Xavier novas e poderosas perspectivas. O japonês contou-lhe muita coisa da religião dos seus conatriotas e o informou de que essa era a fé esposada por todo o mundo pagão na Ásia oriental. “De acordo com as comunicações que me fez Paulo” , escreveu

Xavier, nessa ocasião, a seus irmãos na Europa, “ a China, o Japão e a Tartária seguem uma lei religiosa comum, a qual é ensinada em uma cidade de nome Chynquinquo. Paulo mesmo não compreende a língua em que está redigida essa lei religiosa; ela é, assim ele o diz, uma língua que serve apenas para os livros sagrados, como o latim entre nós. Com relação ao conteúdo desses livros não pode ele nos dar também nenhum esclarecimento.”

Essa lei religiosa de que falara Anjiro, era a lei de Buda e os livros sagrados eram as obras do budismo nórdico. Mas a língua que, à maneira do latim, só podia ser compreendida pelos iniciados, era o sânscrito. Xavier acreditou que a misteriosa Chynquinquo fosse um agrupamento de escolas superiores, por assim dizer uma “Roma asiática” e, como tal, constituísse o centro de toda a vida religiosa da Ásia Oriental.

Neste centro foi que ele agora pensou penetrar, afim de ali aniquilar as falsas doutrinas, com as armas da verdadeira fé, falsas doutrinas essas sob cujo feitiço se encontrava o Japão, a China e a Tartária. “Iremos encontrar ali à nossa frente homens sábios” , escreveu ele, “mas a verdade de Cristo nos conduzirá à vitória.” Mas onde essa misteriosa cidade de Chynquinquo estava realmente situada, era coisa que, na verdade, também Anjiro não sabia explicar com clareza suficiente.

“Quando eu perguntei a Anjiro se os japoneses se converteriam ao cristianismo, se eu fosse para lá,” continua informando Xavier, “ respondeu ele que esse caso não se verificaria assim tão depressa. Os seus conatriotas iriam começar me dirigindo perguntas, depois iriam meditar sobre as minhas respostas e estudar, acuradamente, se a minha vida também concordava com as minhas palavras. Mas se eu satisfizesse as suas exigências nesses dois pontos, sabendo dar-lhes respostas convincentes e aplicando-me a uma forma de vida irrepreensível, então, dentro de seis meses, o rei, a nobreza e todos os homens cultos se deixariam batizar.”

Agora estava Xavier suficientemente inteirado de muita coisa referente à mentalidade dos japoneses, de molde a saber que com esses homens era preciso provar a superioridade da religião cristã sobre a “lei” pagã, valendo-se da arte toda de argumentação dialética, pois os japoneses eram, assim o havia

acentuado Anjiro constantemente, passíveis de ser conquistados e convencidos apenas mediante argumentos bem fundamentados.

Antes de tudo mais havia mister agora visitar esse “rei” do Japão, convencê-lo pelas artes da dialética da verdade exclusiva do cristianismo e, assim, conquistar de um golpe para a religião católica todo o reino insular. Do Japão seria possível, então, abrir-se um caminho para a China rigorosamente fechada, pois os “reis” do Japão e da China eram, tal como o assegurava Anjiro, ligados por laços de estreita amizade; uma recomendação do soberano japonês poderia proporcionar-lhe o ingresso nesse “Império do Meio” circundado por uma enorme muralha inenetrável, cujo franqueamento ao estrangeiro estava proibido, habitualmente, sob pena de morte.

Mas aquilo que deveria ainda robustecer a Xavier nas suas esperanças eram as estranhas concordâncias, que, segundo as informações de Anjiro, existiam entre a crença dos japoneses e a religião cristã. Anjiro contou-lhe dos monges que habitavam, em estado de celibato, claustros com refeitórios em comum, que jejuavam freqüentemente e faziam orações noturnas. Falavam eles uma língua especial, incompreensível ao povo, pregavam freqüentemente, acreditavam em um só Deus, obedeciam a um abade e levavam uma vida virtuosa. Ensinavam também que havia um inferno, um purgatório e um Céu, e se veneravam a seus numerosos santos, isso não constituía nenhuma idolatria, porquanto oravam a esses da mesma maneira que os católicos, somente para obter a sua intercessão junto ao Deus único e onipotente.

Quando Xavier ouviu todas essas coisas, começou a conjeturar sobre se nessas terras o Evangelho já não havia sido pregado alguma vez em tempos imemoriais e se a crença dos japoneses não representava uma espécie de cristianismo corronido por acréscimos pagãos. De qualquer maneira, dizia ele, com tantas analogias entre os dois cultos não poderá ser difícil a conquista dos japoneses para a doutrina unicamente verdadeira. Com o auxílio de Anjiro dedicou-se ele, ardorosamente, ao estudo da língua japonesa. Fez com que traduzisse as máximas mais importantes da doutrina cristã em japonês e aprendeu-as todas de cor; A três dos irmãos da Ordem, que haviam aportado na Ásia, nesse meio tempo, tomou- os ele consigo e, juntamente,

com eles e Anjiro empreendeu a travessia em um junco chinês. Depois de uma viagem longa, rica em aventuras e perigos, chegou, por fim, a avistar a costa japonesa. No dia da Ascensão do ano de 1549 baixou Xavier à terra, em Cagochina, a cidade natal de Anjiro, e, em seguida, escreveu, triunfante, para a pátria: “ Deus nos conduziu à terra de nossa saudade.”

Nenhum habitante de Cagochina fizera ainda uma viagem em alto mar, e, assim, Anjiro foi recebido por seus conatriotas com demonstrações de curiosidade admirativa. Ninguém falava mais a respeito do assassínio, por cuja causa ele fugira um dia; demasiado grande era a geral inaciência para saber como se passavam as coisas no remoto “ país dos bárbaros do Sul.” Maior admiração ainda provocou, naturalmente, a chegada de Xavier e dos seus outros conanheiros brancos. Apenas havia ele se alojado na casa dos pais de Anjiro, quando afluíram para ele, em turbas, japoneses e japonesas metidos em compridos kimonos coloridos, com sombrinhas variegadas de papel, e bonzos com o cabelo cortado rente, envergando vestidos brancos e mantos negros.

De manhã à noite, a casa se encontrava cheia de visitantes, e um não deixava que o outro tomasse a palavra, tantas eram as coisas que cada qual tinha a perguntar. Em breve o príncipe da região, o poderoso daimyo Schimatsu Takaísa, enviou também um dos funcionários da sua corte e mandou convidar os estrangeiros para virem ao palácio. A alguns mercadores portugueses, que haviam chegado uma vez a Cagochina, tinha o Daimyo que agradecer o conhecimento da existência de armas de fogo, e, nesses tempos intranquilos que o Japão atravessava nessa época, não lhe pareceu isso um fato destituído de inortância para a segurança de seu trono. Mas os portugueses forneciam também muitos outros produtos valiosos e, além d isso, constituíam eles conradores espontâneos, que pagavam bem, de muitas mercadorias de fabrico japonês. Como o Daimyo tivesse ouvido falar que o sacerdote estrangeiro era tido em alta conta entre os portugueses, esperava ele da sua estadia em Cagochina uma influência favorável sobre o intercâmbio comercial. Por isso recebeu o missionário com todas as cerimônias usadas por ocasião de audiências concedidas a um homem prestigioso e importante. Xavier foi conduzido ao salão de honra do palácio, onde o Daimyo, rodeado de sua corte, estava sentado em um estrado elevado, enquanto os

funcionários subalternos jaziam no solo, aguardando as suas ordens. Schimatsu Takaísa convidou o hóspede, amavelmente, a tomar lugar a seu pés, sobre uma esteira, e, durante três horas a fio, dirigiu-lhe perguntas incessantes: Como eram os costumes dos brancos e, especialmente, se eles possuíam muitos navios, armas, canhões e soldados. A cada resposta de Xavier, que Anjiro ia traduzindo para o japonês, o príncipe era preso de respeitosa admiração.

Quando Xavier, depois, à conclusão, puxou um precioso livro de orações encadernado, e fez presente ao Daimyo, declarou esse, solenemente, que haveria de conservar com o maior cuidado o livro em que estava contida a lei cristã e que iria mandar que lhe explicassem o conteúdo; se essa lei fosse realmente boa, então ele também haveria de adotá-la. Convidado a escolher um presente de compensação, Xavier, para grande pasmo de toda a corte, renunciou, agradecendo, a qualquer dádiva, pedindo, entretanto, licença para pregar livremente, coisa que o daimyo lhe concedeu em seguida. Somente quando Xavier apresentou a outra súplica de que o Daimyo lhe facilitasse o rápido prosseguimento da viagem para o “rei” do Japão, Schimatsu Takaísa sentiu-se de certa maneira embaraçado.

Não estava disposto a deixar partir de novo e tão depressa esse santo homem, cuja presença bem poderia atrair navios portugueses para Cagochina, e, por isso, respondeu a princípio com evasivas e consolou Xavier com a promessa de uma época mais favorável. Quando os moradores ricos e ilustres de Cagochina viram o respeito com que o príncipe recebera o estrangeiro, trataram eles, igualmente, de convidá-lo, um depois do outro, para as suas casas, e, em breve, encontrou-se um ardoroso funcionário da corte que chegou mesmo a se converter ao cristianismo; seus subordinados juntamente com suas famílias seguiram-lhe o exemplo. Dentro em pouco tomou-se moda entre a alta sociedade de Cagochina, o entreter-se com Xavier sobre assuntos de religião e o deixar-se converter por ele.

Mas também entre o povo baixo obteve o missionário mais de um sucesso. Ele havia, nesse meio tempo, melhorado substancialmente seus conhecimentos de língua japonesa e, agora, estava em condições de ler em um caderno um certo número de sermões. Duas vezes por dia visitava ele as ruas

mais movimentadas, sentava-se na margem de um poço, puxava o seu caderno e começava a pregar. Quando retornava depois à sua casa, seguia-lhe, as mais das vezes, uma turba imensa de pessoas sedentas de saber, as quais sustentavam com ele discussões ardentes, até já entrada a noite.

“Esses japoneses” , escreveu nessa ocasião o padre Torres, um dos conanheiros de Xavier, “ são tão curiosos, que, desde a nossa chegada não se passou um só dia sem que não tivessem vindo ter conosco bonzos e leigos, desde manhã até a noite, para nos fazerem perguntas de toda a espécie. Pela primeira vez em sua vida ouviram os japoneses falar de um Deus que havia criado o mundo em sete dias, de um filho de Deus que se tornara homem e morrera na cruz, de um Juízo Final, de um céu e de uma condenação eterna. Entretanto, mais ainda do que sobre essas coisas, pasmavam os japoneses com as estranhas explicações que Xavier soía dar sobre as forças naturais que agiam no Universo.

No Japão ninguém tinha uma noção exata sobre o verdadeiro modo por que o mundo havia sido criado: segundo uma tradição, o mundo surgira de um ovo, o qual fora quebrado em virtude de uma tenestade: da clara fora feito o céu, da gema, o mar e da casca a terra firme. Os livros de outros sábios, por sua vez, expunham a origem do mundo de maneira, absolutamente diversa, e assim é que ninguém sabia, propriamente, a que se ater. Xavier pode, agora, explicar de maneira nova e clara o curso do sol, o aparecimento dos cometas, as fases da lua, os eclipses solares, a origem da trovoada, do raio, da chuva e da neve.

“ Nossas respostas” , escreveu ele para a Europa, “ provocam o seu agrado: eles nos consideram grandes sábios e isso nos ajuda em nossa obra de conversão.”

Mas por mais que a sede de saber dos japoneses fosse por ele apreciada, não obstante essa curiosidade eterna, que nunca se paralisava, tornava-se muitas vezes bem incômoda. Perguntavam eles como é que o Deus dos cristãos era, se vermelho, dourado, preto ou verde como os ídolos budistas, ou se tinha o nariz comprido, um talhe alto ou um olhar atemorizador, ou, pelo contrário, se era belo como Xaca e Amida e se sentava em uma flor de Lótus. A isso Xavier teve de

explicar, que Deus não tinha nem cor nem forma, que ele era, muito pelo contrário, a substancia pura e, como tal, tinha forçosamente que se diferenciar de todos os elementos que Ele próprio criara.

Mas, de que matéria criara Deus a alma humana? Qual é o aspecto, a forma e a cor dessa alma? Por que Deus permitiu no homem a tendência para o mal? Por que era tão difícil o alcançar-se o céu? Por que motivo Deus viera dar a conhecer a sua lei ao homem tão tardiamente? Que aconteceria com as pessoas que não fossem suficientemente atiladas para reconhecer a Deus?

Muitas dessas perguntas punham o próprio Xavier, o aluno diplomado do curso de dialética da Universidade parisiense em penoso embaraço. Imensamente espinhosas eram as objeções que se relacionavam com a conduta de Deus relativamente ao mau princípio. Como se explicava que o bom Criador houvesse produzido também maus Demônios? Quando Xavier retrucava a isso que os demônios, primitivamente, haviam sido criados igualmente bons e que se haviam tornada maus por sua própria culpa, razão pela qual Deus os havia condenado por toda a eternidade, então os japoneses objetavam em seguida que um bom Deus não deveria deixar os homens entregues ao poder de maus demônios.

Grande repulsa provocava, constantemente, a comunicação de Xavier de que as penas do inferno eram eternas e irremissíveis. O Deus dos cristãos, diziam muitos japoneses, não era misericordioso, dado que ele entregava à condenação eterna todas as pessoas que nunca tivessem ouvido falar dele.

“Para dar-lhes uma resposta capaz de despertar o seu agrado” , escreve Torres sobre essas discussões, “é necessário se seja atilado e precavido... Esses japoneses são donos de um espírito penetrante.”

Xavier aí se viu a braços com uma tarefa muito mais difícil do que na Índia ; muito pouca coisa era de se aliançar no Japão, somente com a simples caninha e a alusão aos vulcões, que causara tão profunda impressão nos malaios, aí não produzia efeito algum. No Japão a inteligência de homens sequiosos de

saber tinha que ser dominada, era necessário saber responder a sutilíssimas perguntas e levar a cano todas as armas de um espírito exercitado na dialética escolástica. Não obstante, o homem que em Goa conseguira penetrar, em poucas semanas, todas as artimanhas do mercado de pimenta, que se familiarizara com problemas de estratégia e náutica, afim de conquistar para Cristo um ou outro comerciante, oficial e marinheiro, reconheceu em breve também as respostas com que tinha de combater as objeções e escrúpulos dos japoneses amantes de disputas. Seus antigos colegas do Colégio Santa Bárbara ficariam mudos de admiração, se tivessem podido ouvi-lo na maneira por que sabia discutir habilidosamente com os seus adversários japoneses. E, assim, não falhou o sucesso, pois Xavier pode informar em carta dirigida à pátria que “se se conseguisse explicar de maneira razoável a conatibilidade da existência do mal com o Deus onipotente e a necessidade de Deus se tornar homem, já estava feita a maior parte da tarefa.”

Mas, desde o instante em que um japonês se convertesse, então se transformava ele de imediato em um adepto apaixonado da nova religião. Em lugar de invocar, como anteriormente, o nome de deus Amida, a todo instante os neófitos batizados por Xavier chamavam, agora, pelos nomes de Jesus e Maria, também com as mesmas repetições intermináveis. Em lugar da água sagrada em que o imperador havia banhado os seus pés, passaram eles a venerar a água benta por Xavier; em lugar do rosário budista utilizavam-se eles do católico. Enquanto, até então, haviam obtido de bonzos em troca de espórtulas piedosas, cédulas de papel, nas quais lhes era assegurado na outra vida uma indenização dobrada ou triplicada da soma distendida, agora ansiavam eles com zelo não menor pela obtenção de indulgências romanas.

Tinha-se a impressão perfeita de que as grandes esperanças com que Xavier empreendera a sua viagem de missão japonesa, não iriam ser defraudadas. Diariamente encontravam-se novos japoneses, que se declaravam dispostos a adotar a religião cristã. No entretanto, o soberano, com o correr do tempo, foi se sentindo decepcionado com Xavier. Não teria ele exagerado a inortância desse adventício, procedente da terra dos “bárbaros do sul”? Mês pós mês foi se passando sem que a esperada frota mercante portuguesa houvesse entrado em Cagochina. O Daimyo mandou dar a conhecer ao povo que, a partir daí, toda

ulterior conversão ao catolicismo ficava proibida, sob pena de morte. No decurso posterior de suas experiências japonesas, Xavier aprendeu a julgar, devidamente, a inortância de que se revestiam os navios mercantes portugueses, para a obra de cristianização, e soube de maneira excelente, aproveitar a chegada de tais embarcações no serviço de sua obra missionaria. Tantas vezes quantas ouviu falar que em determinado porto japonês ancorara um navio português, então partia ele a toda a pressa para aí e cuidava de que o capitão e tripulantes lhe preparassem uma recepção solene com hasteamento de bandeiras de gala e salvas de canhão.

Mas sabia também, mercê de suas observações, tirar conclusões exatas e, em muitos sentidos, modificar a sua conduta, adequando-a aos usos do país. Na Índia, onde, sobretudo, lhe acontecera conquistar os pobres ou humilhados das castas mais baixas, usava, em toda a parte, uma sotaina remendada e um boné de lã, já gasto. Mas no Japão isso não causava impressão alguma, pois aí o povo era fanático por vestes de seda suntuosas, por pona e cerimonial. Assim é que Xavier meteu-se na indumentária mais suntuosa que lhe fora dado arranjar, e pôs-se a caminho com um soberbo séquito de fâmulos.

Nenhum outro sacerdote cristão dera tais e tantas provas de verdadeira humildade, como, justamente o fizera Francisco Xavier; mas no Japão não se podia conseguir nada com humildade: ali o missionário devia revelar orgulho e altivez, caso pretendesse impressionar os príncipes e o povo. Essas não são pessoas, informou ele, que considerem a modéstia como coisa digna de valor; pelo contrário, eles só apreciam aqueles que sabem se mostrar orgulhosos e cavalheirescos, como eles próprios. Assim é que nesse país, em que a humildade só conseguia provocar desprezo, ele afivelou a “máscara do orgulho.”

Em Jamagutchi sucedeu uma vez que Xavier, depois de uma recepção dada pelo Daimyo, se viu rodeado à frente do palácio por uma multidão ameaçadora e foi coberto de inopérios. Para o fidalgo Navarro não foi difícil o fazer frente à multidão enraivecida, valendo-se de extrema altivez e de desprezo provocativo. Um samurai que lhe havia dirigido um insulto, teve o seu pedido de contas feito com toda a energia e dominou-o,

por sua vez, com insultos tais, que o samurai, abatido, emudeceu. Dentro em breve começaram a correr murmúrios por entre a multidão de que o estrangeiro parecia ser um homem bem ilustre, e talvez, que a sua doutrina não fosse tão má como a princípio se acreditara.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



JUNTO AO GRANDE VOO

Durante todo o tempo em que ele pregou o cristianismo nas cortes dos Daimyos e nas praças, mercados e ruas, nunca Xavier perdeu de vista, um instante que fosse, o seu verdadeiro objetivo: ele tinha vindo para aí afim de converter o soberano de todo o Japão. Tudo quanto aqui no sul sóiam lhe contar acerca da capital imperial de Miako, aumentou ainda mais o seu desejo de penetrar até lá; pois, dizia-se, a capital possuía também uma grande universidade, “ assim mais ou menos parecida à Universidade de Paris.” Aí é onde se deveria procurar, evidentemente, uma das sedes mais importantes do paganismo da Ásia Oriental.

Nessas condições Xavier insistiu sempre pelo prosseguimento mais rápido da viagem e esperou, ansiosamente, pelo grande e decisivo momento em que por fim, poderia aparecer diante do “ rei” .

Aportara ele no extremo sul do reino insular japonês e dali até a capital de Miako mediava uma distância de oitocentos quilômetros, que deveria ser percorrida, parte em navio, parte por através de estradas mal tratadas, transpondo altas cadeias de montanhas e atravessando regiões perigosas, povoadas de salteadores e tropas vagabundas. A estação era a mais desfavorável que se podia desejar, pois reinava um inverno sumamente rigoroso, o qual fazia com que o viajor se atolasse na neve, muitas vezes, até aos joelhos. Xavier venceu todos os obstáculos e estava sempre com boa disposição de ânimo; saltou e exultou como um rapazola, no instante em que, por fim, Miako apareceu diante de seus olhos. A cidade imperial, a atual Kioto, apresentava-se ao recém-chegado como um mar ondulante de telhados negros, dominado por templos elevados e altas torres, circundado por montanhas cobertas de neve.

Xavier julgou ter atingido finalmente o alvo de suas esperanças, enquanto, na verdade, o que esperava por ele era uma imensidade de decepções fundíssimas. Já por ocasião da sua entrada na cidade teve de notar que casas e ruas exibiam, claramente, vestígios de agitação bélica e causavam uma impressão de desconsolo, ruína e miséria. Pois as encarniçadas

lutas de anos inteiros, travadas entre as castas rivais da aristocracia tinham assolado a cidade toda; as casas de moradia dos nobres e até mesmo os pagodes haviam sido convertidos em fortalezas e estavam circundados de baluartes e trincheiras; no meio disso apareciam ruínas abandonadas, negras de fumo, resultantes do roubo e da pilhagem.

A misteriosa universidade em que Xavier pretendia anunciar a doutrina cristã parecia deserta; os conventos dos bonzos estavam vazios, pois os monges também participavam, ardorosamente, das lutas. Depois de errar durante dias a fio pela cidade morta conseguiu Xavier, finalmente, descobrir o palácio de Gosho, no qual residia Go-Nara, o Sublime Imperador.

O grande Voo, na sua qualidade de descendente de Amaterasu, a deusa do sol, desfrutava honrarias divinas; recolhido em seu harém, só de raro em raro se mostrava ele à corte, a qual, então, silenciosa, prostrada em terra, tinha de adorá-lo. A pureza sem mácula do imperador já era considerada como poluída se um homem comum pusesse nele o seu olhar. Nunca abandonava o seu palácio, pois não podia pousar o pé no chão nu, sem se profanar. Todos os dias as suas mulheres traziam-lhe novas vestes; seus alimentos lhe eram servidos em pratos que saíam de fresco, diariamente, dos fornos de porcelana e tinham que ser destruídos depois de usados uma única vez.

Xavier tentou conseguir uma audiência do Voo por intermédio de um dos funcionários em serviço na corte; disse que estava incumbido de entregar ao soberano uma mensagem do papa, o senhor poderoso da cristandade, e que tinha também trazido de sua pátria maravilhosos presentes de honra. O funcionário da corte informou que iria fazer o que estivesse ao seu alcance, mas que, em todo o caso a decisão iria demorar ainda um longo tempo; enquanto isso o estrangeiro poderia se utilizar de sua hospedagem.

Quando Xavier, depois, se inteirou com exatidão do cerimonial a ser observado durante a recepção, o funcionário que se agradara de seu hóspede, começou a contar-lhe com precisão como eram as coisas na corte e como vivia o imperador. E eis que Xavier, bem depressa, teve de reconhecer com decepcionada admiração que o Voo, o sublime filho do sol colocado no trono do Japão, era, na verdade, adorado à maneira

de um ídolo mas que ele, desde o momento em que os senhores feudais haviam chamado a si todo o poder, nada mais era do que um ídolo sem nenhuma inteligência e sem o mínimo prestígio político.

Go-Nara, o descendente de Amaterasu, a deusa do sol, visto que, em consequência da guerra civil os inostos já não entravam mais com regularidade, tivera de lutar mesmo com grandes dificuldades financeiras. Não dispunha mais nem sequer dos meios para mandar endireitar as paredes em ruínas do palácio, e, assim, era fácil a qualquer pessoa o poder ver desde fora o que estava se passando lá dentro, por através de grandes fendas e rachas; como, porém, as prescrições do cerimonial exigiam que o imperador estivesse sempre protegido contra olhares profanos, os funcionários da corte não acharam outra saída mais do que rodear o soberano com biombos de papel.

Mesmo agora as refeições continuavam a ser servidas ao Voo em pratos de porcelana, os quais eram destruídos depois de utilizados uma só vez; mas os alimentos servidos nos pratos eram miseráveis e escassos, pois faltava o dinheiro necessário para cuidar regularmente da manutenção da corte e do imperador. No fim de contas não restara mais ao Voo outra coisa senão o ganhar um pouco de dinheiro por meio de trabalho executado por suas próprias mãos, copiando ele cânticos manuscritos para amadores ricos, em troca de paga adequada.

Dado que os conradores não tinham permissão para ver o Imperador face a face, o que eles tinham a fazer era depositar a inortância do pagamento atrás de uma cortina do salão de recepção e, então, aparecer algum tempo mais tarde, para receberem o manuscrito preparado pelo imperador. Mas se o conrador, alguma vez, tinha necessidade de dirigir algumas palavras pessoalmente ao Voo, afim de se acertar com ele a respeito do preço da cópia, então ele tinha que atentar cuidadosamente na circunstância de que não lhe era permitido nunca fitar o sublime Filho do Sol durante todo o tempo da audiência. O loquaz funcionário da corte informou também ao missionário de muita coisa desagradável sobre as princesas e damas de honor famintas, as quais, muitas vezes, se viam na contingência de chamar os mercadores da rua, por através das

brechas das paredes do palácio, para pedir-lhes caritativas dádivas de batatas doces. Xavier ouviu essas informações contristadoras com sincera emoção e ficou tomado de viva conaixão pela situação embaraçosa do soberano. Mas ele tinha diante de si uma missão mais elevada e, por isso, devia tirar dessas notícias surpreendentes as conclusões práticas correspondentes.

Sua intenção era, na verdade, conquistar o Japão e a China inteiros para a Igreja católica e, nisso, o imperador não lhe podia ser de utilidade, pois, tão sublime como era, que a ninguém era licito pousar nele o olhar, apesar disso vivia de trabalhos de escritura, rodeado de uma corte que se alimentava de batatas mendigadas, um imperador para quem o solo sobre o qual ele não podia pousar o pé, já lhe fora arrebatado, havia muito, por revolucionários poderosos. Assim é que o missionário interroneu, finalmente, as intermináveis narrativas do funcionário da corte e informou-se sobre quem exercia o domínio sobre o Japão, já que não era o imperador. Então soube ele que era o Chogun, o generalíssimo, quem de fato governava o país. Mas quando ele procurou se informar mais minuciosamente sobre esse Chogun, evidenciou-se que o atual generalíssimo Aschinaka Taschiteru era um rapazola de quinze anos, o qual não tinha voz ativa, também, e justamente agora se achava foragido de seus inimigos. Para falar com exatidão, assim acabou confessando melancolicamente o funcionário, os verdadeiros detentores do poder, presentemente, no Japão, eram somente os adventícios, os daimyos. Então Xavier soube, por fim, que decisão tomar. Agradeceu ao seu anfitrião e sem esperar mais tempo pela audiência solicitada, abandonou Miako na manhã seguinte.

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



“DEUS” CONTRA “DAIMITCHI”

Já a caminho da capital Xavier atravessara uma grande e próspera cidade chamada Jamagutchi; dado, porém, que ele nessa ocasião ansiava inacientemente por Miako, não dedicara também a Utchi Joschitaka, o daimyo de Jamagutchi maior inortância do que a todos os demais príncipes, a quem tivera oportunidade de conhecer durante a viagem.

Mas agora se convencera de que os daimyos representavam as únicas autoridades do país e agora também lembrou-se do príncipe de Jamagutchi e de sua ilustre corte. Desde que Miako fora arrasada em consequência da eterna guerra civil, uma grande parte da nobreza imperial se refugiara em Jamagutchi e, assim, essa cidade, no decurso dos últimos anos, se tornara a verdadeira capital do Japão. Com grande pressa viajou Xavier outra vez para Jamagutchi. As preciosas vestimentas de festa, que ele pretendia, a princípio, envergar por ocasião da audiência do imperador, vestiu-as ele para a recepção marcada por Utchi Joshitaka; a esse príncipe entregou ele também a mensagem do papa romano, a carta credencial do governador de Goa e os presentes de honra destinados ao Voo. Quando o Daimyo percebeu as honras que lhe prestava o estrangeiro, quando ele ouviu como esse sacerdote cristão envolto em paramentos brilhantes lhe dirigiu a palavra com todos os títulos e demonstrações de honra devidos ao imperador, então foi necessária apenas uma pequena arte dialética para assegurá-lo da autoridade e da verdade do cristianismo. No entretanto, depois que Xavier tocara ao fim da sua arenga e entregara ao Daimyo lindos rolos de pergaminho com a saudação do papa e do governador português, chegou o momento solene em que o estrangeiro pôs à mostra, um depois do outro, os magníficos presentes tirados do seu saco.

Em seguida foi chamado para ali o funcionário da corte, o qual recebeu a incumbência de registrar para todos os tempos as palavras com que o embaixador vindo do país dos bárbaros do sul se dirigira ao Daimyo e os presentes maravilhosos que lhe entregara como sinal de respeito. “Um relógio”, registrou o cronista com o seu pincel, “que bate, com exatidão, doze vezes durante o dia e doze vezes durante a noite; um instrumento

musical que emite sons maravilhosos, sozinho e sem necessidade de que se a toque; vidros para os olhos, com ajuda dos quais um ancião pode ver tão precisamente quanto um jovem.” Em voz alta o Daimyo ordenou que, ainda no mesmo dia, fosse dado a conhecer na cidade inteira, que o estrangeiro tinha licença para pregar a sua religião livremente, e que todos os súditos poderiam adotar o cristianismo.

Bem depressa se espalhou em todo o Japão, por meio de mercadores, viajantes e capitães de navios, a notícia da chegada de um homem milagroso, procedente do país dos bárbaros do sul, e, assim, Otomo Joshishige, o Daimyo de Bungo ouviu também falar de Xavier e dos seus pasmosos tesouros. Em seguida ordenou esse príncipe aos seus samurais que trouxessem, fosse lá de que maneira fosse, o santo à sua corte. “Tenho grande desejo de vê-lo” , escreveu ele mesmo ao missionário, “e falar-lhe confiadamente. Sinto-me emocionado com a esperança de vê-lo chegar dentro em breve.”

Pareceu que o céu quisesse providenciar sobre um sucesso especial para a viagem de Xavier a Bungo, pois, justamente quando o missionário ali chegou, entrou também no porto dessa cidade um navio mercante português. Por desejo de Xavier os portugueses fizeram logo tudo que lhes foi possível para preparar ao sacerdote tão altamente honrado por eles, uma triunfal entrada, correspondente aos seus méritos. Conduziram-no em uma chalupa festivamente ornamentada, acompanhado por muitos escravos que envergavam vestimentas preciosas, levando-o a Funai, residência do daimyo, e quando chegou a hora da recepção marcada por Otomo Joshishige, os oficiais navais portugueses estenderam sobre o solo os seus preciosos mantos, afim de que Xavier neles se sentasse.

Tudo isso não deixou de produzir certa impressão no príncipe. Imediatamente foi decretada para toda Bungo absoluta liberdade de consciência; o próprio Daimyo manifestou o desejo de conservar junto a si, para todo o sempre, o sacerdote do país dos bárbaros do sul, pretensão essa que Xavier, na verdade, inugnou.

Grandes foram os sucessos que o missionário conseguira, durante a sua curta atuação no Japão: havia já cinco cidades com comunidades cristãs, e o número de japoneses batizados

orçava em mais de mil; além disso não eram eles, como na Índia, simples pertencentes às classes mais baixas; pelo contrário, eram, em sua maior parte, nobres e funcionários da corte. A despeito disso, Xavier não pode alimentar ilusões de que a maior parte da sua tarefa já fora realizada, até aquela data: os bonzos, os guardiães da “falsa religião”, não somente não estavam vencidos como também agora haviam passado a se mostrar como inimigos encarniçados e perigosos. Seguindo o conselho de Anjiro, Xavier, a princípio, designara o Deus cristão com o nome habitual no Japão de “Dainitchi”, “o criador de todas as coisas”; com isso os bonzos haviam declarado, satisfeitos, que esse deus dos bárbaros do sul outro não era senão o seu próprio Deus, e que o cristianismo representava uma espécie de doutrina budista. “Entre vós e nós”, disseram eles a Xavier, “ existe apenas a diferença de língua, nossa religião é a mesma.” A princípio receberam eles o “ irmão estrangeiro” de maneira amabilíssima. convidaram-no a que visitasse os seus conventos e prepararam-lhe solenes recepções ali. Sucedeu também nessa ocasião, que alguns bonzos se passaram para o cristianismo e pediram a Xavier que os batizasse.

Mas, quando Xavier penetrou fundo nas doutrinas do budismo e do shintoísmo, reconheceu ele, para seu desengano, que o bom Anjiro, com as suas informações, o havia induzido em erro. Na verdade Anjiro se mostrara como um verdadeiro Paulo, o qual pregava o cristianismo com língua fogaosa, mas, no fundo, era ele, como se evidenciava agora, muito inculto, e a maioria de suas informações haviam sido muito pouco exatas. Só assim é que pudera acontecer tivesse se abandonado, durante tanto tempo, a graves enganos sobre o verdadeiro caráter da religião japonesa e do bonzismo.

Agora via ele como a concordância que afirmara Anjiro existia entre esse credo pagão e o cristianismo, dizia respeito apenas a exterioridades de pouca monta. O budismo não conhecia, na verdade, nem um Salvador, cuja paixão deveria remir a humanidade, nem o anelo por uma bem-aventurança eterna; o objetivo do budismo não era o céu, mas o nirvana, o aniquilamento completo. Os adeptos do shinto adoravam até mesmo o sol e a lua, heróis guerreiros legendários e animais irracionais, crença essa que só poderia provocar repugnância e desprezo em um missionário católico.

Em consequência disso Xavier, agora, tornou-se mais cauteloso e, com o fito de evitar quaisquer mal-entendidos, passou a usar apenas o nome latino “Deus”. Com o intuito de reparar seus erros iniciais apressou-se ele a declarar por toda a parte que, o “Dainitchi” dos bonzos não era nenhum deus, e sim engendro de Satã.

Mas com isso também a harmonia existente entre ele e o clero japonês terminou; a partir daí, este se lhe opôs de maneira hostil e empregou todas os esforços para combatê-lo e refutar as suas doutrinas em controvérsias violentas.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



DIANTE DAS PORTAS DA CHINA

Nesses torneios oratórios que se seguiram então, por toda a parte, os bonzos apresentavam muitas vezes um argumento, que deixava a Francisco Xavier embaraçado. Era impossível, diziam eles, que a doutrina do “ Deus Cristão” seja a verdadeira, dado que os chineses não tinham conhecimento dela; isso não deixou de causar certa impressão nos ouvintes japoneses; assim é que Xavier, agora, reconheceu o quanto aqui se estava, em todas as opiniões e julgamentos, na dependência do modelo chinês; pois o Japão havia tomado a sua religião, sua escrita e quase toda sua cultura espiritual, da China. Pouco a pouco foi surgindo em Xavier, sob a impressão dessas discussões, o pensamento de que a tentativa de uma conquista do Japão deveria ser empreendida por meio da China. Se ele conseguisse converter os chineses, o Japão, que imitava a China em tudo e por tudo, seguiria, automaticamente, o seu exemplo.

À vista disso procurou ele agora reunir de maneira sempre mais sôfrega, informações sobre as condições dominantes no Império do Meio, e aquilo que os mercadores portugueses, com os quais ele falava a respeito disso, soiam narrar, tinha aspecto bastante sedutor. A China, ouvia ele dizer, era o país modelar de justiça e, sob este aspecto, era superior a toda a cristandade. A religião dos chineses era, propriamente, uma doutrina moral tida em alta conta desde havia muito tempo, ao passo que os deuses ali desfrutavam de prestígio muito escasso. À diferença do que se passava no Japão, havia na China um imperador que detinha, realmente, em suas mãos o poderio sobre todo o império; o povo era pacífico e invulgarmente inclinado às ciências, especialmente ao direito e à astronomia.

“Creio” , escreveu Xavier, nessa ocasião, para a pátria, “ que posso viajar ainda este ano para a capital do rei da China. É esse um país onde a religião de Jesus Cristo pode se difundir em larga escala. Se os chineses adotarem algum dia o cristianismo, então isso será também de grande vantagem para a destruição das seitas japonesas... A China deve ser conquistada como outrora o império romano: com a conversão do rei, o povo o acompanhará também.”

Na viagem de regresso do Japão para a Índia, Xavier encontrou-se com um mercador português chamado Pereira e relatou-lhe o quanto ansiava por chegar à China. O português ouviu-o com a máxima atenção e expôs-lhe o plano de organizar uma embaixada oficial portuguesa junto ao imperador chinês e, dessa maneira, penetrar no império rigorosamente fechado a todos os estrangeiros. Pereira mesmo ter-se-ia visto, de bom grado, desenhando o papel de embaixador português, por isso, estava pronto a custear do seu próprio bolso todas as despesas ligadas a essa embaixada. Ele julgava que Xavier se encontrasse em excelente pé de relações com o vice-rei em Goa e, seguramente, estaria em condições de conseguir junto a esse as necessárias cartas credenciais para ele e Pereira. Se obtivesse isso, Xavier poderia acompanhá-lo em sua viagem para Pequim e ali pregar o evangelho ao imperador da China. Xavier entregou-se com ardor a essa proposta. Logo depois de seu regresso a Goa visitou o vice-rei e convenceu-a também a dar o seu beneplácito à enresa; depois viajou de nova para Malaca, onde Pereira já estava à sua espera, afim de empreender com ele a travessia para a China. Em Malaca, porém, surgiu uma dificuldade absolutamente inesperada: o comandante do porto ali tinha seus próprios planos no sentido de iniciar lucrativo intercâmbio comercial com a China e, por isso, estava resolvido a inedir, a toda custa, a partida de um concorrente. Debalde apelou Xavier para a sua dignidade de núncio papal, coisa que ele até então ainda não fizera, e, ameaçou-o com a excomunhão. O comandante, mais cúvido do que piedoso, não se deixou atemorizar e declarou, rotundamente, que ele mandava para o diabo a patente do papa ; e no que dizia respeito a Pereira, enquanto ele fosse comandante em Malaca, não haveria de partir. Xavier não estava de nenhuma maneira disposto a consentir que o seu grande projeto de conquistar a China para o cristianismo, viesse fracassar em consequência das pequenas ciúmeiras entre um comandante de porto e um mercador. Se o negócio não fosse avante com Pereira, então era necessário que alcançasse a China mesmo sem Pereira. Viajou ele em um navio mercante português, primeiro para a ilha de San-Choan, situada à frente do porto de Cantão, ilha essa em que desde havia muito tempo se estabelecera um intercâmbio clandestino de mercadorias entre comerciantes portugueses e chineses.

Logo depois de sua chegada ali, entabulou ele negociações com os patrões de um navio chinês e procurou uma possibilidade

para se deixar transportar para Cantão; os mercadores chineses, no entanto, começaram a apresentar uma série de evasivas, pois eles arriscavam a cabeça se ousassem contrabandear um estrangeiro no Império do Meio, apesar da rigorosa proibição nesse sentido.

Xavier então começou a esperar bem junto à porta da China, em uma miserável cabana de junco, dia pós dia, uma possibilidade para meter o pé na terra da promessa. Nesses dias escreveu ele a Pereira, o qual continuava sempre na expectativa de poder realizar no ano seguinte o seu plano fracassado: “ Se o senhor entrar na China, irá me encontrar ou em Cantão metido no cárcere ou em Pequim na corte imperial.”

Por fim conseguiu ele conquistar um contrabandista chinês em troca de uma paga de vinte quintais de pimenta. O chinês se declarou disposto a conduzi-lo secretamente a Cantão, durante a noite em uma pequena barca, e ali albergá-lo em sua cabana durante os primeiros dias. Em um dia combinado viria ele para buscar o missionário. Mas, o contrabandista não reapareceu; passou-se um mês de temerosa espera, e mais um segundo. Outubro já havia chegado, os comerciantes portugueses haviam liquidado os seus negócios na ilha e um navio depois do outro içou as velas, indo desaparecer nas bandas do sul. Por fim permaneceu Xavier sozinho na ilha solitária, cuidado apenas pelo seu criado. Diariamente ia ele para a praia e ali permanecia sentado horas a fio, silenciosamente, com o olhar melancólico voltado para o oeste, onde estava situado o grande império pagão, que deveria ser conquistado para Cristo.

A estação tornou-se fria e hostil, e um dia Xavier adoeceu. Acometido de tremores de frio e vômitos, dentro em breve já não pôde mais tomar nenhum alimento; seu estado piorava dia a dia; em sua enxerga continuava ele esperando, por entre calafrios de febre, a embarcação chinesa que viria buscá-lo afim de conduzi-lo a Cantão por sobre o mar açoitado pelas tenestades do outono. Uma manhã entrou ele a delirar; de repente começou a levantar os olhos para o céu e, com o semblante alegre, a pregar alto em muitas línguas: podia ser que fosse tamil, malaio, japonês ou vascongo. Ao cabo do oitavo dia de sua enfermidade, perdeu ele a fala e já não reconheceu mais também o seu criado. Na madrugada de 1º de Dezembro de 1552 morreu ele.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



JESUÍTAS COMO BRAHMANES E YOGIS

A morte inedita de Xavier de realizar o seu grande plano, mas a obra começada por ele iria, a despeito disso, ser continuada com, sucesso admirável. Pois, de repente, surgiu em lugar do falecido uma turba imensa. Dezenas e centenas de missionários jesuítas alimentavam o propósito de alcançar aquilo que Xavier não pudera mais completar; cada qual estava inulcionado pelo mesmo fogo de entusiasmo, e cada qual possuía de igual maneira a aptidão para ser comerciante com o comerciante, soldado com o soldado, conselheiro com o príncipe, com o escravo amigo e confidente, capazes de defrontar os orgulhosos japoneses com altivez e de vencer os eruditos bonzos em debates dialéticos. Por toda a parte onde os portugueses haviam sido dominados pelo vício, onde hindus, malaios e japoneses veneravam os ídolos, apareceram os missionários jesuítas com o intuito de pregar a religião cristã. Infatigáveis, dispostos ao sacrifício, adaptáveis e atilados eram todos eles; se um tinha que abandonar o posto, fosse por se ter tornado velho e cansado, fosse que de Roma lhe tivessem destinado uma outra tarefa, mas fosse também por o terem metido na prisão ou o haverem martirizado até a morte, então um outro, imediatamente, tomava o seu lugar, e se mostrava sempre igualmente corajoso, inteligente e astucioso, como o fora o seu predecessor. Durante anos a fio os missionários jesuítas haviam se substituído uns aos outros, em todos os continentes e, não obstante, tinha-se a impressão de que, desde os dias de Xavier até à nossa época, por detrás de numerosas máscaras que mudavam sempre, conforme a diversidade dos países e costumes, se ocultasse sempre o mesmo rosto.

Em Ormuz, na fronteira indo-pérsica, caminhava agora o padre Barzeus, pelas ruas afora, enunhando a caninha. Nessa cidade famosa pela sua riqueza encontravam-se mercadores de todas as raças e credos: persas, judeus, brahmanes, jainas, parsis, turcos, árabes, cristãos armênios, gregos, italianos e portugueses. Barzeus sabia conquistá-los a todos. Os comerciantes vinham atrás dele em busca de conselho para os seus complicados assuntos de negócios; mas com os judeus sabia ele ser judeu, de sorte que os rabinos foram tomados de enorme admiração pelo grande saber talmúdico deste padre

cristão e no fim de contas, convidaram-no para que viesse às suas sinagogas afim de interpretar os livros sagrados diante da comunidade inteira.

Os maometanos, por sua vez, viram em Barzeus, dentro de pouco tempo, precisamente um novo profeta e, quando ele, uma vez, apareceu em suas mesquitas, levantaram-no por sobre os seus ombros e festejaram-no como o batista João redivivo. Barzeus soube conquistar até mesmo a confiança dos brahmanes, visitando-lhes os templos e discutindo ali com os mais doutos entre eles a respeito das analogias existentes entre a doutrina da Trindade cristã e a hindu. Por fim Barzeus se viu obrigado a organizar um programa semanal em perfeita forma: às quintas feiras pregava ele para os maometanos; aos sábados para os judeus, às segundas-feiras para os brahmanes e nos dias restantes para os cristãos.

Já Xavier havia sido inteirado por um sábio hindu de muitas cousas referentes aos brahmanes. “ Ele me desvendou sob sigilo” , escreveu Xavier nessa ocasião, “ que a verdadeira doutrina deve permanecer sempre em rigoroso segredo... Há uma língua secreta que serve para o ensino, como entre nós o latim. Ele me enumerou, exatamente, os mandamentos dessa doutrina e me deu sobre cada um deles uma boa explicação...”

Essas indicações, porém, haviam produzido em Xavier uma pequena impressão apenas; ele continuava vendo a sua tarefa mais importante na Índia no fato de se dedicar, sobretudo, aos escravos e pescadores de pérolas, ao exército de pobres e deserdados, que pareciam especialmente acessíveis à doutrina de salvação do cristianismo. Ele não conseguira perceber, de nenhuma maneira, a verdadeira significação do brahmanismo: “ Existe aqui uma raça de homens que se denominam brahmanes... É a raça mais abjeta do mundo.” Assim escreveu ele uma vez aos seus irmãos da Ordem. Os discípulos, no entretanto, que operavam na Índia depois de sua morte, já reconheceram mais claramente quão pouco prometia o grande sucesso da catequese junto a pescadores, escravos e mesmo príncipes, enquanto a casta dos brahmanes permanecesse fechada ao cristianismo. Pois esses jesuítas já apreciavam agora a enorme inortância do sistema hindu das castas, coisa que Xavier ainda não percebera por completo; se não se conquistarem as castas mais elevadas, então os resultados

conseguidos junto às castas mais baixas poderão ficar isolados e não ser de duração. Mas os brahmanes assumiram em face do cristianismo uma atitude extraordinariamente desconfiada; os colonizadores e soldados portugueses que se confessavam adeptos dessa religião, de acordo com os conceitos hindus, só podiam ser considerados párias, pois comiam carne, bebiam vinho e conviviam indistintamente com todas as castas, ao passo que o brahmane já se sentia contaminado, se porventura caísse sobre ele a sombra, apenas, de um pária.

Assim sendo os brahmanes tinham que ver também nos sacerdotes cristãos, párias, e a passagem para o cristianismo parecia-lhes equivalente à perda da casta. O missionário jesuíta Roberto de Nobile, sobrinho do cardeal Belarmino, e rebento de uma antiga família da nobreza italiana, foi o primeiro a tomar a peito também a conversão dos brahmanes, defrontando-os ele mesmo como brahmane. Quando ele, depois de longa preparação, apareceu na cidade de Madura, na Índia Meridional, não se assemelhava em nada àqueles irmãos da Ordem, que trafegavam pelo país metidos em sotainas molambentas, que ouviam em confissão os pobres e escravos nos hospitais e corriam às aldeias de pescadores com a caninha na mão.

Igual aos hindus de castas elevadas usava ele uma comprida vestimenta de lã amarelada, um turbante e sandálias de madeira, quando os brahmanes lhe perguntavam se ele não era português, repelia essa conjectura com orgulho ofendido e declarava que era um príncipe romano e brahmane; somente a admiração que nutria pelos irmãos da Índia, de cuja profunda sabedoria ouvira falar em sua pátria, o induzira a vir até ali. Dentro em breve os brahmanes reconheceram que não somente o vestuário e a atitude do estrangeiro correspondiam em absoluto às de sua casta, mas que ele também observava, de maneira rigorosíssima, os mandamentos e proibições da doutrina hindu.

Da mesma maneira que eles, nunca o padre cristão comia carne, não tocava em vinho e vivia exclusivamente de arroz, leite, legumes e água. Ele se instalou no bairro distinto dos brahmanes e rodeou-se de uma criadagem puramente brahmânica. Nunca dirigia ele a palavra a um pertencente às castas mais baixas; sim, ele evitava até mesmo, de maneira escrupulosíssima, todo e qualquer convívio com os sacerdotes

brancos que, metidos em suas batinas molambentas, se esforçavam pela salvação das almas dos párias. Mas o que os brahmanes sobretudo admiravam nele era o conhecimento extraordinário de sua própria sagrada doutrina. Nobile dominava a sua língua fluentemente e quase que sem nenhum sotaque estrangeiro, sabia também ler os mais difíceis textos sanscriticos e sobrepujava os sacerdotes mais eruditos, introduzindo em todas as discussões religiosas e filosóficas uma imensidade de citações tiradas das grandes obras da poesia nacional.

Escutavam eles o missionário com verdadeiro fervor, quando ele recitava com a entonação de um sábio retirado do mundo, frases dos Vedas, dos Apastamba-Sutras e das Puranas; além disso redigia ele mesmo em sânscrito, eruditos escritos de edificação e os traçava depois em folhas de palmeiras. Muitas vezes extasiava ele os seus ouvintes também com a recitação de cânticos hindus, pois ele conhecia as mais antigas “ragas” e sabia variá-las, magnificamente, durante horas a fio, de acordo com todas as regras da arte. Dera ele provas tão irretorquíveis da sua extraordinária cultura, que os brahmanes não ousaram mais duvidar um só instante da veracidade de suas palavras, quando ele, então, vinha a falar, ocasionalmente, sobre as concordâncias existentes entre as sagradas escrituras da Índia e a doutrina cristã. No fundo, explicava ele, tratava-se, numa e noutra, do mesmo credo, com a diferença apenas de que o cristianismo constituía um desenvolvimento e um aperfeiçoamento do sistema religioso brahmânico. Dentro em breve já não havia em Madura mais nem um brahmane que não tivesse visto em Nobile um seu igual, e muitos já acreditavam que esse estrangeiro era até mesmo mais perfeito do que todos eles.

Os que assim pensavam já estavam de bom grado inclinados a seguir o exemplo de um homem tão piedoso e sábio e, mais ainda a se tornar “brahmanes-cristãos”. Assim é que Nobile conseguiu alcançar aquilo em que todos os outros missionários haviam fracassado; um grande número de hindus ilustres, pertencentes às castas mais elevadas, fizeram-se batizar e, daí em diante, a ninguém mais era lícito afirmar que o cristianismo fosse uma religião boa apenas para os párias. Mas a princípio parecia que esse grande sucesso tivesse de só ser conrado à custa do sacrifício da atividade missionaria junto às castas mais

baixas; pois Nobile vinha evitando rigorosamente todo e qualquer convívio com eles. Entretanto ele mesmo achou, dentro em breve, uma solução para esse complicado dilema; sabia ele que havia na Índia uma classe de homens que podiam entrar em contato com todas as outras castas, sem se inurificarem; eram eles os yogis, os penitentes. Em conseqüência disso propôs ele aos irmãos de sua Ordem que, a partir daí, se dividissem em dois grupos separados de missionários, dos quais um tinha que aparecer como formado de brahmanes e o outro como de yogis. Enquanto Nobile mesmo, também, daí por diante, continuou convivendo apenas com seus amigos brahmânicos, um belo dia apareceu o jesuíta Da Costa, envergando o traje de um yogi e, em breve, seguiram-no outros yogis jesuítas, que tinham em vista, agora, também, conversões entre as castas inferiores. Sucedeu assim que a missão em Madura tomou rapidamente um grande incremento. Quando Nobile abandonou o seu cano de trabalho, havia nessas regiões mais de quarenta mil nativos convertidos, entre eles um grande número de brahmanes. Dos nove missionários que continuavam a atuar em Madura sete se intitulavam yogis e dois se intitulavam brahmanes. A maioria deles dominava o sânscrito com grande perfeição e, da mesma maneira que Nobile, conheciam os sagrados livros hindus com tanta exatidão que, em toda a parte, passaram a ser considerados como doutores em escritura, bastante sábios. Nessa ocasião o padre Calmete, um desses missionários, pode escrever para Roma, com ar triunfante: “ Desde que os Vedas se encontram em nossas mãos, extraímos deles certas passagens que servem para convencer os pagãos das verdades fundamentais aquelas, que deverão destruir a sua idolatria; pois a unidade de Deus, os atributos do verdadeiro Deus e o estado de bem-aventurança e condenação, tudo isso está contido nos Vedas.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



NA CORTE DO GRÃO-MOGOL

Se no sul da Índia tratou-se de contrabandear a doutrina de Cristo, cautelosa e disfarçadamente, como uma espécie de bramanismo melhorado, em compensação no norte, na corte do Grão-mogol Akbar, o cristianismo teve de ser defendido em discussões públicas contra os adeptos dos mais diversos credos religiosos. Pois o imperador Akbar, o tetraneto do terrível Tamerlão, havia andado em busca, ininterruptamente, desde a idade de treze anos, da verdadeira religião; pretendia ele mesmo adotá-la e introduzi-la em seu império, afim de que o seu povo se tornasse o mais perfeito de todos os povos. Educado nas doutrinas do Islão, nunca pudera ele encontrar nesse credo uma verdadeira satisfação; de igual modo repugnava-lhe o adotar a religião dos hindus subjugados, pois tanto numa como noutra, acreditava ele ter diante de si obras humanas arbitrárias. Durante longos anos meditou ele, em seu magnífico palácio de Fatpursikri sobre a maneira pela qual poderia chegar ao conhecimento da verdadeira religião, a uma crença divina irradiante de primitiva pureza, isenta de toda e qualquer influência exterior.

Durante algum tempo acreditou ele que a verdadeira religião primitiva pudesse ser achada, tão somente, por criança sem educação alguma, e, baseado em tais ponderações, organizou uma estranha experiência: trinta crianças foram por sua ordem conduzidas a um recinto completamente isolado do mundo exterior, antes ainda de que tivessem aprendido a falar, e ali foram educadas, sendo que as amas não podiam nunca trocar com elas uma palavra sequer. Debalde esperou Akbar pela língua e pela religião que haveriam de ser criadas, espontaneamente, por essas crianças.

Depois quis o imperador tentar uma nova experiência: convidou adeptos de todas as religiões conhecidas à sua corte e fez com que os mesmos discutissem uns com os outros em sua presença. Esperava poder concluir, dessa disputa oratória dos sacerdotes sobre qual era a verdadeira religião. Assim foi que surgiram em Fatpur-Sikri esses originais diálogos religiosos: brahmanes, budistas, maometanos e parsis reuniram-se ali para desenvolver diante do imperador todas as vantagens do seu

próprio credo e todas as falhas das demais doutrinas religiosas.

Quando Akbar, um dia, foi informado de que havia nas costas índicas uma outra religião ainda com sacerdotes muito inteligentes, enviou ele, de imediato, um emissário a Goa e convidou os jesuítas, solenemente, a que participassem na disputa religiosa. Os padres reconheceram a inortância enorme desse acontecimento: se lograssem convencer Akbar da superioridade da doutrina cristã, então, todo o poderoso império do Mogol estaria em condições de ser conquistado, por esse meio, de um golpe, para o catolicismo. Já sonhavam os jesuítas com a possibilidade de fazer de Akbar um segundo imperador Constantino e, assim, enviaram eles os seus mais hábeis dialéticos e teólogos, Rodolfo Aquaviva, Jeronymo Xavier, sobrinho do grande apóstolo, Manoel Pinheiro e Benedicto Góis, à corte de Akbar.

Já nas primeiras discussões os jesuítas mostraram a sua superioridade sobre brahmanes, budistas, maometanos e parsis, pois eram versados, excelentemente, tanto nos Vedas como também na doutrina de Buda, no Corão e nas legendárias máximas de Zoroastro. Eles souberam sempre dispor as coisas de tal maneira que, quando discutiam com os parsis, por exemplo, esses, de início, faziam-lhes acenos amigáveis; pois tudo quanto os missionários cristãos diziam, soava como uma verdadeira confirmação da doutrina parsi. Se a alocação dos jesuítas se dirigia aos maometanos, então as suas explicações se encontravam em absoluta consonância com as doutrinas do profeta, e os moslims sorriam satisfeitos. Até mesmo os brahmanes tinham impressão de que ninguém ainda expusera o conteúdo dos seus livros sagrados de maneira tão clara e elegante como esses sacerdotes brancos. Mas os jesuítas acabaram concluindo com a afirmação de que as doutrinas da Igreja católica continham as mesmas verdades que os credos dos maometanos, hindus e parsis, apenas com a diferença de que essas verdades haviam encontrado no cristianismo a sua expressão mais pura. Então os parsis, brahmanes e maometanos começaram a sacudir a cabeça, pois nunca tinham imaginado uma tal conclusão. O imperador Akbar, porém, ficou inclinado a se decidir pelo cristianismo. Outorgou ele aos missionários o direito ilimitado de pregar e batizar, permitiu aos seus súditos se convertessem ao catolicismo e consentiu na edificação de uma igreja e de um colégio jesuíta em Agra. O que

o inedia, pessoalmente de adotar o cristianismo eram somente os dogmas da Santíssima Trindade e da encarnação do Criador na pessoa de Cristo; também a humildade pregada por Jesus pareceu ao soberano indigna de um Filho de Deus, e provocou o seu desagrado. Durante dias e noites a fio entreteve-se Akbar com os jesuítas a respeito dessas questões e pediu-lhes encarecidamente que o libertassem de suas dúvidas com explicações satisfatórias.

A explosão de uma guerra chamou o imperador ao cano de batalha. Mas tão grande era o seu zelo em penetrar a fundo os mistérios dos dogmas cristãos, não compreensíveis de todo para ele, que resolveu levar consigo na expedição os padres missionários. Cavalgaram eles a seu lado por através das estepes do Indostão, e nas noites consteladas junto ao fogo dos acampamentos ele dirigia-lhes, a todo o instante, milhares de perguntas. Nunca Deus havia inosto aos seus fiéis missionários a carga de uma responsabilidade tão pesada: existia aí a possibilidade de conquistar para a única e verdadeira doutrina um soberano poderoso e nobre, e, nesse caso, havia mister, talvez, de uma só palavra que teria franqueado ao imperador a significação dos dogmas. Mas o encontrar essa palavra eqüivalia a poder se tornar Akbar um segundo Constantino o Grande! Com todo o zelo, concentrando todos os esforços de sua erudição e eloquência, respondiam os jesuítas às incessantes perguntas do imperador; no entretanto, não conseguiam eles encontrar uma palavra que tivesse força para destruir os escrúpulos do Grão-Mogol. E assim foi que o imperador Akbar morreu inconverso, e com a sua morte soçobrou uma das grandes esperanças da missão índica jesuítica.

De Agra foram também os missionários jesuítas os primeiros europeus que penetraram na Ásia Central e no Tibete; na corte do Grão-Mogol haviam eles recebido notícias de um maravilhoso império de Catai, cuja religião parecia ser estreitamente aparentada com o cristianismo. O irmão leigo Góis resolveu ir em busca dessa Catai e incorporou-se a uma das caravanas que marchavam em direção ao norte e, passando por Cabul, pelo planalto de Pamir, pelo Turkestão e o deserto de Gohi, chegaram até as fronteiras ocidentais da China. A essa primeira expedição seguiu-se uma outra viagem de exploração em 1624, organizada pelo padre Antônio de Andrade. Por

através do vale do Ganges superior, Andrade foi penetrando e transpôs o Himalaia na passagem Mana, galgando uma altitude de mais de cinco mil metros, e, por fim, alcançou a cidade de Tchaprang no Tibete ocidental, onde permaneceu durante os nove anos que se seguiram. Dois outros jesuítas dirigiram-se, mais tarde, de Bengala para a parte oriental do Tibete, passando por Nepal. Suas informações e as de Andrade foram as primeiras comunicações, e, durante muito tempo, as últimas dignas de fé que a Europa ficou conhecendo desses países.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



DA CERIMÔNIA DO CHÁ AO MARTÍRIO

“Tem nove pés de altura, a cabeça pequena em relação ao corpo, o rosto vermelho, os olhos redondos, o nariz comprido. Visto de lado, tinha ele os ombros caídos; sua boca alcançava as orelhas, e seus dentes muito brancos se assemelhavam aos de um cavalo. Suas unhas lembravam as garras de um urso. Aparecia sempre com um ar humilde, e sua voz soava igual ao arrulho de uma pomba. Quando erguia os braços, a gente poderia dizer que tinha diante dos olhos um morcego com as asas estendidas. Era uma visão bastante assustadora.” Com essas palavras descreve um cronista japonês, no ano de 1552, ao padre jesuíta Organtino; nessa ocasião esses recém chegados do país dos “ bárbaros do sul” pareceram aos japoneses, sempre, monstros estranhos e, sob muitos aspectos, inquietantes. Pouco tempo mais tarde, porém, já o mesmo missionário Organtino podia informar a Roma cheio de esperançosa alegria: “ Dentro de dez anos todo o Japão estará cristianizado.” Pois, agora, os filhos das mais ilustres famílias japonesas procuravam obter ingresso nas casas de noviciado jesuítas recém fundadas, e suas filhas, esposas e irmãs incorporavam-se, às turbas, a uma sociedade de cristãs japonesas, que trabalhava sob a direção dos padres na catequese do país inteiro.

Nesse meio tempo os missionários já haviam aprendido, completamente, a adaptar-se à vida japonesa e de tal modo, que eles, em suas maneiras, em sua cortesia e mesmo na sua pronúncia do japonês se igualavam às pessoas mais distintas. Eles se moviam, inclinavam-se e se sentavam, seguindo à risca os preceitos da etiqueta japonesa, conheciam todas as finuras do cerimonial do chá, e sabiam, de maneira idêntica aos nativos, quais as fórmulas de cortesia a ser entregadas na conversação e a forma por que se deveriam usar substantivos e verbos, de acordo com a posição da personalidade interpelada. Já que conheciam o gosto dos japoneses pelo espetacular, envidaram todos os esforços para organizar festas pombas nos dias santos cristãos. Na sexta-feira santa faziam eles com que soldados japoneses montassem guarda em suas igrejas, junto ao santo sepulcro, envergando uniformes suntuosos. Depois, uma procissão de crianças vestidas festivamente conduzia os

instrumentos do martírio do Salvador em torno da praça da igreja e, aí, virgens convertidas recitavam em coro, em língua japonesa, a história da paixão de Jesus. Todas as vezes que morria um padre, os seus irmãos organizavam um sepultamento solene, o qual mais de um Chogun teria podido invejar, pois os jesuítas sabiam agora, também, o quanto no Japão era julgada a inortância e o prestígio de um homem de acordo com a pona de suas exéquias. Os círculos educados do país foram conquistados por meio do saber poliédrico dos missionários. Os jesuítas edificaram escolas, mantiveram cursos de dialética e fizeram vir da Europa uma tipografia, a qual, agora, editava livros japoneses: gramáticas, dicionários, obras literárias, tratados teológicos, as fábulas de Esopo em tradução japonesa e também extratos dos livros clássicos chineses, especialmente das obras de Confúcio. Impressos em muitos mil exenlares, esses livros baratos espalharam-se por todo o Japão. Os jesuítas deram-se manha também, com a mesma habilidade, para conquistar as camadas incultas ; para isso não desprezavam eles meio algum e souberam também se utilizar para seus intentos das superstições mais grosseiras do povo. Quando, de uma feita, alguns bonzos se propuseram a enfeitiçar o padre Almeida, esse se declarou, imediatamente, pronto para a experiência e afirmou, do seu lado, que haveria de vencer os demônios por meio da cruz. Os bonzos untaram o missionário com unguentos, puseram-lhe em cima ídolos, passaram-lhe serpentes em torno do pescoço e entoaram fórmulas de esconjuro de toda a espécie; mas Almeida agitava ininterruptamente a sua cruz, declarando que, com a ajuda da mesma, ele afugentava os demônios e, por esse meio, conseguiu que algumas pessoas do público se fizessem batizar imediatamente.

Se nesse ou naquele principado chegava ao governo um novo Daimyo, então, dentro em breve, aparecia também um jesuíta que lhe contava das enormes vantagens que o intercâmbio comercial com Portugal poderia trazer ao seu país. Cada vez com mais freqüência encontravam-se soberanos que, não somente adotavam o cristianismo, mas mandavam até destruir os templos budistas e expulsar os bonzos. Quando, uma vez, um daimyo se punha a criar dificuldades ao cristianismo, vinha ter à sua corte um padre e observava, incidentemente, que o intercâmbio comercial com Portugal poderia servir também para o fornecimento de armas de fogo; que os príncipes cristãos das

províncias vizinhas já tinham feito uso copioso delas. Essa insinuação bastava para que esse daimyo também pedisse o batismo rapidamente. Finalmente aproximou-se o tempo em que os jesuítas puderam exercer a sua influência na corte mesma de Miako; um daimyo de nome Oda Nobunaga erguera-se, agora, como soberano indiscutido de todo o Japão, e, sob o seu governo, a cidade, meio em ruínas, de Miako transformou-se outra vez em uma capital luxuosa. Mas com isso o sonho de Xavier chegara à realização: havia no Japão de agora em diante, um poderoso monarca e abria-se a possibilidade de cristianizar o império todo por meio da conquista desse monarca.

Quando Nobunaga ainda estava lutando pela conquista do poder, os sacerdotes budistas se opuseram a ele de maneira especialmente hostil; para quebrar-lhes o poderio procurou ele, então, incrementar o cristianismo. Concedeu aos missionários liberdade completa de prédica, dispensou-os de todos os inostos, convidou-os a edificar em sua nova capital de Azutche uma igreja e uma casa missionária, e, para esse fim, fez-lhes presente de um magnífico terreno. Afim de que ninguém pusesse em dúvida a sua amizade para com os cristãos, incendiou ele os conventos dos odiados sacerdotes budistas, retirou, pessoalmente, os ídolos de sua casa e mandou encarcerar sem misericórdia a todos os bonzos sobre os quais ele conseguiu deitar mão.

Dentro em breve os jesuítas já estavam desenenhando na corte de Nobunaga o papel de conselheiros íntimos; tinham entrada junto a ele a qualquer hora, convidava-os para as refeições e entretinha-se com eles sobre os seus grandes planos. Esses, porém, não visavam nada menos do que a conquista da China e assim os padres, agora, esperavam poder entrar em Pequim no séquito do vitorioso soberano japonês. Para essa expedição tornava-se necessária uma esquadra. Nobunaga, seguindo os conselhos dos jesuítas, resolveu mandar construí-la em Portugal, pois que os missionários lhe haviam acenado com preços sumamente baratos em virtude de sua mediação. Mas Nobunaga foi assassinado antes de chegar a hora de iniciar a sua expedição à China. Seu sucessor Toyotomi Hideyósh fora, na verdade, a princípio, favorável também aos cristãos; mas, dentro em breve, modificou a sua atitude. O fato de algumas virgens cristãs, que haviam despertado o seu agrado, se lhe terem recusado, apelando para os preceitos de sua nova

religião, colocara-o logo em más disposições de ânimo.

Mas, dentro em breve, surgia um outro incidente mais grave ainda: um navio mercante espanhol encalhara nas costas japonesas, e as autoridades confiscaram a preciosa carga. Afim de conseguir a sua libertação, os marinheiros tentaram instilar o temor nos japoneses e procuraram demonstrar em um mapa-múndi a colossal extensão da monarquia espanhola. A pergunta de um funcionário japonês, sobre a maneira pela qual o rei de Espanha pudera submeter tantos países, responderam eles: “Os nossos soberanos começam mandando para os países a que pretendem conquistar, primeiramente, os sacerdotes. Depois de terem esses convertido uma parte do povo, então seguem-se-lhes as tropas, as quais fazem causa comum com os povos cristãos e trazem o país inteiro para debaixo do governo da coroa espanhola.”

O partido bonzista da corte de Hideyoshi não deixou passar essa oportunidade para expor ao soberano, devidamente comentada, essa afirmação alarmante, e Hideyoshi, que já não podia suportar, absolutamente, os missionários, por causa das melindrosas virgens cristã, resolveu, em seguida, a extirpação completa de sua doutrina “perigosa ao Estado.” A partir daí, a situação dos padres tornou-se extraordinariamente difícil. Decretos rigorosos proibiam, sob pena de morte, toda e qualquer atividade de catequese aos sacerdotes e, à população interdiziam eles a adoção do cristianismo. Quem já tivesse recebido o batismo, estava obrigado a retornar, o mais depressa possível, à antiga religião.

Sob o reinado de Iyeyasu, sucessor de Hideyoshi, a perseguição aos cristãos tornou-se mais violenta ainda, fato esse que se ligou à chegada dos primeiros navios holandeses ao Japão. Os atilados neerlandeses haviam também descoberto, nesse meio tempo, a rota marítima para o Extremo Oriente e, em breve, apareceu uma embaixada oficial holandesa, a qual propôs ao governo japonês a celebração de um tratado comercial em regra.

Com isso desapareceram as últimas reservas que ainda detinham o soberano japonês diante do emprego de extremo rigor contra os jesuítas: depois do início das relações comerciais com a Holanda já se podia, perfeitamente, passar

sem os portugueses e, destarte, não havia necessidade de que se lhes fizessem concessões religiosas de nenhuma espécie. Assim é que, agora, um edito ordenou a queima de todas as igrejas católicas e punição severa de todos os missionários remanescentes no país. Os cristãos, rezava nesse decreto, tem em vista “ propagar uma lei perniciosa, exterminar a verdadeira doutrina, derrubar o governo e se apoderar do império.” Quando os padres haviam reconhecido, uma vez, que tudo se tinha conjurado contra eles, então acreditaram que Deus, que até então tinha exigido deles prudência, capacidade de adaptação, zelo e astúcia, pedia agora o seu holocausto, afim de mostrar aos pagãos japoneses, de maneira expressiva a verdade da doutrina cristã. E com a mesma presteza com que antes haviam estudado os mais complicados textos sanscriticos, com que haviam se disfarçado em brahmanes, aprendido as regras da etiqueta japonesa e, assim, conquistado as almas, para o reino de Cristo, aceitaram agora os jesuítas o martírio também, para a maior glória de Deus. Com serena tranqüilidade deixaram se encarcerar, torturar e crucificar, pois os japoneses haviam aprendido de suas prédicas acerca da paixão de Cristo, essa forma de execução desconhecida no Japão até aquela data, e lhes proporcionou um prazer especialmente sardônico o cravar na cruz os sacerdotes do Salvador crucificado. Outros padres foram dependurados pelos pés até que sucumbiram, miseravelmente, de inanição e outros por sua vez, foram decapitados e atirados ao mar. Mas, enquanto eles estavam pendentes da cruz, com a cabeça inclinada para o lado, à espera do seu fim ou marchavam para o escabelo da execução, continuavam pregando, até o seu último alento, que a doutrina de Cristo era a única verdadeira. E, depois de todas as muitas vitórias que haviam eles conseguido no Japão, mediante prudência e astúcia, essa morte digna, em honra de Deus iria exercer a mais duradoura das influências. Pois, quando muito tempo já passado, outros missionários católicos puderam novamente trilhar o solo do Japão, encontraram ali grandes comunidades secretas de cristãos; eram os descendentes daqueles japoneses que outrora haviam assistido o martirologio dos jesuítas.

Depois que o Japão se havia fechado para os missionários, no ano de 1600, os jesuítas se dirigiram também para a Cochinchina e Tonkin, onde o padre Alexandre de Rhodes, especialmente, colheu grandes resultados. O número dos

**nativos que se deixaram batizar ali, subiu, dentro em breve, a
cerca de quatrocentos mil.**

▪ *Autoria*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



PADRE RICI – DOUTOR LI

Os começos da missão japonesa estiveram estreitamente ligados ao comércio marítimo português, pois os daimyos haviam sempre calculado que o aparecimento dos missionários traria em resultado uma vivificação do tráfego com o império colonial português. Em compensação na China odiavam-se os portugueses, desde havia muito tempo, e se os procurava manter afastados dali por todos os meios.

Essa xenofobia visceral fora provocada, sobretudo, em consequência da impressão desfavorável, que causara o aparecimento dos portugueses nas águas chinesas. Assim é que no ano de 1516 o vice-rei de Cantão escrevia ao imperador, que os estrangeiros não tinham outra coisa em mente senão saquear as costas e se apoderar de pontos fortificados, sob pretexto de comércio. Precisamente quando os jesuítas deram início à sua atividade no extremo, oriente, governava a China a dinastia dos Ming, a qual estava dominada por espírito nacionalista e procurava alienar o “ Império do Meio” , a todas as influências estrangeiras, de maneira rigorosíssima.

Os jesuítas, no entretanto, souberam sempre tirar vantagem de todas as situações, e se eles no Japão haviam aproveitado o entusiasmo das autoridades pelo comércio português, em compensação, aqui, valorizaram eles, para os seus objetivos, a xenofobia dos chineses. Quando, pois, três mercadores portugueses que haviam penetrado clandestinamente em Cantão foram encarcerados, os padres jesuítas Barreto e Góis se ofereceram para realizar as negociações referentes à soma do resgate, estabelecida pelas autoridades chinesas.

Nessa qualidade de mediadores tornava-se-lhes possível chegar a Cantão sem percalços. Barreto fez presente ao governador chinês de um relógio, o qual este tinha visto com o missionário e cobiçado vivamente, e isto levou dentro em breve ao estabelecimento de uma amizade tão íntima, que o governador tolerou que os dois padres continuassem em Cantão, mesmo depois da satisfatória regularização do resgate. Não criou mesmo nenhuma dificuldade, quando alguns outros missionários seguiram as pegadas de seus dois irmãos de

Ordem, pois ele e os seus demais funcionários sentiam já viva sinatia por esses estrangeiros, que sabiam se conduzir tão amavelmente, com tanto tato e com tanto atilamento.

Enquanto Barreto e Góis dominavam a língua chinesa deficientemente, os jesuítas que vieram mais tarde já falavam o chinês correntemente e sabiam se entreter com os funcionários sobre as cousas mais sábias. Pois o padre Valignani, visitador da Ordem da missão asiatico-oriental, havia, nesse meio tempo, organizado um “assedio” da China em perfeita forma e ajustado anlos preparativos, afim de que os seus padres, na hora do seu aparecimento nesse país, dispusessem também dos conhecimentos necessários. No colégio de Macau os missionários jesuítas aprendiam, agora, todas as sutilezas das expressões idiomáticas chinesas da classe culta da mesma maneira que o dialeto da gente simples; estudaram eles a complicada escrita ideográfica e se apropriaram, por meio de numerosos livros, de conhecimentos básicos sobre a história, os costumes, as leis e a literatura da China.

Antes de partirem para a sua missão, reuniram eles, cuidadosamente, os presentes adequados, mediante os quais esperavam conquistar a benevolência dos altos funcionários e, conforme o caso, até mesmo do imperador. Sabiam eles que nesse país as ciências naturais gozavam de um prestígio enorme e, assim, os padres tinham cuidado de todos os instrumentos científicos possíveis, de fabricação européia, dos quais era lícito esperar encontrarem agrado entre os chineses. A familiaridade que tinham com a mentalidade e o caráter dos chineses pôs os jesuítas, desde o princípio, a resguardo do uso de um método que, infalivelmente, teria conduzido a um fracasso rotundo. Os chineses mostravam-se cheios de um orgulho desmedido pela sua alta cultura e instrução, como se mostravam firmemente convencidos da sua superioridade sobre os outros povos da terra. Em suas cartas geográficas o “Império do Meio” estava desenhado de maneira que cobria a maior parte do mundo; somente na orla da China estavam traçados pequenos “impérios bárbaros.” Com um povo assim, que considerava insignificantes todas as nações situadas fora da muralha chinesa, não se poderia, de maneira alguma, começar com as prédicas, pois os chineses estavam convencidos de que nada tinham a aprender dos outros povos. No conhecimento pleno dessas circunstancias, os jesuítas

apareceram, inicialmente, com extrema cautela e, durante longo tempo, ocultaram as suas verdadeiras intenções. Com os chineses, escreveu nessa ocasião para Roma um dos missionários, é necessário que se ande com astúcia e se evite cuidadosamente todo e qualquer zelo indiscreto; do contrário poderia acontecer facilmente, “ que as portas, que o Senhor Deus nos abriu para a China, se fechassem de novo”. Quando lhes perguntavam a razão por que tinham vindo à China, respondiam que a fama das instituições chinesas penetrara até eles, e se sentiam irresistivelmente atraídos pela sabedoria e virtude da China.

Adotaram os trajes dos chineses e se chamavam por nomes chineses; como soubessem que os chineses olhavam os portugueses com um desprezo especial, negavam eles, obstinadamente, tivessem qualquer coisa de comum com esses piratas bárbaros.

Entre os homens que haviam seguido os dois primeiros missionários a Cantão, encontrava-se também aquele padre Mateo Rici, cuja posterior influência iria criar as bases, propriamente ditas, do admirável sucesso da Companhia de Jesus na China. Rici apareceu em Cantão vestido com a singela sotaina de sacerdote budista e usando o nome chinês de Li mateu. A princípio adaptou ele o seu gênero de vida, exatamente, ao dos bonzos; como eles, mendigava à frente dos templos, instruía-se ardorosamente com eles sobre as doutrinas de Buda, procurando conquistar-lhes a confiança. Entretanto, uma vez, teve oportunidade de falar com um mandarim culto sobre astronomia; Rici se encontrava aí em seu próprio elemento, pois havia estudado em Roma com o famoso sábio jesuíta Cristóvão Clavius, durante anos inteiros, astronomia e matemática. Conseguiu, assim, assombrar o mandarim de tal maneira com seus conhecimentos, que o chinês acabou lhe dando um conselho importante. “ Vosso saber” , disse ele, “ provocou minha suprema admiração, e, por isso, recomendo-vos que renunciéis, de agora em diante, à vossa maneira de viver. No estado miserável que adotastes, só podereis encontrar ouvido entre muito pouca gente. Aparecei, pois, à maneira dos nossos sábios e então sereis recebidos em toda a parte com honra.”

Rici decidiu-se, imediatamente, a seguir esse conselho. Trocou a sua batina de padre budista pelas vestimentas distintas de

seda usadas pelos “literatos” chineses, e com essa troca de roupa o piedoso bonzo que ele havia representado ainda no dia anterior, desaparecera para sempre. Com o auxílio dos presentes trazidos, transformou o aposento de sua pequenina casa, que o governador lhe destinara, no escritório de um sábio completo: ali estavam de pé e deitados diversos instrumentos matemáticos, físicos e astronômicos, vidros prismáticos, por através dos quais se podiam ver as cores do arco-íris, obras da relojoaria de toda a espécie, esferas, bússolas, instrumentos de música, brochuras, quadros e cartas geográficas. Bem depressa se espalhou em Cantão a notícia de que chegara um homem muito sábio do estrangeiro, o qual trouxera consigo uma imensidade de coisas raras; chamava-se Li, falava o dialeto dos mandarins e usava o vestuário de um literato.

Não tardou muito tempo e a casinha do “santo doutor Li”, como Rici era comumente chamado, ficou literalmente sitiada por chineses ilustres. O Doutor Li observava, como natural, bem exatamente todas as fórmulas de cortesia que estavam prescritas para com os visitantes, mas, no restante, mantinha-se ele de preferência tão silencioso como um homem completamente preocupado com seus trabalhos científicos. Somente quando era argüido a respeito da significação desse ou daquele aparelho, de um livro ou de um quadro, é que dava explicações minuciosas. E nisso não caiu nunca em um tom pretensioso ou doutrinário; pelo contrário, manifestava o maior respeito pelos conhecimentos de seus visitantes e, humilde, pedia desculpas pela sua ignorância. De bom grado entretinham-se mandarins e sábios com esse “Doutor Li”, o qual sabia, tão magnificamente, dar explicações sobre todas as coisas que eles ignoravam e, ao lado disso, nunca lhes dava a perceber que os estava ensinando.

Primeiro que tudo, cada qual quis saber o emprego que tinham os aparelhos colocados por toda a parte. Rici explicava-lhes o fim e o manejo dos instrumentos, e eles faziam-no repetir constantemente as suas explicações. Um depois do outro foram sendo examinados os vidros prismáticos, os relógios e as bússolas, até que os visitantes, por fim, se aproximaram mais das paredes para ver os quadros ali dependurados. No lugar de mais destaque do quarto colocara Rici uma carta geográfica do mundo e, quando os chineses perguntavam a significação da mesma, explicava-lhes, em tom indiferente, que era uma

representação exata da terra. Mas nela a China não estava figurando, absolutamente, como o “Império do Meio” e sim como um país relativamente pequeno, rodeado de grandes impérios e nações, as quais, tomadas em conjunto, formavam a maior parte da terra. Dessa carta e das explicações que o sábio Li ministrava aos visitantes, surgiu a coisa incrível de que fora da China havia também outros países grandes e outras grandes nações. No dia em que os primeiros chineses contemplaram essa carta no gabinete do Doutor Li, vacilou uma crença três vezes milenária, nesse dia iniciou-se na cultura da China uma nova época. A princípio ergueu-se ainda mais de uma objeção contra as irritantes afirmações de Li. Porventura não tinham todas as autoridades clássicas ensinado, até então, que a China era o centro do mundo e que tudo em torno era pequeno e insignificante? Acaso não tinham estado os antigos de posse da mais sublime ciência, e era lícito ousar-se afirmar alguma coisa que se afastasse de suas doutrinas?

O Doutor Li manifestou o maior respeito e admiração pela sabedoria das autoridades chinesas, mas, enquanto isso, foi conduzindo os seus visitantes de tal maneira para perto das paredes, que eles também foram obrigados a observar as demais cartas, desenhos e quadros ali dependurados; neles estava traçado tudo quanto a Europa possuía em grandes cidades, maravilhas arquitetônicas e belezas artísticas. Tudo isso parecia indicar que os homens desses países não eram, absolutamente, bárbaros incultos, como até então se admitia na China, mas, iguais, pelo menos, aos chineses em sabedoria e cultura. Quando esse giro pelo quarto de Li chegara ao fim, insinuara-se automaticamente no espírito dos hóspedes uma ligeira dúvida sobre a exatidão das noções ensinadas pelas autoridades clássicas da China.

Quanto mais freqüentemente os mandarins e sábios conversavam com Rici, tanto mais robustecidos foram se sentindo eles em seu respeito por esses povos estrangeiros: se lá no estrangeiro todas as pessoas fossem como esse Doutor Li, então muitas coisas importantes se poderiam aprender com os europeus para o bem do Império Chinês. O governador de Cantão foi um dos primeiros a tirar conseqüências práticas dessa verificação.

Pareceu-lhe sumamente desejável que o Doutor Li instrísse os

chineses exatamente sobre todas as coisas existentes nesses países em boas instituições e inventos; muitas dentre essas poderiam ser úteis para a China. Ele pediu a Rici uma cópia também daquela carta geográfica sobre a qual deveriam estar registrados em caracteres chineses os nomes de todos os países, povos e cidades situados fora da China. Mandou inrimir essa carta e enviou um exenlar a todos os seus amigos. O missionário escreveu nessa ocasião para Roma, dizendo que a sua carta geográfica conseguira “que devagarinho todo o mundo fosse adquirindo uma noção completamente diversa da que existira até então sobre os nossos países, povos e, sobretudo, sobre os nossos sábios.” A exibição da carta geográfica foi “a obra mais útil que se poderia, por esses primeiros tempos, ter empreendido na China.”

Só muito mais tarde, quando já se firmara entre os chineses a convicção da igualdade dos europeus, foi que Rici, pouco a pouco, veio a falar, com a máxima cautela, de assuntos religiosos. Por ocasião da décima ou vigésima. visita de um de seus amigos chineses pôs ele, disfarçadamente, uma imagem da Mãe de Deus e outros símbolos religiosos entre os seus muitos livros e desenhos, e quando o visitante, depois, pediu informações sobre a sua significação, respondeu ele, sucintamente, que eram símbolos da religião européia. Depois deixou cair ainda uma observação sobre os bons costumes dos cristãos, que, em muita coisa, lembravam as instituições chinesas e em seguida a isso, mudou o tema da conversação até que os chineses instaram com ele, curiosamente, para que lhes desse a conhecer algo sobre a religião e os costumes dos europeus.

Quando logo depois disso o vice-rei da província Kiangsi convidou o padre para ir à sua capital, foi Rici recebido por ocasião de sua chegada com as honrarias que cabiam a uma homem sábio e famoso; pois, em toda a parte, já se conhecia a sua carta geográfica. Apesar d isso esperava por ele aí uma tarefa extraordinariamente difícil: se em Cantão fora suficiente apenas convencer os chineses da existência de uma humanidade civilizada fora da China, em compensação aí, onde se encontrava reunido um grande número dos sábios eminentes, tornava-se necessário demonstrar a superioridade da ciência européia sobre a chinesa.

Os sábios de Kiangsi eram, preponderantemente, matemáticos e dispunham nessa ciência de conhecimentos não escassos; pois já os antiquíssimos tratados do T'ung-tschih- kantschib kangmu haviam descrito não apenas as quatro operações fundamentais e a medição de superfícies de toda a espécie, mas também a arte de extrair raízes cúbicas e quadradas, da mesma maneira que as regras de mistura, os fundamentos da trigonometria e diversas equações não lá muito simples.

Entretanto, não fora de balde que Rici estudara no Colégio Romano com o padre Clavius; os matemáticos chineses não podiam levar-lhe a melhor. Dia e noite afundou-se no estudo das obras dos autores chineses até que descobriu as passagens aquelas em que o seu sistema mostrava lacunas e erros. Tomando por base a Euclides, redigiu ele um tratado de geometria em língua chinesa, no qual tudo aquilo que até então as chineses conheciam fragmentaria e infeitamente, estava agora exposto em ordem completa e sistemática. Depois ensinou Rici aos sábios chineses também a arte de fabricar relógios de sol, e explicou-lhes alguns cálculos astronômicos complicados. Como se interessassem também pelas questões do som, expôs-lhes ele os princípios fundamentais da acústica e, em tudo isso, conquistou a sua maior admiração. Quando, mais tarde, redigiu as suas primeiras obras morais e religiosas, os chineses viram nele já “um dos professores maiores e mais sábios” e aceitaram cada uma de suas palavras como revelação científica. Ele conhecia exatamente as doutrinas de Confúcio, referentes à concordância da lei divina com a razão natural, e quando, agora, se propôs, cautelosamente, a pregar o cristianismo em seus tratados, buscou apoio sempre nas passagens da literatura clássica chinesa, que mostrassem certas analogias com as doutrinas cristãs.

Vestiu ele o catecismo, de acordo com o gosto dos chineses, na forma de um grave diálogo entre um filósofo chinês e um sacerdote cristão: essa obra encontrou a maior aceitação, e os mais altos mandarins consideravam como uma honra o fato de mandar-lhes Rici um exenlar de presente. Ainda muito mais tarde os livros desse missionário foram incorporados à coleção clássica das melhores obras de literatura chinesa e, dessa maneira, “começou-se”, como escreveu nessa ocasião um padre, “a se propagar por toda a China o perfume da nossa religião.” Na verdade o número de homens que Rici convertera

de fato ao cristianismo e o número dos que ele batizara era ainda sumamente escasso; mas eram, por toda a parte, personalidades oriundas dos círculos mais distintos, mandarins e sábios de grande prestígio, cuja conversão constituiu uma recomendação extraordinária para a doutrina cristã.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



CONVERSÃO POR MEIO DE RELÓGIO E CALENDÁRIO

Circundado por uma muralha dupla e poderosa, erguia-se na cidade tatara de Pequim o palácio imperial Sin-ching. Essa muralha tinha sete milhas de comprimento e trinta pés de altura, e doze cavaleiros dispostos em fila poderiam galopar nela. A intervalos regulares estavam colocados poderosos bastiões. De suas seteiras enristavam-se as lanças e fuzis das tropas, às quais cabia defender constantemente o palácio.

O imperador usava o título de “ Filho do Céu” , pois os deuses lhe haviam dado a incumbência de dirigir e governar o mundo, de acordo com a sabedoria do seu espírito. O nome do imperador era tão sublime que não podia ser pronunciado, e o bom súdito chinês evitava até mesmo o uso das letras que apareciam também no nome imperial. Ninguém, além dos funcionários da corte, tinha ingresso no palácio. Mesmo dentre esses mui poucos eram os que haviam alguma vez contemplado o imperador pessoalmente.

Mateo Rici, porém, havia muito se decidira a conquistar para Cristo o imperador da China também, pois só assim a sua obra no Império do Meio poderia na realidade ficar completa. Ele se instalou à frente da capital, e depois de ter travado conhecimento com um alto funcionário, pediu ao mesmo que levasse um presente ao imperador no palácio; esse presente era um precioso relógio europeu lindamente cinzelado. O chinês trouxe a dádiva do missionário a uma das portas do palácio e, ali, passou-a às mãos do funcionário da corte que se achava de serviço.

Esse, primeiro hesitou durante algum tempo, sem saber se deveria passar adiante o presente, mas quando observou o relógio mais minuciosamente, a sua admiração cresceu em tal medida que resolveu entregá-lo ao seu superior e chamou atenção do mesmo para a estranha maravilha. A partir daí o relógio do padre Rici percorreu toda a escala hierárquica do palácio, até que chegou às mãos do primeiro ministro e, finalmente, às do próprio imperador. Também o Filho do Céu não vira nunca um relógio de dar corda e ficou completamente maravilhado com isso. Na verdade estava muito aquém de sua

dignidade o perguntar, com uma simples palavra que fosse, pelo mortal que lhe havia remetido o presente. Mas na manhã seguinte o relógio cessou, de repente, de caminhar. O imperador chamou a um de seus funcionários afim de que ele pusesse o instrumento outra vez em marcha, mas os esforços do mandarim foram em pura perda.

A corte inteira, uma pessoa depois da outra, tentou a sua sorte, mas nenhuma única conseguiu por em marcha o mecanismo. Então o imperador mandou, finalmente, perguntar quem é que, na verdade, trouxera, o relógio para o palácio e, em seguida, essa pergunta percorreu em sentido contrário toda a escala hierárquica do palácio, até ao porteiro. Pois o imperador não podia recobrar a sua tranqüilidade antes que o estrangeiro pusesse o relógio a caminhar de novo.

Sucedeu assim que, um belo dia, o sábio Doutor Li acompanhado por dois mandarins da corte transpôs o imenso portão do palácio imperial, subiu uma escadaria de mármore flanqueada por dois leões de cobre e caminhou ao longo da margem daquele riacho, que serpenteava por através de todo o palácio. Cheio de admiração contemplou ele os numerosos lagos e colinas artificiais, os muitos edifícios cobertos de telhas de vidro amarelo-ouro, a ponte dos dragões, de jaspe negro e os inumeráveis e magníficos vasos de mármore e porcelana. Depois de longa peregrinação os seus guias o conduziam por através de uma segunda muralha gigantesca que dava para um jardim, o qual parecia ainda maior e mais suntuoso do que o primeiro. Por sobre um terraço erguia-se um anlo átrio de mármore branco, e aí estava reunido um grande número de mandarins ilustres, metidos em vestimentas de seda brilhante.

Esses dignatários rodearam o estrangeiro e depois um lhe entregou o relógio e ordenou-lhe que o pusesse de novo em marcha. O Doutor Li inclinou-se com o respeito adequado, tomou o relógio na mão, abriu-o e executou alguns rápidos manejos dentro dele. Em seguida a isso devolveu-o ao mandarim e ei-lo a tiquetaquear de novo como dantes. Os mandarins manifestaram admiração cortês e agradeceram ao Doutor Li, com o que esse foi de novo levado para fora do palácio.

Na manhã do dia imediato, para grande pesar do imperador, o

relógio parou de novo e os funcionários da corte se viram obrigados a chamar o Doutor Li outra vez ao palácio. Isso se repetiu uma terceira vez, e agora Li trouxe ainda consigo dois quadros religiosos e um relicário ornamentado com pedras preciosas. Pediu, submissamente, permissão para entregar essas coisas ao Filho do Céu como tributo, juntamente com uma petição desenhada em belíssimos caracteres chineses, na qual se podia ler:

“Vosso humilde súdito conhece exatamente a esfera celeste, a geografia, a geometria e a aritmética. Com auxílio de instrumentos observa ele as estrelas e sabe manejar o gnômon. Seus métodos concordam, em tudo e por tudo, com os dos sábios chineses. Se o imperador houver por bem não repelir um homem ignorante e indigno; se, pelo contrário, permitir ele ao mesmo, sejam os seus escassos dotes aproveitados, então é o seu mais vivo desejo colocar-se, inteiramente, ao serviço de um tão grande príncipe.”

Tributo e petição, de acordo com o cerimonial, foram primeiramente apresentados a Li-Pu, ministro dos ritos; esse os encaminhou ao grande conselho dos mandarins da corte com uma decisão pouco favorável. “A Europa”, escreveu Li-Pu, “não tem ligação de nenhuma espécie conosco e não aceita as nossas leis. Os quadros que Li Mateo oferece como tributo representam um “Senhor do Céu” e uma Virgem, e não possuem nenhum valor especial. O estrangeiro entregou também um estojo, o qual, segundo o seu dizer, deve conter ossos de imortais; como se os imortais, quando vão para o céu, não levassem consigo os seus ossos! Em um caso análogo o sábio Ran Yu decidiu que não se deveriam introduzir no palácio novidades dessa ordem, pois traziam desgraça. Somos, portanto, de opinião que não é oportuno aceitar os presentes e nem tão pouco permitir a estadia de Li ma-teo na corte. Será bom que o façam voltar para o seu país.” Mas ao Imperador aprovou decidir de outra maneira, e quando despediu o padre, depois da primeira audiência, já o Filho do Céu sabia, perfeitamente, a maneira pela qual o relógio poderia ser posto de novo em andamento, caso parasse; apesar disso ordenou ele ao Doutor Li que voltasse na manhã seguinte e a mesma coisa se repetiu no dia imediato. Pois Rici relatara ao imperador, naquela primeira manhã, cousas referentes a um novo aparelho astronômico, que estava sendo utilizado na Europa e que dava

muito melhores resultados do que os antigos utensílios de medição. Agora o imperador desejava explicações mais minuciosas sobre a maneira por que esse gnômon europeu era construído. Depois que Rici explicara isso, minuciosamente, no dia seguinte surgiu ainda um outro setor da astronomia, cuja menção, aparentemente casual, pelo Doutor Li, despertou o interesse do imperador. Assim é que Rici sabia, por ocasião de todas as audiências, deixar cair uma observação, magistralmente, a qual deixava o soberano curioso e o induzia a mandar chamar o missionário de novo para junto dele.

Não se passou muito tempo até que o estrangeiro, que era dono de conhecimentos tão variados e extraordinários, veio a se tornar indispensável ao imperador. Mais tarde deu ele ao missionário até mesmo a incumbência de mandar vir para a corte, também, os seus conanheiros de crença, dos quais Rici a todo o instante falava; esses outros sacerdotes cristãos eram, assim o assegurava o mesmo Doutor Li, ainda mais versados na astronomia do que ele próprio. Dentro em breve os jesuítas estavam morando já no interior da “ muralha cor de rosa” , isto é, no recinto em que apenas os mais altos funcionários podiam se instalar, e o imperador lhes tinha fixado uma renda mensal, sob a forma de arroz e prata. Os piedosos quadro sobre os quais o ministro dos ritos se manifestara outrora de maneira tão desfavorável, pendiam agora da mais linda parede do salão de recepção, e, à frente deles, estava colocado sobre uma peanha suntuosa, ricamente trabalhada, o relicário; à frente dessas dádivas do doutor estrangeiro ardia, constantemente, o incenso em vasos de bronze de grandes dimensões, e nos candelabros que representavam pássaros de cores variegadas, ardiam noite e dia círios pintados com animais e flores. Em tão alta honra eram tidos agora os presentes do Doutor Li.

Por fim Rici foi incumbido da missão de ministrar o ensino de matemática, de ciências e de moral ao filho predileto do imperador. Não podia deixar de suceder agora, que os ministros também o convidassem e igualmente o solicitassem para explicações das ciências matemáticas e da moral. Dentro em pouco houve na corte de Pequim muitos batismos. Quando Rici morreu, bimbalhavam no império chinês já mais de trezentos sinos cristãos; o imperador declarou-se disposto a cuidar da sepultura de Rici e para esse fim fez presente aos missionários de um grande terreno. Os novos padres que haviam seguido ao

Doutor Li, desfrutavam agora também de elevadíssimo prestígio junto à corte e em todos os assuntos do Estado as seus conselhos eram solicitados. Quando alguns mandarins, no norte do império, manifestaram objeções contra o poder crescente dos padres estrangeiros, o ministro da corte publicou um decreto, no qual os serviços dos jesuítas eram louvados em palavras entusiásticas: “ Mestre Li foi o primeiro que, vindo do longínquo ocidente, entrou na China para aqui ensinar o cristianismo. O imperador o recebeu como seu hóspede, fixou-lhe uma pensão e pagou o seu sepultamento. Desde então os sábios do ocidente sucederam-se uns aos outros na capital... Os príncipes e ministros, os vice-reis, governadores e chefes de distritos honram e amam os estrangeiros e os tomam como seus modelos...”

“Vós, habitantes do país, vos considerais, porventura, mais inteligentes do que o imperador iluminado pelo céu, do que os ministros, discípulos do sábio Confúcio? Acreditai, no peito desses sábios vindos do remoto ocidente não se aninham nem a sede de glória e nem a cobiça! Viajaram eles nove vezes dez mil milhas, para chegar até nós, e afrontaram monstros e antropófagos somente para poder nos salvar da condenação eterna. Que misericórdia!...”

“Por isso eu vos digo, sábios e povo, despojai-vos de vossos preconceitos, dominai vossa antipatia, tomai em vossas mãos os livros dos sábios do ocidente e estudai-os profundamente. Obtereis, assim, iluminação e depois ficareis ruborizados de repulsa pelos vossos antigos erros!”

A lei suprema da China era o Tao, a lei do universo, segundo a qual se moviam os astros, a lua peregrinava no céu, o sol se ensombrecia, os caules brotavam do solo, as árvores se copavam em coroas de folhas, os arroios murmuravam e os mares oscilavam na vazante e na cheia. O homem deveria envidar todos os esforços para harmonizar a sua vida e a sua atividade com a força do Tao; só então lhe era lícito esperar, posto em harmonia com essa ordem divina, alcançar felicidade e bem-estar. Mas ao imperador fora pelos deuses inosta a missão de guiar o povo por meio de leis e regras, de maneira que o Tao humano entrasse em consonância com o Tao celeste; para esse fim o soberano tinha que aperceber os seus súditos, de ano a ano, antes de mais nada, com um calendário exato.

Já havia muito tempo antes, o imperador Jao ordenara a publicação de um “livro das indicações do tempo”, e, desde então, não se passava ano sem que “o imperial tribunal da matemática” tivesse de estabelecer, com a ajuda de instrumentos colocados na muralha sul do palácio, rigorosos cálculos astronômicos. Já havia muito se sabia durava o ano trezentos e sessenta e cinco dias e seis horas; sabia-se que dezenove revoluções do sol coincidiam com trezentas e vinte e cinco lunações, e com o auxílio de clepsídras haviam-se calculado as épocas de culminação dos astros mais importantes e as revoluções da lua e dos planetas, com grande exatidão. Assim é que os astrônomos chineses possuíam coordenadas bastantes para poder determinar com antecipação, de maneira aproximativamente exata, os fenômenos celestes que se iam dar cada ano. Depois de um ritual especial, o calendário era então dado à publicidade. Os funcionários do tribunal matemático dirigiam-se, vestidos de gala, ao “pavilhão dos dragões” e ali depositavam uns exenlares destinados ao imperador e às suas esposas; depois eram depositados nos outros pavilhões os calendários para as princesas e os mais altos dignatários, sobre mesas vermelhas, e, finalmente, como sinal de respeito para com a nova lei do ano, seguia-se uma procissão solene por através do palácio inteiro. No calendário estavam fixadas todas as ações que podiam ser praticadas e todas as que o não deveriam ser de maneira exata, conforme pontos de vista macrocósmicos. Com letras vermelhas e pretas anunciava ele os dias e horas favoráveis e os dias e horas nefastos ao trabalho agrícola, à celebração dos casamentos, às mudanças de residência, às reparações em navios, à caça, à pastagem do gado, aos sepultamentos e execuções. Quem observasse essas indicações do calendário, poderia estar sempre certo de um resultado feliz nos seus empreendimentos.

Entretanto, para o imperador, o calendário era o utensílio por meio do qual ele conseguia garantir a ordem no império. A obediência absoluta, que todo o chinês estava pronto a demonstrar com relação ao Tao celeste, manifestava-se na submissão completa ao soberano, pois esse havia presenteado o seu povo com o mais importante de todos os livros. Se o começo do ano era fixado exatamente pelo tribunal matemático, começo esse que era denominado o “tscheng” e, com isso, o calendário estava certo, então a ordem estava assegurada em

todo o reino: O imperador governava, assim, de acordo com as leis do céu, os funcionários exerciam as suas funções fielmente, o lavrador podia contar com boas colheitas. Mas se o “ tscheng” estava errado, ou se se tinham insinuado erros nos cálculos dos astrônomos, então o calendário, ao invés de guiar o povo com mão firme, segundo o Tao, desviava-o do caminho do universo; então surgiam aquelas temíveis perturbações, contra as quais já o sábio Juc’ling pusera de sobreaviso tão instantemente. Eis que agora estava sucedendo, desde havia muitos anos, que as colheitas se tornavam sempre piores, que as execuções se amontoavam, que os ministros governavam egoisticamente e roubavam como corvos. O imperador Wan-Li, da dinastia dos Mings, já mal conseguia fazer valer as suas ordens, pois o império todo era uma só fermentação. Cada vez mais abertamente falava-se na corte imperial, nos palácios dos mandarins e nas pobres cabanas dos Coolies que o Império do Meio tombara nas garras da desordem; porque o governo não estava mais de posse do verdadeiro Tao celeste. Profundamente inquieto passou o imperador a deliberar dia e noite com os seus ministros sobre a maneira pela qual era possível por um termo à desgraça progressiva, e na sua perplexidade acabou ele se voltando para os jesuítas. Os padres refletiram longamente, tomaram medidas, cobriram resmas de papel com cálculos de toda a espécie e afirmaram, por fim, que o tribunal matemático cometera erros grosseiros no estabelecimento do calendário; que, desde havia muito tempo já, os cálculos astronômicos do tribunal estavam errados e, por causa disso, o celeste império vinha sendo regido por decênios inteiros, de acordo com falsos calendários. Essa afirmação produziu uma consternadora impressão no palácio imperial. Naturalmente que a princípio dignos mandarins protestaram contra o fato de que os sacerdotes estrangeiros ousassem censurar instituições antiquíssimas, e o fizeram zelosamente como guardiães da grande tradição; mas, dentro em breve, o próprio céu se encarregou de dar testemunho a favor dos jesuítas.

Na China os eclipses solares eram considerados fenômenos sumamente importantes; o imperador tinha que ser avisado disso já um mês antes, e todos os altos mandarins eram obrigados a se reunir no pátio do tribunal astronômico na hora aprazada, revestido com as insígnias dos seus cargos. Eis que agora os jesuítas haviam predito um eclipse solar para um determinado dia e haviam dado mesmo a hora exata desse

acontecimento, muito embora nada constasse sobre isso no calendário oficial.

Quando, depois, na hora profetizada o disco solar começou, de fato, a escurecer, quando todos os dignatários reunidos, de conformidade com o ritual prescrito, lançaram-se ao solo e deram com a frente em terra, quando na cidade inteira o eco dos tambores e timbales ressoou, então os jesuítas tinham ganho a partida por longo tempo, pois, agora, estava evidenciado que os métodos de cálculo dos astrônomos chineses não valiam nada, e que o calendário, segundo o qual o império estava sendo governado, era realmente falso. O imperador ordenou imediatamente que, para o futuro, o tribunal matemático não se utilizasse mais dos métodos maometanos entregados até então, mas trabalhasse de acordo com os processos europeus; o padre jesuíta Adam Schal foi incumbido de executar a reforma do calendário. Nele passou-se a ver daí em diante um novo Confúcio, um sábio que o céu enviara expressamente para restabelecer a ordem destruída do universo. Esperava-se confiantemente de sua atividade, que, de agora em diante, as colheitas também melhorassem, que os funcionários não continuassem roubando e que as agitações no país cessassem. Mas, antes ainda que o padre Schal pudesse haver terminado as correções começadas dos antigos cálculos, caiu sobre a dinastia dos imperadores Ming a desgraça aquela que, necessariamente, teria que se seguir a um governo realizado de conformidade com calendários inexatos. As comoções intestinas não queriam mais terminar, e os tataros no norte e no oeste do império aproveitaram-se dessa circunstância para iniciar um ataque à muralha chinesa. De novo observaram os jesuítas fiel amizade ao imperador, mostrando-se tão versados agora nos assuntos estratégicos como já o haviam feito antes na astronomia. Quando os ministros e generais não sabiam mais como fazer frente ao ataque dos tártaros, o padre Schal se ofereceu para ensinar aos chineses a arte da fundição de canhões e para organizar a toda a pressa um arsenal talhado segundo modelos europeus. Agora, sob a direção dos padres, fundiam-se, afanosamente, canhões, e foram os missionários também a quem coube a tarefa de ministrar a instrução à tropa que iria servir a essas peças. Assim foi possível, dentro em breve, opor aos tataros o exército chinês com artilharia superior e, por fim, os inimigos tiveram outra vez que recuar por sobre a Grande Muralha. Entretanto os padres tinham chegado muito

tarde à China, de modo que já não lhes era mais possível colocar de novo o governo dos Mings em harmonia completa com a lei do Tao. Pouco tempo depois explodiu de novo a sublevação. Um exército rebelde avançou até à capital e conquistou mesmo o palácio imperial. O Filho do Céu não vendo mais nenhuma possibilidade de se escapar da prisão, suicidou-se. Na confusão geral reinante, um general chinês resolveu chamar em socorro os mandchurianos tataricos contra os revoltosos. Eles vieram de fato, sufocaram a rebelião, mas depois dirigiram-se logo a Pequim afim de tomarem posse para si mesmos do império.

O último príncipe da geração dos Ming morreu banido no sul do país, depois de ter se convertido ao cristianismo juntamente com sua mãe e ter recebido na pia batismal o nome de Constantino. Mas os jesuítas passaram a servir, daí por diante, aos imperadores mandchús com a mesma fidelidade que haviam dedicado antes aos Mings, pois, no fim de contas lhes era completamente indiferente saber quem governava a China, desde que tivessem a possibilidade de conquistar o Império do Meio para Jesus Cristo, valendo-se de um trabalho lento, metódico. Os novos soberanos por sua vez, a despeito de sua origem tatarica, sentiram-se iguais ao “filhos do céu”, os quais tinham a missão de governar o mundo segundo as leis do Tao; por isso necessitavam eles também de um calendário certo, e, portanto, dos astrônomos jesuítas.

Logo nos primeiros decênios do domínio Mandchú evidenciou-se também que, sob a nova dinastia, não reinava melhor ordem: o jovem imperador Chun-tsche perdeu a sua esposa favorita e o único filho havido com ela, e essa morte o abalou de tal maneira, que resolveu abdicar e recolher-se a um convento budista. Para que não se repetisse uma tal desgraça, foi dedicado cuidado especial ao calendário. Por isso o padre Schal foi nomeado diretor do tribunal matemático, recebendo também a dignidade de “mandarim de primeira classe.”

Nesses dias o imperador publicou um edito, no qual era louvada entusiasticamente, não apenas a ciência européia, mas também “a lei do soberano celestial”, quer dizer o cristianismo. Dez eunucos da corte, entre esses o criado favorito do imperador receberam o batismo e, se o Filho do Céu mesmo não se deixou induzir a dar esse passo, em compensação protegeu ele os

missionários e permitiu-lhes prédica livre em toda a parte, chegando mesmo a consentir na edificação de uma igreja cristã em Pequim.

O padre Schal prestou também ainda grandes serviços, como conselheiro militar e prosseguiu com o seu curso de instrução de artilharia. O seu prestígio, no entretanto, foi crescendo de tal maneira, que, dentro em breve, começaram a surgir contra ele os invejosos inimigos e intrigantes de praxe. A época era tanto mais propícia a esses, quanto o conselho da regência que agora dirigia os negócios, durante a menoridade do imperador Kang-hi, sentia poucas sinatias por inovações.

O matemático maometano Yan-kan-siem, que aspirava mesmo à presidência do tribunal matemático, levantou contra o padre Schal a acusação da traição à pátria; afirmou que a estadia dele na China servia a objetivos hostis ao Estado e constituía para o governo um grande perigo. O conselho da regência não estava nem um pouquinho seguro do seu domínio e, por isso, farejava conspirações por toda a parte; assim é que o padre Schal foi preso, levado diante do tribunal e, finalmente, condenado à morte. As correções introduzidas no cálculo do calendário pelos jesuítas tinham que ser suprimidas, seus livros, queimados. A direção do tribunal matemático foi conferida a Yan-kan-siem. Não obstante Schal não iria terminar no cadafalso e nem Yan-kan-siem na cadeira presidencial: sucedeu na verdade, que, depois que o calendário começara de novo a ser calculado segundo os antigos métodos, os mandarins se reuniram, um dia, de balde, no pátio do tribunal matemático, afim de aguardarem um eclipse solar anunciado por Yan-kan-siem; o astro luminoso não fazia a menor menção de se adaptar aos cálculos do novo presidente da astronomia. Em compensação a padre jesuíta Verbiest declarara já havia algumas semanas antes, que o eclipse solar se realizaria em um outro dia e em uma outra hora; dado, porém, que agora ninguém mais dera atenção às palavras do missionário, as autoridades deixaram de saudar esse tão importante fenômeno celeste, da maneira solene prescrita pelo ritual, quando ele se realizou, de fato, de acordo com as profecias de Verbiest. Com isso fora dada, de novo, uma demonstração frisante para a incapacidade de Yan-kan-siem e para a exatidão dos cálculos jesuíticos. Se o império não queria soçobrar, então não lhe restava outra coisa senão confiar de novo aos jesuítas a determinação do calendário. Por

isso, o padre Verbiest foi chamado para junto do imperador e declarou logo a esse que os cálculos dos astrônomos chineses não apenas estavam errados, mas que, mais ainda, os instrumentos da época ainda de Kublai Khan, em uso no observatório de Pequim, não funcionavam mais com exatidão. Em troca disso, porém, ele se propunha a construir aparelhos novos e de absoluta confiança, iguais aqueles que usava o grande astrônomo europeu Tycho Brahe.

Apenas decorrera um ano e já se erguia em uma colina o novo observatório jesuítico, com os seus instrumentos: uma esfera armilar para determinar a posição das estrelas, um astrolábio para avaliar a latitude e a longitude dos astros, um instrumento para calcular as altitudes e o azimute e um telescópio; Verbiest mandara fabricar todos esses aparelhos rigorosamente de acordo com as indicações de Tycho Brahe e, além disso, não se esquecera de ornamentá-los, conforme o gosto chinês, com cabeças de dragões e letras de toda a espécie.

A partir daí os eclipses solares começaram a concordar de novo com o calendário, pois Yan-kan-siem tinha sido expulso com insultos e opróbrios e substituído por Verbiest. O ministério dos ritos que se manifestara decisivamente contra o cristianismo, no tempo do processo Schal, chegou, agora, à opinião igualmente decisiva de que a religião dos estrangeiros não continha absolutamente nada que pudesse prejudicar o bem do Estado, pelo contrário, a lei moral cristã deveria ser designada como “excelente”. Todos os dispositivos decretados contra os missionários foram revogados e os jesuítas que estavam presos, receberam indenizações do governo. Depois da morte de Verbiest o imperador ordenou a celebração de exéquias solenes, como, aliás, só cabiam aos dignatários de categoria mais elevada. Mandarins ilustres, no meio deles o cunhado do imperador, o comandante da guarda de corpo e o comandante do palácio, tiveram de acompanhar a cavalo o esquife. Os cristãos da capital e das localidades circunjacentes marcharam a frente do cortejo levando à mão círios acesos e bandeiras, seguindo-se-lhes os missionários com paramentos brancos, e cinquenta cavaleiros da guarda imperial encerravam o cortejo. Quando algum tempo mais tarde o vice-rei de uma província quis tomar atitude hostil contra os missionários e os seus catecúmenos chineses, o imperador Kang-hi publicou um edito de tolerância em forma.

“Os homens do ocidente” , proclamou o soberano, “ puseram em ordem o cálculo do calendário; durante a guerra repararam eles os antigos canhões e fabricaram outros novos. Em conseqüência disso muito fizeram eles pelo bem do império e sempre se deram a grandes trabalhos. Muito embora seja permitido a qualquer um, visitar os templos lamaistas, budistas e quaisquer outros, afim de ali queimar perfumes, vós pretendeis proibir aos europeus, que aliás não praticam nada proibido, que façam isso. Essa diferença de tratamento nos parece destituída de lógica e somos de opinião que, daqui por diante, ninguém possa ser inedito de queimar perfumes nos templos ao senhor celestial.”

Com esse edito fora reconhecida, de agora em diante, na China formalmente também, a liberdade da religião cristã.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



COMO PROFESSORES E DIPLOMATAS NA CORTE DE PEQUIM

“Devereis vir todos para minha corte, e aqueles que forem versados em matemática, poderão ficar comigo e servir-me”. Assim resolveu o imperador Kang-hi, quando os padres pediram o seu consentimento para mandar buscar na França outros irmãos da Ordem. Pois já o padre Schal, a quem fora confiada primeiramente a educação do jovem imperador, soubera inculcar, excelentemente, no rapaz uma intensa sede de saber; às lições de Schal é que se devia agradecer o fato de Kang-hi ter sido dominado durante toda a sua vida pela ânsia de novos conhecimentos e por ter desejado sempre receber explicações exatas sobre todos os fenômenos havidos entre o céu e a terra. Quem mais, a não ser os sábios padres jesuítas, teria sabido satisfazer a curiosidade de Kang-hi e, ao mesmo tempo, mantela sempre desperta? Quando o padre Schal fechou os olhos, a sua alma pode se recomendar, tranqüila, à misericórdia do Senhor, pois ele sabia que o seu pupilo continuaria a fazer perguntas durante a sua vida inteira e que, enquanto Kang-hi fizesse perguntas, os jesuítas haveriam de gozar em sua corte de poder e prestígio.

Todas as manhãs o imperador mandava chamar os padres, afim de que eles lhe explicassem uma lei física, uma equação matemática, ou uma construção geométrica, com cuja solução ele se torturara, debalde, durante a noite. Também durante o dia o soberano abandonava, muitas vezes, importantíssimos assuntos de governo, e apressava-se a ir ter com os jesuítas pois que, de repente, se lhe encasquetara na cabeça um cálculo astronômico que ele não conseguia resolver sozinho. Mesmo de noite ocorriam-lhe, constantemente, novas perguntas, e, só a muito custo, é que ele podia se separar de seus professores europeus, para se recolher a um breve repouso. Em breve já não se satisfazia com um mero conhecimento teórico; quando os missionários, agora, lhe tinham explicado uma construção geométrica, ele queria controlar praticamente também se os cálculos feitos eram exatos. Para esse fim mandava ele fabricar cubos, pirâmides, cilindros e cones de diversos materiais e media-lhes a superfície, a altura e o volume. Juntamente com os padres calculava ele o peso, de diferentes esferas de um

diâmetro dado ou então calculara- lhes o diâmetro sendo conhecido o peso, e não lhes dava descanso antes de ter executado com eles o nivelamento do curso de um rio. Com a ajuda de seus conhecimentos trigonométricos, recém adquiridos, determinava ele a largura de arroios e tanques ou a altura de edifícios e sentia-se infinitamente alegre quando a medição confirmava o resultado obtido pelo cálculo.

Um dia o padre Benoit entregou-lhe uma carta celeste com uma explicação em língua chinesa, a qual continha os princípios do sistema copernicano. Por meio dela Kang-hi ficou inteirado, pela primeira vez, da rotação da terra em torno do sol e esse pensamento pô-lo em uma excitação tal, que, durante dias a fio, não recebeu a nenhum de seus mandarins da corte, deixando sem resolver os assuntos de governo mais urgentes, e ansiando por assimilar todas as conseqüências que se haviam aberto diante de seus olhos com a nova e abaladora concepção do universo.

Depois disso chegou a vez dos problemas químicos e médicos, abriram-se para o imperador os canos infinitos da especulação filosófica.

Dentro em breve Kang-hi já não podia mais viver sem os jesuítas. Para tê-los mais perto de si, resolveu por de lado todas as regras de etiqueta cortesã. Permitia-lhes que se sentassem junto a ele, ao passo que os demais dignatários de alta categoria e até mesmo os príncipes imperiais, em presença do Filho do Céu tinham que se conservar sempre de joelhos. Muitas vezes chegava a esquecer a sua dignidade a tal ponto que ia visitar os missionários, entretendo-se com eles durante horas inteiras.

Já às quatro horas da madrugada os missionários tinham que se levantar, para prestarem as suas homenagens, em tempo oportuno, ao impaciente soberano; somente com o cair da noite é que eram eles dispensados e, mesmo assim, ainda tinham que elaborar o programa imperial para o dia seguinte. Quando ficava só o imperador, repetia sempre, caprichosamente, as lições que acabara de aprender, relia os apontamentos dos padres e, então, explicava aos seus filhos o que ele mesmo recém aprendera. O padre Gerbilon teve mesmo que acompanhar o imperador em uma viagem à Tartaria, pois Kang-hi não queria

passar nem um só dia sem lição.

O missionário narra o magnífico encontro do imperador com os Grandes tártaros, descreve as suntuosas cerimônias do grande “Kotan” e o banquete em que participaram cerca de 800 príncipes tártaros. Também nessa ocasião Kang-hi despediu os hóspedes todos o mais depressa que lhe foi possível, afim de se entreter com Gerbilon sobre a eclíptica e a órbita da terra. No fim de contas os jesuítas também encontraram maneira, é verdade que com a maior precaução, de puxar o assunto para o cristianismo e souberam dispor o ânimo do soberano a favor dessa religião de maneira tão benévola que o mesmo lhes fez presente de um terreno para construção de uma igreja e contribuiu, além disso, com dez mil “taels” para os gastos de edificação. Quando a igreja ficou pronta, Kang-hi entregou aos jesuítas uma inscrição redigida por ele mesmo, para ser colocada no portal. Continha ela uma fórmula completa de adoração dirigida ao deus dos cristãos, o qual era designado aí como “a verdadeira causa primaria de todas as coisas, sem princípio nem fim.” Os padres contaram-lhe, além disso, tantas coisas sobre a dignidade e o poder do Papa, que Kong-hi alimentou o pensamento de se aparentar pelo casamento com o príncipe da cristandade. Por isso escreveu ele uma carta ao papa, na qual solicitava a mão de uma de suas sobrinhas.

“A ti, Clemente, o mais abençoado de todos os papas, abençoado e grande imperador de todos os papas e igrejas cristãs, senhor dos reis da Europa e amigo de Deus!” Com essa invocação dá início ele à epistola original, conservada no arquivo do ministério do Exterior de Paris. “O mais poderoso de todos os poderosos da terra”, contém mais adiante esse documento, “o qual é maior do que todos os grandes sob o sol e sob a lua, e que está sentado no trono de esmeraldas do império da China, erguido sobre cem degraus de ouro, afim de explicar aos fiéis a palavra de Deus, o qual dispõe do direito de vida e morte sobre 15 reinos e 170 ilhas, escreve esta carta com a pena virgem do avestruz. Saúde e vida longa. Chegou o tempo em que a florescência de nossa juventude irá sazonar o fruto de nossa idade madura, afim de que se realize, ao mesmo tempo, o desejo de nossos fiéis súditos e lhes seja dado um herdeiro do trono para a sua proteção. Assim sendo, resolvemos desposar uma donzela ilustre e bela, que tenha sorvido o leite de uma leoa corajosa e de uma mansa corça. Dado que o vosso povo

romano foi considerado sempre como o genitor de mulheres valentes, castas e inexcedíveis, havemos por bem estender a nossa mão poderosa e tomar uma delas por esposa. Esperamos que possa ser uma de vossas sobrinhas, ou a de um outro grande sacerdote, sobre a qual Deus tenha lançado o seu olho direito... Desejamos possua ela os olhos da pomba, a qual contempla o céu e a terra, e os lábios de um marisco, que se alimenta do rubor da aurora: sua idade não deverá ir além de duzentas luas; sua altura terá que ser do comprimento de um caule de trigo verde e que seu talhe como um punhado de trigo seco... Aquiescendo ao nosso desejo vós, pai e amigo, tereis estabelecido uma aliança e uma amizade eternas entre os vossos reinos e o nosso poderoso país. Nossas leis ficarão unidas, como a trepadeira que se enlaça em torno da árvore. Nós mesmos espalharemos o nosso sangue real em muitas províncias e aqueceremos o leito de vossos príncipes com algumas de nossas filhas, das quais os mandarins, na qualidade de nossos embaixadores, vos entregarão os retratos... Enquanto isso erguemo-nos em nosso trono para vos abraçar. Declaramo-vos que esta carta foi selada com o timbre de nosso império, em nossa capital do mundo, no terceiro dia da oitava lua do quarto ano de nosso reinado.”

Esse projeto matrimonial, na verdade, não foi realizado, mas, apesar disso, o cristianismo fez um progresso rápido na própria família do imperador; dos trinta e cinco filhos e vinte filhas de Kang-hi alguns se fizeram batizar. O extraordinário favor do soberano deu em resultado que os missionários passassem a desfrutar de enorme prestígio entre o povo também e que pudessem eles realizar muitos batismos; nessa ocasião surgiram por toda a parte na China paróquias e igrejas cristãs.

Dentro em breve ofereceu-se aos padres uma outra oportunidade para ampliação de sua atividade missionaria. Kang-hi incumbiu-os, por exemplo, da organização de uma nova carta geográfica de todo o império, e, no cumprimento dessa ordem, os padres se viam obrigados, a miúdo, a realizar longas viagens. Visto que, nessas ocasiões, apareciam eles como enviados do imperador, e levavam consigo uma grande escolta, a sua chegada causava em toda a parte uma grande impressão e proporcionava ao cristianismo nas províncias um apoio moral extraordinário. Os missionários, durante essas expedições geográficas, visitavam ao mesmo tempo as paróquias cristãs,

regulavam os seus assuntos e cuidavam da edificação de novas igrejas.

Um conflito político ofereceu-lhes em breve, a possibilidade de se mostrarem úteis ao imperador, também em outros assuntos. Constantes pendências nas províncias limítrofes sino-russas tinham tornado iminente o perigo de uma guerra e, visto que algumas tribos tártaras perigosas faziam menção de se aliar aos russos contra a China, em Pequim começou-se a procurar a maneira de evitar um conflito aberto. Mas faltava aos mandchús toda e qualquer experiência em negociações diplomáticas, e assim foi que não lograram eles encontrar uma base razoável para o entendimento. Os jesuítas realizaram então uma conferência da paz e participaram até mesmo das negociações como intérpretes e mediadores. O padre Gerbilon foi em seguida ao acampamento dos russos e deu-lhes a entender o quão vantajoso seria o obterem eles dos chineses um tratado comercial lucrativo, em troca de concessões territoriais. Os russos eram bastante comerciantes, para que não fossem perceber a exatidão das explicações de Gerbilon, e se declararam, imediatamente, prontos a abrir mão em favor da China dos territórios contestados, caso obtivessem a permissão para mandar a Pequim, anualmente, uma delegação comercial. Quando o padre Gerbilon, já entrada a noite, regressou ao acampamento chinês, trazia consigo um tratado de paz já pronto, cujas cláusulas eram absolutamente favoráveis aos chineses. Dois dias mais tarde o tratado foi assinado; era o primeiro pacto que o império chinês concluía com uma potência européia. Na China tomou-se em alta conta esse sucesso diplomático dos jesuítas; os mandarins mais ilustres lhes felicitaram, e o príncipe Sasan, o chefe oficial da delegação de paz, agradeceu-lhes com as mais lisonjeiras expressões o valiosíssimo serviço.

Os missionários, que, em todas as situações da sua atividade governamental, se haviam postado fielmente ao lado do imperador, demonstraram ser ainda colaboradores valiosos, quando Kang-hi, já envelhecido, cansado, doente e achacado de dores, começou a se extinguir.

Dentro em breve apareceram os padres Gerbilon e Rouvet no quarto do soberano enfermo trazendo-lhe uma caixa com bolinhas de miolo de pão; essas, como eles o asseguravam,

havia curado o poderoso Rei Sol da França, de uma grave enfermidade; e de fato – apenas Kang-hi ingerira algumas dessas pílulas, eis que já começou a se sentir completamente restabelecido e pode se aplicar ao governo do império e aos teoremas de Euclides com forças novas. Alguns meses mais tarde adoeceu ele de novo de uma febre maligna, a qual aparecia com grande violência todos os dias à mesma hora. Os missionários foram chamados outra vez e reconheceram logo que Kang-hi estava atacado de malária. Recomendaram-lhe o uso de uma casca medicinal, que seus irmãos da Ordem tinham descoberto; era a chamada “ casca dos Jesuítas” , que mais tarde, sob o nome de cascas de quina, iria se espalhar por todo o mundo.

Mas os padres tiveram de sentir aí, pela primeira vez, que se formara na família imperial uma resistência contra eles; o príncipe herdeiro protestava contra o fato de estar seu pai usando um remédio desconhecido na China, e afirmava que ninguém sabia ao certo se esse remédio não iria prejudicar a saúde dele. Dado, porém, que o estado de Kang-hi ia piorando cada vez mais, ficou resolvido que quatro príncipes experimentassem, primeiro, o efeito do medicamento em si mesmos. Depois que essa experiência foi coroada de um feliz resultado, o imperador resolveu também experimentar as cascas dos jesuítas. No dia imediato não apareceu o esperado acesso de febre, e a mesma coisa aconteceu nos dias subseqüentes. Logo depois do seu restabelecimento Kang-hi foi do palácio à cidade acompanhado de grande séquito. E o que nunca acontecera, estava acontecendo agora: permitiu ele ao povo, que, aliás, por ocasião das excursões do imperador era escorraçado das ruas, nelas permanecesse. Em sua companhia achavam-se os quatro padres Gerhilon, Bouvet, Fonteney e Visdelon; tiveram eles licença para permanecer de pé, enquanto os próprios mandarins mais elevados eram obrigados a se prostrar de joelhos e tocar o solo com a fronte.

O imperador, então, voltado para os missionários disse em voz alta: “ Vós europeus me haveis servido sempre com zelo e dedicação e, até o dia de hoje, não tenho razão para vos fazer a menor acusação. Muitos chineses desconfiam de vós, mas eu, que fiz observar todos os vossos passos cuidadosamente, estou tão convencido da vossa correção e sinceridade, que declaro alto e bom som: é necessário que acreditem em vós e

que em vós confiem!” Em seguida a isso Kang-hi narrou ao povo que estivera doente, e que os estrangeiros tinham restaurado a sua saúde.

Os jesuítas haviam salvo o soberano duas vezes; numa terceira vez, quando ele regressou da caça atacado de uma grave pneumonia, o mais que puderam fazer foi lhe suavizar a morte. Acalmaram-lhe o coração, que pulsava violentamente, com o emprego de um electuario, e depois deram-lhe a beber do seu vinho de missa, o qual eles mandavam vir todos os anos de Manila; era o sangue de Cristo, declararam eles ao imperador, e o vinho do altar cristão deu ao enfermo, na realidade, forças de novo por algum tempo, Kang-hi morreu cheio de respeito pelo Deus dos cristãos, o qual o ajudara a passar as últimas horas de sua vida sem sofrimento e com ânimo tranqüilo.

Mas em toda a China haviam se espalhado, nesse meio tempo, os rumores referentes aos milagrosos remédios dos europeus. Centenas de enfermos afluíram para junto dos padres, e todos eles receberam tratamento médico. Com isso tiveram os missionários muitíssimas oportunidades de falar a respeito de sua religião e induzir ao batismo as pessoas curadas, cheias de agradecimentos. Assim é que, agora, foram conquistadas muitas almas para o reino de Cristo, graças a pílulas francesas, pós índicos e vinho espanhol.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



A ORDEM DOS JARDINEIROS E PINTORES EXPEDITOS

Entretanto, com a subida ao trono do novo imperador Yongtsching, surgiu para o cristianismo na China uma época de grandes provações e perseguições. Já como príncipe herdeiro o filho de Kang-hi não fizera nenhum mistério da sua aversão aos europeus e à sua religião; depois da sua subida ao trono, porém, pareceu ele dar ouvido apenas às insinuações dos seus conselheiros inimigos dos cristãos.

“Os europeus” , declarava agora o censor imperial Fan em um memorial, “ ensinam uma religião falsa e perigosa. Afirmam que o Senhor do Céu nasceu em uma região chamada Yu-ya-a, na época em que Han-gai-ti governava a China. Mais ainda, que ele tomou o sangue de uma virgem santa chamada Ma-li-ya e formou assim o seu corpo humano. Que, com o nome de Ye-su, viveu trinta e três anos e depois foi imolado na cruz pelos pecados dos homens. Nós não temos essa crença e nem tão pouco a recebemos dos antigos. Aqueles que aceitam essa lei recebem um chamado batismo; os cristãos mais antigos são iniciados nos mistérios secretos e bebem a sagrada substancia. Eu não sei que espécie de feitiçaria será essa. Eles não observam os usos do império, mas possuem os seus livros e os seus ritos próprios. Acaso isso não significa subverter a forma de governo! Porventura não é suficiente a nossa antiga doutrina! Já existe um grande número de cristãos nas imediações da corte, e se não se puser um cobro imediato à sua atividade, eles acabarão inundando o império.”

O tribunal dos ritos em Pequim, por sua vez, instaurou um processo contra o cristianismo, e como o imperador estivesse mal disposto com relação aos missionários, a corte judiciaria decidiu contra os europeus e sua religião. Yong- tching lavrou, dentro em breve, um edito, em consequência do qual numerosíssimas igrejas e paróquias cristãs foram destruídas, trezentos mil chineses encarcerados e obrigados à abjuração.

Essa situação difícil, no entretanto, o que fez foi proporcionar aos jesuítas na corte imperial uma nova oportunidade para demonstrar o que eles eram capazes de realizar pela maior glória de Deus; o desfavor do novo soberano era para eles

apenas um incentivo a mais para aumentarem a sua capacidade até ao sumo grau e, por esse meio, salvar do soçobro o fruto de um trabalho longo e cansativo.

Quando, pouco tempo depois da subida ao trono de Yong-tching, chegou a Pequim uma embaixada russa, com o fito de concluir um importante tratado comercial com o governo chinês, foram, de novo, os padres jesuítas os únicos em condições de poder negociar com os delegados russos. Tratando-se então de organizar a primeira embaixada chinesa para a Rússia, foram os padres, tão somente, que souberam quais as instruções que deviam ser dadas à legação, e de que maneira a credencial para o Czar deveria ser redigida, afim de que fosse aceita favoravelmente em S. Peterburgo.

No fim de contas os jesuítas realizaram quase que com inteira autonomia as difíceis negociações com os plenipotenciários russos, e obtiveram um tratado mais favorável para a China do que o haviam esperado em Pequim. Não podia deixar de acontecer que esse sucesso contribuísse para que o imperador viesse a formar uma melhor opinião acerca dos missionários, e, nessa ocasião, o padre Parrenin obteve uma suavização enorme das medidas decretadas contra os cristãos.

Yong-tching não havia herdado o interesse científico do pai e não possuía nenhuma compreensão para a matemática e a astronomia. Mas, agora, acabou reconhecendo que os jesuítas entendiam mais da administração do estado do que os seus próprios ministros; por isso, daí por diante, ele passou a tratar os missionários muito amigavelmente e lhes permitiu até mesmo que mandassem vir da Europa para a corte mais dois padres da Ordem.

Assim haviam os jesuítas conquistado de novo uma posição influente, e o favor imperial, do qual eles agora podiam se alegrar outra vez, protegeu em medida significativa também as comunidades cristãs em todo o império. Pois com isso não apenas as ordens de perseguido haviam sido substancialmente suavizadas; também os mandarins nas províncias não ousavam agir com todo o rigor contra uma religião cujos sacerdotes gozavam em Pequim de tão alto prestígio.

Sob o governo de Kien-long, o subsequente imperador mandchú, a situação dos missionários e dos seus cristãos iria piorar de novo, substancialmente. Kien-long, de resto, tinha para com a religião estranha, que lhe parecia perigosa aos interesses do Estado, apenas ódio e desconfiança, e assim foi que ele, dentro em breve, decretou medidas que visavam um extermínio completo do cristianismo. Dessa feita a situação pareceu sumamente desesperadora e, pois, agora, nem um só dentre os ministros e grandes podia se atrever a fazer ponderações ao imperador e induzi-lo à suavização de seus decretos. Aquilo que Kien-long ordenava devia ser executado sem tardança, e sua palavra tinha que ser considerada como sabedoria suprema, como ordem direta do céu.

Pois esse quarto soberano da dinastia dos mandchús era mais orgulhoso de que mesmo os mais orgulhosos dentre os Mings o haviam sido. Vivia em rigoroso isolamento no seu palácio, cujas salas continham tudo quanto fora fabricado na China, Japão e Índia, em obras darte magníficas e magníficas preciosidades. Rodeado apenas por suas mulheres e eunucos, Kien-long vivia, qual um deus, entregue à sua própria adoração. Quando os ministros e príncipes lhe apresentavam os seus relatórios, então eram obrigados, deitados no solo, o rosto colado à terra, a esperar, silenciosos, as ordens do imperador, e a executá-las ao pé da letra, qual se fossem instruções divinas.

Se sucedia que Kien-long abandonava alguma vez o palácio, para percorrer as ruas da capital, então, já na véspera, soldados a cavalo irrigavam todo o caminho que o imperador pensava percorrer, e cuidavam de que todas as lojas se fechassem, todas as janelas e portas fossem veladas com espesso pano, afim de que nenhum mortal lograsse por os olhos no sublime soberano.

Assim é que, durante muito tempo, os jesuítas não encontraram nenhuma oportunidade para falar ao potentado, imbuído de sua divindade, e para induzi-lo a uma atitude mais branda com relação à religião cristã. Na verdade os padres detinham ainda em suas mãos a presidência do tribunal matemático, pois, agora como antes, ninguém, a não ser eles, conhecia o cálculo exato do calendário anual. Assim é que o presidente jesuíta do tribunal podia também, juntamente com alguns outros dignatários, apresentar relatórios ao imperador, uma vez que

outra; mas ele também tinha que se estender no chão a fio comprido, e o imperador o favorecia com um olhar amigável ou com uma palavra branda tanto quanto os outros mandarins.

Embora os outros padres, que tinham chegado a Pequim, levando em conta a permissão concedida pelo antigo imperador, houvessem podido, em conseqüência disso, permanecer ali e demonstrar muitas vezes suas habilidades diplomáticas e matemáticas, mesmo assim isso não causou no imperador impressão alguma. Com a indiferença de um filho dos deuses verdadeiramente sublime, tomava ele conhecimento de todos os serviços que lhe prestavam sem dar uma só palavra e, em nenhum momento, considerava necessário mostrar-se reconhecido a isso por meio de um favor especial.

Mas, justamente no momento em que se tinha a impressão de que toda a influencia dos jesuítas na China se tornara sem mais esperanças, foi que veio em ajuda dos padres, precisamente o conceito de divindade de Kien-long, concedendo-lhes a oportunidade de alimentá-la. Kien-long, na verdade, tinha sempre a impressão de que o seu palácio e seus jardins, apesar das preciosidades que continham, não eram suficientemente magníficos para servir como sitio de moradia ao mais sublime filho dos deuses. Incessantemente estava ele a imaginar como poderia aperfeiçoar mais ainda a suntuosidade do seu lugar de permanência terrena.

Mandou revestir as paredes dos seus aposentos de ouro puro e pedras preciosas e, depois, por cima dessa camada de ouro, foram pintadas paisagens com pássaros e flores pelos melhores pintores do império. Cuidado especial, porém, dedicou ele à preparação da sua residência estival de Yoen- ming-yoen. Os jardins, com os quais estavam ligados os inúmeros pavilhões e templos do palácio, excediam a tudo quanto jamais houvesse sido construído em qualquer parte do mundo; já que a natureza, somente, não podia satisfazer o gosto do imperador, haviam sido arrançados aí montes, vales, bosques e rios artificiais; através de vales amáveis serpenteavam agora, em inflexões artificiais arroios grandes e pequenos ; ora estreitavam-se-lhes as margens entre colinas e penhascos artificiais, ora se ampliavam eles em lagos, sobre os quais balançavam-se barcas suntuosas. Sobre uma ilha rochosa colocada no meio de um desses lagos, erguia-se o grande palácio com mais de cem

aposentos ; daí podiam-se avistar, perfeitamente, os outros edifícios, em número de mais de duzentos. Galerias, alamedas, terraços, anfiteatros, bosques de flores e pontes, tudo isso se unia para formar um quadro de sedução inexcelável. Mas, apesar disso, o imperador não se mostrava ainda satisfeito e, constantemente, mandava procurar pintores, jardineiros e técnicos, que estivessem em condições de enfeitar com mais beleza ainda as paredes das casas de recreio, tornar as paisagens artificiais dos seus jardins ainda mais alegres. Esses pintores, jardineiros e mecânicos, porém, eram ao mesmo tempo as únicas criaturas que tinham livre ingresso em todas as partes do palácio imperial. Como Kien-long, além disso, vigiasse pessoalmente os diversos trabalhos, esses operários e artistas eram os únicos que estavam em situação de entrever o soberano em estreita vizinhança.

Quando os jesuítas se inteiraram dessa paixão do imperador, não se passou muito tempo e, de repente, pareceu que a Sociedade de Jesus não era mais do que um grêmio de pintores e arquitetos, e que o cristianismo fosse, exclusivamente, uma doutrina esotérica de jardinagem. Como o imperador estivesse descontente com os parques existentes até então, os seus ministros esquadrinharam toda Pequim em busca dos melhores artistas em jardinagem, depois os jesuítas alardearam, imediatamente, que não havia segredo dessa arte que eles não dominassem de maneira completíssima. Quando Kien-long, depois, procurava outra vez alguém que pudesse embelezar os açudes e arroios, os jesuítas mandaram lhe comunicar que ninguém melhor do que eles sabia trabalhar com essas obras hidráulicas. Eram retratistas, quando o imperador andava em busca de algum, e quando ele queria enfeitar as suas paredes com pássaros e flores, logo se encontrava um padre, que entendia justamente dessas coisas e de maneira excelente.

Dentro em pouco a casucha situada junto à entrada dos jardins da residência de verão e destinada aos diversos operários e técnicos, abrigava uma turba de missionários jesuítas e agora também pertenciam os padres ao número dos raros felizardos, a quem era permitido residir na proximidade imediata do sublime filho dos deuses.

Dado que eles, agora, tinham de trabalhar nos aposentos mais íntimos da residência do imperador, e depois nos jardins ou nos

pavilhões da família imperial, entraram eles em toda a parte, puderam ver o palácio inteiro e nada mais ficou oculto aos seus olhos. Assim é que conseguiram ver também aquela estranha cidade privada, que Kien-long mandara erigir para si mesmo e que não tinha igual no mundo inteiro. Kien-long concebera a idéia de se compensar do rigoroso isolamento que a dignidade do seu cargo lhe impunha, de maneira original, e assim é que mandara construir no interior do seu palácio uma cidade artificial, que servia apenas para o seu divertimento. Havia ali muralhas, torres, becos, praças, templos, átrios, mercados, lojas e palácios em perfeita forma; até um porto especial fora construído. Se o imperador tinha desejo de ver como, na verdade, transcorria a vida dos seus súditos, então dirigia-se a essa cidade particular e fazia com que os seus eunucos representassem uma peça da vida diária chinesa. Esses eunucos se travestiam de mercadores, operários ou soldados; era um que conduzia um carrinho de mão, era outro que levava cestos, eram navios que chegavam ao porto, eram barracas que se abriam, mercadores que celebravam as suas mercadorias, o povo que afluía para as casas de chá e tabernas, mascates e mercadores que trafegavam por ali, gente a discutir, a gritar e a fazer alarido, e até mesmo os batedores de carteira entravam em ação eram presos, levados à presença do juiz e castigados com bastonadas. Quando, agora, o imperador encontrava seus novos pintores, construtores e mecânicos, ora aqui ora ali durante o trabalho, acontecia muitas vezes que ele os favorecesse com uma interpelação, lhes distribuísse, pessoalmente, incumbências referentes à maneira pela qual desejava que isso ou aquilo fosse ornamentado, ou sucedia também que ele deixasse cair uma palavra de satisfação pelos serviços deles. Constituía isso uma distinção, em troca da qual um chinês qualquer teria dado todos os seus haveres, e agora os jesuítas desfrutavam dessa felicidade imensurável, eles, os pregadores de uma religião, que, ao mesmo tempo, vinha sendo perseguida em todo o império com rigor implacável! Sim, o imperador agora vinha até mesmo e cada vez com mais freqüência, aos aposentos e parques, em que os jesuítas trabalhavam e, dentro em breve, ofereceu-se aos padres a oportunidade de poderem pedir graças para os perseguidos cristãos chineses. De uma feita estava o padre Castiglione ocupado justamente com um fresco num dos aposentos imperiais, quando Kien-long entrou ali e manifestou o seu contentamento. Eis que o missionário se rojou aos pés do

Imperador e estendeu-lhe uma petição a favor dos cristãos chineses; Kien- long recebeu-a amavelmente e disse: “Vou ler a tua petição, fica tranqüilo e continua pintando!” Se bem que não tivesse ele se decidido a revogar as determinações anteriores, resolveu, no entretanto, dado que os frescos de Castiglione o tinham contentado tanto, dar ordem aos seus ministros para que suspendessem a perseguição aos cristãos, até segunda ordem.

Os padres Sickelpart, Panzi, Salusti e Poirot pintavam incansavelmente, em parte a óleo sobre o vidro, em parte a aquarela sobre seda, retratos, paisagens, frutas, pássaros e peixes; Sickelpart com a sua arte provocou em tal medida o agrado do imperador, que foi elevado à categoria de mandarim de primeira classe. O padre Brossard, por sua vez, esforçou-se e com sucesso, por conquistar o favor do imperador, mediante trabalhos de vidro de especial finura. Dentro em breve Kien-long incumbiu os jesuítas da direção de uma academia de pintura, que foi instalada em um edifício próximo ao palácio e na qual, agora, alunos chineses passaram a se educar nas artes européias.

Muitas vezes era difícil o satisfazer sempre os caprichos do imperador e o adaptar-se, sem oposição, a todos os seus mutáveis desejos. Um dos padres informou, nessa ocasião, melancolicamente, à pátria: “ Todos os nossos trabalhos são inspecionados pelo imperador. Primeiramente nós fazemos esboços que ele muitas vezes modifica, conforme bem lhe aprover; que essa modificação seja boa ou má, isso é coisa que somos obrigados a aceitar caladinhos, pois aqui o imperador é quem entende melhor de tudo.”

Quando, uma vez, alguns príncipes tártaros rebeldes haviam dado a conhecer a sua submissão, o padre Atiret recebeu, subitamente, a ordem para se dirigir ao castelo de caça Dje-hol na Tartaria, pois o imperador queria que fosse registrada em um quadro a cerimônia da submissão. Chegado a Dje-hol, o pobre padre viu tantos semblantes, trajes e solenidades na sua frente que, durante muito tempo, não atinou com a maneira por que iria representar tudo isso em um quadro.

Mas, apenas a cerimonia da submissão dos príncipes tártaros chegara ao fim, e eis que também já um ministro transmitia ao

missionário a ordem de começar, imediatamente, a feitura do quadro, dado que o imperador queria ver o trabalho pronto ainda na noite do mesmo dia. Atiret pintou como um desesperado; no meio do quadro colocou ele o imperador metido em vestes suntuosas, em torno dele desenhou com toda a presteza algumas centenas de figuras. Logo depois já aparecia de novo o ministro e informava que o imperador desejava ver o quadro. O desenho de Atiret satisfez de tal maneira a Kien-long, que ele exclamou muitas vezes: “ Hen hão!” , “muito bom!”.

O padre, esgotado que estava, tinha ido descansar, mas já de madrugada foi chamado de novo ao palácio, no qual o imperador acabara de nomear mandarins justamente a onze dos príncipes tártaros recém submetidos; por isso os seus retratos deveriam ser pintados a toda a pressa. Que outra coisa mais restava ao desventurado missionário, senão executar também essa nova ordem, para glória de Deus? Dirigiu-se ele, assim, para a sala em que os onze tártaros já estavam à espera dele, e começou a pintar o primeiro. Enquanto estava trabalhando, os outros príncipes comprimiam-se em torno dele e sobrecarregavam-no com perguntas de toda a espécie; ele tinha que arranjar respostas para eles e, além disso, continuar pintando sem cessar e, nem sequer por um gesto, lhe era lícito dar a perceber o seu desagrado. Seis dias se passaram assim, até que, realmente, os onze retratos ficaram prontos. Os tártaros foram tomados de extrema admiração pela semelhança de seus retratos, olhavam uns para os outros e explodiam em ruidosas gargalhadas quando comparavam os traços dos seus semblantes com os retratos. ‘ Retornando a Pequim, Kien-long desejou que fossem prontas algumas gravuras em cobre, como lembrança da conquista de Turkestão e nos quais deveriam ser representados os acontecimentos principais dessa expedição. Nenhum dos padres havia, jamais, se ocupado com trabalhos dessa natureza, e assim é que se encontraram completamente perplexos, a princípio, diante dessa inesperada incumbência. Mas, depois, o padre Renoit resolveu aprender nos livros a arte da gravação em cobre e, por fim, conseguiu, realmente, fabricar cento e quatro folhas grandes, as quais foram impressas na França e muito agradaram ao Imperador. A todo o instante surgiam novas encomendas, que deviam ser executadas imediatamente; até mesmo o padre Atiret, já ancião e gravemente enfermo, viu-se obrigado a pintar o soberano em poses sempre novas, ora a cavalo, ora sentado, ora de pé.

“Estar acorrentado dia após dia” , escreveu o padre atormentado de morte, para os seus irmãos em Roma, “ ter apenas os domingos e dias santos livres para as adorações e, além disso, não poder pintar coisa alguma de acordo com o gosto da gente, tudo isso me incitaria a regressar à Europa, e quanto mais depressa melhor; mas eu me lembro de que o meu pincel está sendo de alguma utilidade para a religião e dispõe o imperador favoravelmente para com os missionários. Isso e mais a esperança de poder ver o céu no fim dos meus afãs e trabalhos, é o único atrativo que aqui me retém e aos demais irmãos.”

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



TRIUNFO DOS CHAFARIZES E DOS LEÕES MECÂNICOS

Um dia caiu nas mãos do Filho do Sol um desenho, no qual estava representado um chafariz, e ele quis, de imediato, que os missionários aprontassem um igual para o jardim do seu palácio de recreio. Debalde os padres pintavam, agora, um retrato depois do outro, debalde inventavam os jardineiros combinações sempre novas ; Kien-long não tinha mais interesse por nada e queria apenas um “ Choui-fa” , um chafariz. Os jesuítas não tinham a menor idéia de como poderia ser fabricada uma obra dessas; se bem que houvesse entre eles sábios relojoeiros e habilidosos mecânicos, entretanto nenhum entendia de hidráulica, de jactos de bombas e condutos de água. Como, porém, Kien-long se obstinasse no seu “ Choui-fa”, o padre Benoit, por fim, consagrou-se ao estudo de livros sobre o assunto e, dia e noite, torturou-se com eles, até que, no fim de contas, penetrou nas idéias fundamentais da hidráulica.

Um ano mais tarde erguia-se nos jardins do imperador a primeira coluna d'água. Kien-long ficou, de fato, satisfeito com isso, mas imediatamente ordenou a construção de outros chafarizes, os quais deveriam ser aprontados com mais arte ainda do que o primeiro.

Depois de decorrido o tempo exigível, o imperador sentado no trono, pode admirar no seu palácio de verão Y'oen- ming-yoen, duas grandes colunas d'água à direita e à esquerda e à sua frente, um artístico grupo de peixes, pássaros e outros animais, que cuspinhavam água. Em Pequim, por sua vez, tinham os jesuítas construído uma grande bacia com doze figuras de animais mitológicos, em um dos parques do palácio imperial, conjunto esse que servia de relógio; cada duas horas uma dessas figuras cuspiam um jacto d'água de sua garganta.

Já o imperador estava pensando em que os padres, que tudo sabiam, bem podiam ser capazes de fabricar animais artificiais. Mas, antes ainda de que ele tivesse manifestado o seu desejo, já o padre Tibault estava dedicado a fabricar um leão automático que, em tamanho e aspecto, se assemelhava exatamente a um leão verdadeiro. Haviam ocultado ao imperador que estava sendo construído um autômato assim, e, um belo dia, quando

ele andava passeando no jardim, os missionários puseram o mecanismo de relojoaria em movimento. O leão avançou para o imperador pela aléa do jardim; a princípio, ele recuou assustado, até que, satisfeito, reconheceu que os padres tinham adivinhado e realizado o seu mais secreto desejo.

“É na verdade admirável” , escreveu nessa ocasião o padre Amyot, de Pequim para o seu irmão de ordem Latour em Paris, “ a maneira pela qual o nosso amado irmão Tibault soube construir um autômato valendo-se de princípios simplicísimos da arte de relojoaria, autômato esse que representa uma realização poderosa da mecânica. Falo como testemunha ocular, pois eu em pessoa vi o animal artificial correndo.”

Em seguida sucedeu ao leão um tigre e, quando os animais automáticos já estavam começando a entediar o imperador, o padre Sigmund dedicou-se ao fabrico de um homem mecânico. Enquanto ele estava trabalhando nessa obra de relojoaria, o imperador em pessoa ficava sentado na oficina do padre, desde manhã até à noite, e se informava com a maior exatidão possível de todas as particularidades do mecanismo. “Se o padre conseguir essa obra de arte” , disse Amyot, nessa ocasião, em uma de suas cartas, “ então o imperador terá a lembrança de lhe dizer depois: “ Tu o fizeste andar, fazes agora também com que ele fale!” Eu mesmo recebi dele a incumbência de fabricar dois homens que carregavam um vaso de flores e caminhavam com ele. Trabalho nisso desde há sete meses e ainda gastarei bem um ano até a terminação dessa obra de arte. Mas com isso tenho tido também, muitas vezes, oportunidade para entrar em contato íntimo com o imperador.” Entretanto sua obra prima realizaram-na os padres na ocasião em que deveria ser festejado com pompa toda especial o sexagésimo aniversário da imperatriz mãe. Durante meses inteiros todos os pintores, escultores, construtores e marceneiros de Pequim ficaram ocupados com os preparativos dessa festa, pois tratava-se de ornamentar a estrada toda, que ia de Yoen-ming-yoen até a capital, com edificações suntuosas. Por toda a parte foram erigidos templos e estabelecimentos de diversão, nos quais se instalariam orquestras, companhias de atores e vendas de refrescos. Em Pequim mesmo, a rua que ia do portão da cidade até a porta do palácio foi enfeitada, com peristilos de madeira, pavilhões e galerias, com guirlandas e outros ornamentos de seda, ouro e espelhos. De espaço a espaço erguiam-se no

caminho colunas artificiais, às quais estavam amarrados veados e corças; em outros lugares haviam sido colocados meninos fantasiados de macacos, e em muitas colunas recobertas de seda, estavam crianças metidas em roupas de pena, e que imitavam com seus gestos o vôo dos pássaros.

Os padres haviam se proposto, nessa ocasião, a sobrepujar ainda todas as suas realizações anteriores, e, com um trabalho de conjunto, conseguiram eles, finalmente, preparar uma obra de arte mecânica originalíssima. No caminho que o cortejo deveria percorrer, colocaram um palco, o qual o missionário descreve em sua informação: “ Tinha ele de cada lado três cenários em desenho de perspectiva; no fundo da cena havia uma figura vestida à chinesa, a qual sustinha em suas mãos uma felicitação escrita para o imperador. Também diante de cada cenário encontravam-se pequenas estátuas chinesas, que seguravam na mão direita um gongo de cobre, na esquerda um pequeno martelo... Diante do palco encontrava-se uma piscina fingida, feita de espelhos, em cuja margem se podia ver um mostrador de relógio com sinais europeus e chineses. ‘ Na água movia-se um ganso artificial...’ “ Tudo isso era posto em movimento mediante molas ocultas, e um ímã que caminhava em redor do mostrador, atraía o ganso, de sorte que ele indicava sempre a hora. Se se tratava de uma hora completa, então a estátua que tinha a inscrição nas mãos, surgia do fundo da cena e se inclinava; em seguida a isso as outras seis estátuas tocavam juntas um pequena canção, batendo, uma depois da outra, com o martelo no seu gongo de cobre. Quando a musica terminava, então a figura portadora da inscrição retornava com passo solene à sua posição primitiva.”

“Assim” , é o que consta, por fim, na carta do missionário, “ nós nos esforçamos, por amor da religião, para conquistar a benevolência do imperador, mediante serviços úteis e necessários. Se não pudemos induzi-lo a que se mostre favorável aos cristãos, pelo menos conseguimos que ele não os persiga e permita aos ministros do Senhor a liberdade de pregar o Evangelho.”

Pois o imperador sabia, perfeitamente, que os padres só permaneceriam em sua corte, enquanto vissem qualquer perspectiva favorável à sua obra de catequese. Assim é que as igrejas cristãs de Pequim puderam ser conservadas abertas, e

os cristãos chineses, em número de mais ou menos nove mil, não foram incomodados, de maneira alguma. Um dos padres informou nessa ocasião: “ Há em Pequim um grande número de cristãos, que podem freqüentar a igreja com absoluta liberdade... Mesmo nas províncias os nossos padres não se conservam assim tão cuidadosamente escondidos, que não se os possa descobrir, quando se o queira fazer. Mas os mandarins fazem vista grossa, pois eles sabem o pé de relações em que estamos aqui com o imperador.”

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



PROFANAÇÃO OU TOLERÂNCIA

Quando se tornou conhecido na Europa o triunfo da missão jesuíta chinesa, dentro em breve provocou ele o ciúme da Ordem Dominicana, a qual já não via os jesuítas com bons olhos, por causa da polémica molinista. Também os franciscanos, que, igualmente, se tinham ocupado desde havia muito com trabalhos de catequese, invejavam o sucesso surpreendente da Sociedade de Jesus, e, finalmente, para os jansenistas, tudo quanto os jesuítas faziam ou deixavam de fazer, lhes era fundamentalmente odioso.' As antinomias se aguçaram ainda em consequência do desastrado fim da missão chinesa empreendida pelos dominicanos e franciscanos.

Sacerdotes dessas duas ordens haviam feito nesse meio tempo, também, a tentativa de por um pé firme na China, mas, à diferença dos jesuítas, haviam eles nesse caso impugnado todo e qualquer compromisso com os costumes nacionais chineses e, desde o início, haviam aplicado os mais rigorosos princípios. Assim é que dominicanos e franciscanos, logo depois de sua chegada, começaram a pregar que todos os imperadores da China, da mesma maneira que o sábio Confúcio, eram pagãos eternamente condenados ao fogo do Inferno. Não podia deixar de acontecer que tais doutrinas viessem provocar revolta geral em um país, em que se demonstrava o máximo respeito para com os soberanos e legisladores mortos. Por esse motivo os novos missionários foram, dentro em breve, presos pelas autoridades, encarcerados e expulsos do país.

Os jesuítas, pelo contrário, haviam iniciado a sua obra de catequese com mapas geográficos, relógios, espelhos, óculos e quadros e, graças a isso, tinham conseguido grande sucesso. Por esse motivo os dominicanos e franciscanos acusavam-nos agora de que tinham tentado propagar a doutrina de Cristo, recorrendo a meios indignos e, com isso, a tinham profanado.

Os padres da Companhia de Jesus não ficaram devendo resposta aos seus adversários e declararam que os frades mendicantes, em consequência da sua conduta imprudente, haviam atraído perigo enorme para o cristianismo chinês; sim, que a falta de habilidade desses missionários havia provocado,

desnecessariamente, a má vontade das autoridades e, assim, de certa maneira haviam levado ao martírio numerosos cristãos chineses. Em breve a luta entre as ordens religiosas foi completada por intrigas não menos odiosas da política secular: A ida de uma missão jesuítica para a China, por mediação de Luiz XIV, provocou a cólera ciumenta do governo português, o qual, baseado em privilégios papais, reclamava para si o direito exclusivo de dirigir a cristianização do Extremo Oriente.

Portugal publicou, em seguida, um violento ataque diplomático contra a França, junto à Santa Sé, e começou logo a mover caça aos missionários jesuítas franceses mandados para a China; um desses foi feito prisioneiro pelos portugueses e conservado no cárcere em Goa até a sua morte. Inflamaram-se novas pendências em torno da ocupação do bispado que ia ser criado em Pequim: os franceses insistiam em que o bispo deveria ser um jesuíta de nacionalidade francesa, ao passo que os portugueses exigiam um bispo português da Ordem de Cristo. Com isso a missão chinesa foi gerando intrigas políticas sempre novas e mais complicadas entre Paris, Lisboa e Roma.

A Inquisição da Santa Sé foi importunada com acusações contra os jesuítas. Incriminavam os padres que atuavam na corte de Pequim, de que eles, na sua qualidade de membros do tribunal matemático, haviam se dado ao estabelecimento no calendário de dias fastos e nefastos; que isso, pois, significava o incremento de uma superstição condenável e era absolutamente inadmissível. Quando da celebração da missa eles, indo de encontro a todos os preceitos eclesiásticos, traziam a cabeça coberta com um barrete daqueles que usavam os antigos letrados chineses; liam o missal, o breviário e a liturgia, não como estava prescrito, em língua latina e sim em chinês; por ocasião do batismo de mulheres eles deixavam de lado a unção que o ritual exigia se fizesse nas fossas nasais, nas ombros e no peito, valendo-se do argumento gasto de que os chineses não toleravam fossem os corpos femininos tocados por estrangeiros.

O fato de que os missionários continuassem permitindo aos seus catecúmenos na China a participação dos ritos usuais em honra dos seus mortos, provocou grande revolta entre todos os inimigos dos jesuítas. Essas festas fúnebres, por ocasião das quais eram queimados rolos de papel e servidos carne e vinho

nas mesas, para as almas dos falecidos, eram, segundo a opinião dos dominicanos e franciscanos, cerimônias puramente pagas, cuja celebração importava para todos os cristãos na prática de um pecado. Em compensação os jesuítas, diziam eles, não haviam se limitado apenas a consentir nesses usos condenáveis, pelo contrário, praticaram-nos, eles também.

A acusação mais grave levantada contra a missão jesuíta, no entretanto, constou de que os padres haviam ocultado, sistematicamente, na China, a morte de Cristo na cruz, e que eles batizavam os chineses, sem que tivessem lhes dito uma só palavra acerca da crucificação do Senhor. Mais ainda, que os jesuítas em suas igrejas da China não tinham um único crucifixo sequer, mas apenas imagens do Salvador na sua glória e da Mãe de Deus entronizada no Céu.

Os jesuítas, por sua vez, apresentaram memoriais justificativos longuíssimos ao tribunal da Inquisição. Constava dos mesmos que eles jamais haviam renegado o Crucificado, mas o interesse da religião exigia que se transmitisse o evangelho aos pagãos só mui cautelosamente e com certo tacto; a morte na cruz era considerada na China como grande opróbrio e, nessas condições, os chineses só mui dificilmente estariam dispostos. a acreditar em um Deus que havia sido executado de maneira tão aviltante. Por esse motivo os jesuítas ocultaram a narração da crucificação de Cristo até o instante em que os seus convertidos estivessem bastante preparados.

No que dizia respeito aos ritos, cuja tolerância servira de motivo à censura contra eles, o fato é que não se tratava aí de cerimônias religiosas e sim de certas formas de piedade, contra as quais, do ponto de vista cristão, nada se podia objetar. As cerimônias fúnebres dos chineses outra coisa não significavam senão a expressão de veneração filial pelos antepassados. Por outro lado esses usos estavam prescritos de maneira absolutamente obrigatória a todos os chineses, e proibi-los seria impossibilitar toda a cristianização.

A luta foi se tornando sempre cada vez mais violenta, e, dentre em breve, todo o clero católico da Europa começou a participar dele. Os dominicanos Moralez e Navarete escreveram livros volumosos, um depois do outro, nos quais eram acusados os missionários jesuítas na China de traição aberta à religião

cristã; o infatigável Antônio Arnauld aderiu a essas diatribes. Os papas hesitaram durante muito tempo entre os jesuítas e seus adversários, pois na Europa ninguém tinha uma idéia precisa acerca da significação real desses ritos chineses, que ocupavam o primeiro lugar na disputa. Era necessário se verificasse se as almas dos mortos na China eram adoradas como divindades, dever-se-ia ficar esclarecido sobre até que ponto as mesas, nas quais eram servidas as iguarias para os antepassados, eram de ser consideradas como altares. Sobre tudo isso as Ordens litigantes manifestavam opiniões diametralmente opostas. Dado que os papas, então, à vista dessas circunstancias, não podiam chegar a um julgamento objetivo imparcial, tomavam eles suas decisões conforme estivessem, pessoalmente, em bom pé de amizade, ou com os dominicanos ou com os jesuítas. Paulo V manifestara no ano de 1616 que estava absolutamente disposto a justificar a conduta dos jesuítas, entretanto não publicou ele uma decisão formal sobre o assunto. No ano de 1635 os dominicanos dirigiram uma denúncia ao novo papa Urbano VIII ; não obstante, somente sob o papado de seu sucessor Inocêncio X, foi que o Colégio dos Cardeais chegou a uma decisão, na qual ficou estabelecido que as festas fúnebres deviam ser proibidas.

Entretanto, com Alexandre VII os jesuítas lograram alcançar de novo maior influencia junto à cúria, e assim a inquisição romana no ano de 1656 decidiu que os ritos chineses representavam “ um culto exclusivamente civil e político” e, por isso, deviam ser tolerados. No ano de 1667, na pessoa de Clemente IX assumiu o governo um inimigo declarado da Sociedade de Jesus ; assim sendo não foi de admirar que, dentro em breve, houvesse sido decretada uma decisão contra o culto dos antepassados. Esse rumo tomado pelas coisas, desfavorável aos jesuítas, atingiu então o seu ponto culminante com a constituição de Clemente XI decretada no ano de 1715.

Nessa foi estabelecido um juramento formal contra o culto dos antepassados, para os missionários que atuavam na China. Um legado do papa partiu para esse pais, afim de controlar a execução dessa ordem e, principalmente, estudar todo o assunto litigioso no seu local próprio. Assim é que agora os chineses também vieram a saber da luta encarniçada de que eles vinham sendo objeto desde havia muitos decênios, e com isso ficaram eles não pouco edificados. Quando o legado do

papa comunicou ao imperador Kang-hi que o santo padre havia condenado o culto dos antepassados como idolatria paga, o imperador observou irado: “Como pode o papa julgar de coisas que ele nunca viu e nem conheceu? Pelo que me diz respeito, jamais me atreveria a querer julgar os usos da Europa acerca dos quais eu nada sei.” Um juiz chinês, a quem coube julgar um monge dominicano que tinha sido preso, declarou nessa ocasião: “ Conheço bem os jesuítas ; eles são verdadeiros pregadores e homens de bem, que nos trouxeram livros, relógios, telescópios e outros objetos úteis. Mas vós outros sois falsos pregadores, pois não conheceis nem as altas ciências da matemática e da astronomia e nem nos trouxestes relógios e livros.”

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O APOSTOLADO DOS ANZÓIS

Nos primeiros decênios do século XVII teve início na Inglaterra também aquele movimento, que, muito tempo antes, partira da Espanha e de Portugal: turbas de homens sedentos de aventura embarcavam para o novo mundo, afim de trocar as condições insatisfatórias da pátria com as grandes seduções de uma terra virgem.

A principio foram emigrantes puritanos, que, tangidos pela pressão de perseguições religiosas, puseram-se a caminho de Norte América; em breve também nobres “ papistas” seguiram-lhes o exemplo, pelos mesmos motivos. Sir George Calvert, mais tarde Lord Baltimore, organizou a primeira expedição católica desse gênero, e, desde o princípio, encontrou ele na pessoa dos jesuítas Parsons e Blounti ardorosos colaboradores.

Quando a pequena turba de colonos católicos, então, lá pelo ano de 1634 pôs-se realmente a caminho da América, encontravam-se entre eles também alguns padres jesuítas. Desembarcaram eles ao norte da Virgínia e denominaram a sua primeira colônia Maryland. Com rude trabalho tratava-se agora de construir casas, amansar o solo, desbravar florestas e cuidar de obter os alimentos necessários por meio da caça e da pesca. Da mesma maneira que os demais colonos os jesuítas também colaboravam em todos esses trabalhos e, em tudo e por tudo, eram eles agricultores com os agricultores. “ Junto à embocadura do Potomac” , escreve o padre , um dos participantes dessa expedição, encontramos nós um pequeno rio ao norte, tão grande quanto o Tamisa. Em uma das margens estabelecemos as nossas plantações e a nossa cidade de Santa Mary; na outra margem vive o rei Chitomachon.” Esse príncipe índio, que aqui, ao sul da atual cidade de Washington, montara a sua tenda, era uma espécie de imperador índio, honrado pelos seus súditos como “ Tayac” , isto é, “ Chefe de todos os chefes”. Ele e suas tribos desconfiavam dos imigrantes brancos, os quais, sedentos de terra, haviam tomado posse de suas florestas e planícies; mas, no Deus aquele, a respeito do qual os brancos falavam, os índios tinham visto, durante longo tempo, um demônio mau, hostil a eles. Por isso os Peles

Vermelhas haviam massacrado, sem misericórdia, também os primeiros missionários, que já no ano de 1570 tinham feito a primeira tentativa de pregar a evangelho nessas regiões.

Até então os colonos ingleses estabelecidos em terras americanas haviam procurado se defender contra os ataques dos índios recorrendo somente a um direito de Talião, vingando-se em qualquer índio que lhes caísse nas mãos, os malfeitores de outros membros da tribo. Os governadores das novas colônias publicaram ordens, em virtude das quais os imigrantes tinham autorização expressa para fuzilar sem mais delongas todo e qualquer índio que lhes surgiram por diante.

Não obstante, nem mesmo com essas medidas cruéis conseguiram fazer com que os Peles Vermelhas abrissem mão de suas hostilidades contra os europeus; eis que então os jesuítas se ofereceram para pacificar os índios, valendo-se de outros métodos. Primeiramente afanaram-se eles, durante muitos meses, com todo o ardor, por aprender a língua dos índios, e, quando, por fim, partiram para a catequese dos Peles Vermelhas, tomaram consigo como armas de guerra somente um grande quantidade de anzóis de pesca, agulhas e doces. Munidos de tal bagagem transpuseram o rio e, um belo dia, encontraram-se à frente da barraca do temido Chitomacon.

Mas quando esse deu de olhos com os lindos anzóis e agulhas, cujo uso os padres lhe explicaram num indiano impecável, e quando ele, depois, saboreou os doces, resolveu celebrar uma amizade rápida com os ádvenas. Dentro em breve fez ele também com que lhe explicassem os princípios da religião cristã e, algum tempo mais tarde, manifestou espontaneamente o desejo de adotar o cristianismo. Separou-se até, tal como os padres o aconselharam, de todas as suas mulheres, conservando apenas uma, e, em companhia dessa e do seu filho, seguido por uma escolta brilhante, pôs-se a caminho da colônia Maryland, afim de ali se fazer batizar. “A três de Julho de 1640” , consta no relatório dos missionários, “ depois de ter sido suficientemente instruído nos mistérios da religião, recebeu ele o sacramento. Simultaneamente com ele sua mulher e seu filho, da mesma maneira que um dos seus principais conselheiros, nasceram para nova vida na pia batismal. O imperador, que até então se tinha chamado Chitomacon, recebeu o nome de Carlos, sua mulher o de Mary. Depois, à

tarde, o imperador casou-se: com a sua esposa segundo o rito cristão, e em seguida a isso foi levantada uma santa cruz de dimensões respeitáveis; para transportá-lo ao lugar que lhe estava destinado, o imperador, o governador, seus secretários e os demais presentes emprestaram suas mãos e ombros enquanto dois dos nossos, nesse meio tempo, iam cantando a ladainha da Santa Virgem.”

Também entre as tribos índias vizinhas, os jesuítas foram difundindo a religião cristã de idêntica maneira, e os chefes afluíam para ali, afim de, da mesma maneira que “Tayac” , receber doces, anzóis e agulhas. Por mais incompreensível que isso parecesse aos colonos cristãos os quais, educados na crença de seus pais, até aquela época, haviam se fiado apenas nas armas de fogo, mesmo assim, tiveram eles de reconhecer, contrariados, o sucesso dos novos métodos jesuíticos. Por isso, dentro em breve, rezou em uma informação das autoridades coloniais “que os indígenas, quando tratados amigavelmente e com justiça, mostravam absolutamente pacíficos. Assim todo o homem atilado, a partir daí deveria considerar acertado o tratar bem aos índios, ensinar-lhes o uso de utensílios e, por meio disso, induzi- los à lealdade e ao trabalho útil.”

A harmonia que, nos primeiros tempos, reinara entre os colonos e os sacerdotes, não iria durar muito tempo. Quando começaram a chegar novas e constantes levas de imigrantes, o solo foi se tornando escasso, e agora começaram a lançar olhares cúpidos para os terrenos que os índios agradecidos haviam dado de presente aos missionários. As autoridades de Maryland redigiram, por isso, uma lei, em virtude da qual a propriedade fundiária do clero católico deveria ser seqüestrada. Mas os atilados padres mostraram que eram superiores, não apenas aos selvagens índios, e sim aos próprios colonos civilizados também, pois, quando as formalidades legais necessárias foram cumpridas, evidenciou- se que os terrenos já, de há muito, não pertenciam aos padres; que estes, pelo contrário, os tinham transferido em tempo oportuno para as mãos fiéis de um prestigioso fazendeiro e, por esse meio, haviam se garantido contra qualquer investida.

A partir daí os missionários se viram obrigados, bem freqüentemente, a se defender contra os ataques de seus

inimigos brancos, pois na colônia primitivamente católica pura, nesse meio tempo, os puritanos haviam formado maioria, e esses perseguiram por todos os meios os “sacerdotes papistas.”

Banidos de Maryland, os padres desapareceram sem deixar rasto, para, não obstante, logo depois disso, disfarçados em fazendeiros, usando nomes seculares, surgirem de novo; alguns abandonaram, realmente, Maryland e procuraram, em troca, prosseguir a sua atividade em outras regiões da Nova Inglaterra. Lá pelo fim do século XVII ofereceu-se-lhes em Nova York também oportunidade para feliz atuação, pois o então proprietário dessa colônia, o Duque de York simpatizava abertamente com os católicos.

Nesses dias o provincial Warner, cheio de esperança, escrevia ao Geral da Ordem: “Nesta colônia há uma cidade importante, na qual seria possível a fundação de um colégio. Para aí poderiam se retirar os nossos correligionários que estão vivendo esparsos em Maryland, até que se lhes ofereça de novo uma oportunidade de para lá voltarem!” Depois que, logo em seguida a isso, o duque de York subira ao trono inglês com o nome de Jacques II, os jesuítas conseguiram durante o seu reinado poder e influencia na corte de Whitehal; nesses dias floresceu também a missão em Nova York, e o colégio jesuíta recém fundado nessa cidade conquistou animada freqüência. Mas a “gloriosa revolução” pôs um rápido fim ao governo do último rei da dinastia dos Stuart; sob o reinado do seu sucessor, Guilherme de Orange, a posição dos jesuítas em Nova York tornou-se insustentável, razão pela qual os padres, dentro em breve, reapareceram em sua totalidade na colônia Maryland e ali continuaram exercendo o seu ministério entre a população católica. Um meio simples permitiu-lhes fazer frente a todos os contratempos oriundos das oscilantes condições políticas, meio esse a que nem mesmo os seus inimigos puderam recusar aprovação: por toda a parte em que houvesse uma perspectiva, iam eles fundando escolas determinadas tanto aos brancos como aos índios. Ainda no século XX um senador americano declarou que os missionários jesuítas, na época da primeira colonização da América, tinham tomado a seu cargo a obra de educação e com isso “realizado uma fração do trabalho, que nem o governo e nem qualquer outra pessoa teria sido capaz de realizar.”

Em Georgetown, não longe da mais tarde capital federal de Washington, instalaram eles um seminário, o primeiro instituto de ensino católico no território dos Estados Unidos; dali foram estendendo a rede da sua atividade pedagógica para a Virgínia, Delaware, Nova Jersey e Pensilvânia. A sua influencia deve ser atribuído e em não pequena escala, o fato de que os Estados Unidos recém fundados vieram a adotar em sua constituição o princípio da liberdade religiosa geral.

Nessa época contava-se também um jesuíta entre o número dos amigos de Benjamim Franklin; foi ele esse John Carrol, o qual, crescido em Maryland, mais tarde, por especial recomendação de Franklin, foi nomeado vigário apostólico e depois primeiro bispo católico dos Estados Unidos. Quase simultaneamente com os ingleses, também os franceses haviam aportado na costa oriental da América do Norte, no século .XVII para ali fundarem no solo do atual Canadá uma “ Nova- França” . Com os primeiros funcionários da companhia comercial francesa chegaram ao país também alguns padres jesuítas, e um dos primeiros edifícios da nova colônia de Quebec.

“A origem de todas as cidades na América Francesa” , escreve Bancroft em sua história dos Estados Unidos, “ está estreitamente ligada aos serviços prestados pelos missionários; nenhum cabo que tivesse de ser contornado, nenhum rio que tivesse de ser descoberto, te-lo-iam sido sem que um jesuíta não houvesse mostrado o caminho.” Metido nas suas singelas batinas negras, levando a bagagem às costas, marcharam eles, infatigáveis, no meio da neve e do gelo, por sobre rochas alcantiladas e por através de florestas virgens, afim de alcançar também as mais remotas tribos índias. Com tais viagens os padres Marquete e Joliet foram os primeiros europeus que chegaram aquele famoso rio, do qual os índios estavam sempre a lhes afalar, e percorreram-no em canoas, corrente abaixo, até quase a altura de Nova Orleans. Hoje ainda duas estatuas celebram no Capitólio de Washington a glória d esses dois descobridores do Mississipi.

Outros missionários, por sua vez, penetraram pelo Missouri acima nas terras inraticáveis situadas além do Lago Superior até o rio Yelowstone; o jesuíta Dolbeau explorou as regiões montanhosas situadas ao norte do rio São Lourenço e o padre Albanel foi o primeiro branco que atingiu a baía de Hudson.

Os índios das florestas canadenses foram conquistados com os mesmos meios empregados pelos irmãos da Ordem mais ao sul : os padres falavam-lhes em sua própria língua e cumulavam-nos de presentes. Qual o resultado que obtiveram com essa política, é coisa que se evidencia da melhor maneira de uma informação do marques de Denonville dirigida ao governo parisiense: “ As tribos indias só podem ser pacificadas por meio desses missionários; os padres, tão somente, estão em condições de conquistá-los para os nossos interesses e demove-los da rebelião que, do contrário, explodiria todos os dias. Baseado nas minhas próprias observações estou firmemente convencido de que os jesuítas são as pessoas mais apropriadas, quando se trata de apaziguar os índios.”

O padre Brébeuf mal penetrara na tribo dos Hurões, que contava cerca de vinte e cinco mil pessoas, e logo os Peles Vermelhas quiseram construir-lhe uma cabana de honra na mais bela clareira e não desejaram mais deixá-lo partir. Com a conversão ao cristianismo os missionários tinham, aqui, defrontado maiores dificuldades do que com Chitomacon, o qual fora conquistado por meio de alguns anzóis e doces. Na verdade os hurões eram também um povo de boa índole, mas ao mesmo tempo eram também sensuais, e embora os missionários também sem grande esforço lhes tivessem feito compreender os princípios da doutrina católica, mesmo assim eles não podiam jamais compreender o motivo por que o deus dos brancos exigia que tivessem de se separar de suas mulheres, conservando apenas uma.

“ Sinto temor não pequeno” , escreveu nessa ocasião o atilado padre Brébeuf, “ quando penso que agora chegou o tempo de falar uma outra língua aos índios, que nós devemos pregar ser um dever o refrear os desejos da carne e santificar o casamento. Quando nós lhes discernimos tudo isso e lhes descrevermos o juízo de Deus sobre os pecadores, então, eu bem o temo, hão de eles querer inugnar, essa religião dura.”

Somente com “ doce astúcia” esse difícil problema pode ser resolvido também. Assim é que Brébeuf e seus confrades tentaram induzir os índios à aceitação dos preceitos morais cristãos estranhos e insólitos, fazendo a todo o índio que se casasse com uma mulher segundo o rito católico, lindos

presentes de núpcias. Davam eles ao jovem par os vestidos de gala, um couro de boi, que iria servir como leito, e a carne necessária para a celebração cie um grande banquete. As núpcias se realizavam com grande pona e os jesuítas enfeitavam as suas capelas silvestres, nessas ocasiões, com candelabros de metal luzente e com imagens de Maria de tamanho natural. Esse luxo nunca visto pelos índios fez com que os Peles Vermelhas, d aí em diante, considerassem, de fato, a ligação com uma só mulher muito mais suportável do que antes.

No ano de 1639 os jesuítas fundaram a estação

missionaria de Santa Maria dos Huroes no meio da região habitada por essa tribo, na qual eles deram a conhecer a doutrina cristã a mais de quinze mil índios; ao mesmo tempo foram mandados para Quebec alguns rapazes huroes, afim de que estudassem no Colégio Jesuíta. Incessantemente aumentava o número dos conversos, de sorte que os jesuítas já esperavam, em tempo relativamente curto, poder batizar a tribo inteira dos huroes.

Mas os ingleses não estavam dispostos a assistir de braços cruzados a permanente expansão da região de domínio francês na Ame rica do Norte ; a rivalidade entre a Inglaterra e a França levou, dentro em breve, no Novo Mundo também a choques sangrentos, nos quais sobretudo os índios foram mandados para a luta. Os colonos ingleses recrutaram para o seu serviço os iroqueses que habitavam em sua região, e esses, em seguida, caíram em cima dos huroes que brigaram pela grandeza da França. Os iroqueses eram superiores em número e mais bem armados e, assim, os huroes foram quase que completamente destroçados.

Também agora, que se tratava de vida ou morte, os jesuítas não abandonaram os seus huroes catequizados. Assistiam-nos com seus conselhos, quando se tratava de organizar planos de cananha, e mesmo no meio das mais selvagens refregas encontravam-se eles juntos. Entre os prisioneiros dos iroqueses foram encontrados muitas vezes missionários também ; um deles, Jogues, durante muito tempo, teve de servir como escravo aos iroqueses, prestando-lhes os mais rudes serviços, ao passo que os padres Blébeuf, Lalemant, Bressani e Daniel,

foram escalpelados, assados no poste de martírio, regados com água fervendo e mortos. Apenas haviam os jesuítas d essa maneira renunciado às suas esperanças de organização de um reino huronico-cristão, quando já eles também com temerária resolução, puseram mãos à obra de conquistar para Cristo os iroqueses também, saídos vitoriosos da luta. O fato dos seus melhores confrades haverem tombado vitimas da ira d essa tribo, parecia servir- lhes apenas de incentivo para conduzir à Igreja esses selvagens Peles Vermelhas também.

O padre Milet foi um dos primeiros que soube ganhar influencia sobre os iroqueses. Fora feito prisioneiro por eles, e já havia até sido designado o dia em que ele seria solenemente escalpelado. Nas o' missionário conseguiu pasmar a sua sentinela por meio de habilidosas magicas, de toda a espécie, feitas com o seu cingulo, e de tal maneira que a mesma estabeleceu uma longa conversação com ele e, finalmente, se decidiu a adotá-lo como filho. Depois que o padre houvera dado as melhores provas de suas magicas com o cingulo, diante do conselho de guerra dos iroqueses, foi ele aceito na tribo, solenemente, e, em breve, conseguiu que os iroqueses obedecessem cegamente aos seus conselhos e instruções.

O então governador de Nova York teve que se inquietar seriamente com essa estranha carreira de um sacerdote francês junto aos iroqueses; ele viu nisso um perigo político e, de imediato, fez tudo o que se poderia fazer em um caso assim; mas os seus esforços foram baldados. “ Os iroqueses não querem entregá-lo” , informou ele aos lordes do comercio e navegação, muito embora eu lhes tenha oferecido em troca uma inortância em dinheiro e um rapaz índio.” Mas os outros padres também conquistaram em breve a confiança dos iroqueses, assim como haviam conquistado antes a dos huroes. O Padre Simon Le Moyne dirigiu-se um dia, mui simplesmente, ao acampamento dos onondagas iroqueses e, em nome das autoridades francesas, fez-lhes uma proposta de paz minuciosa. “ Falei tal qual costumam fazer as chefes índios e, além d isso, caminhei para baixo e para cima, como um ator no palco, pois isso é muito usual entre eles.” Depois de uma longa deliberação dos índios o missionário foi colocado em um lugar de honra enfeitado com ramagens, depois do que o chefe dos Onondagas lhe disse: “ Informa aos brancos que nós estamos prontos a reconhecer o Deus, acerca do qual acabaste de nos falar. Tu,

pelo teu lado, podes te instalar no coração do .nosso país. Cuida de nós como um pai, e nós haveremos de te obedecer como filhos.” Um outro missionário, por sua vez, esforçou-se com êxito por aproveitar o seu talento de pintor em prol da cristianização dos Peles Vermelhas. Com caixas de pintura e palhetas apareceu ele junto aos “ wigwams” dos índios e aí, rodeado de espectadores admirados, esboçou quadros do inferno, do céu, dos anjos e demônios. Depois explicou ele aos índios o sentido d aquilo que havia pintado, e por meio d essas lições visuais induziu ele ao batismo um grande número de iroqueses. Lord Belemont, o governador puritano da Nova Inglaterra, já .não viu nessa ocasião nenhuma outra possibilidade de eliminar a influencia dos jesuítas sobre os Peles Vermelhas, senão estabelecendo prêmios pela entrega dos missionários.

“ Eu quisera” , informou ele no ano de 1699 aos seus chefes, “ induzir os caciques das tribos mohawk e onondaga a que me entregassem os jesuítas que viviam entre eles, em troca de dinheiro ou presentes valiosíssimos... Se eu puder obter isso, então os jesuítas nunca mais ousarão se meter com essas populações, pelo contrário, surgirá o ódio eterno e inextinguível entre eles e os índios.” Sim, o governador dirigiu-se mesmo em pessoa aos iroqueses e lhes disse em um discurso impressionante: “ Em troca de cada sacerdote papista ou jesuíta receberéis como recompensa 13 dólares a dinheiro à vista, pois temos nesta província uma lei que nos autoriza a prender esses perturbadores da ordem.”

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



OS AMIGOS DOS HOMENS DE COR

Onde quer que os conquistadores espanhóis ou portugueses tivessem tomado posse do Novo Mundo, os padres jesuítas lhes haviam ido nas pegadas. Que se tratasse de explorar regiões desconhecidas, então eram eles que se declaravam prontos para isso; tivessem de ser firmados tratados de paz ou alianças com os índios, então as autoridades coloniais se voltavam para os padres, pois esses somente compreendiam as línguas dos índios e desfrutavam de absoluta confiança junto aos chefes, em virtude da sua atitude sempre amigável. No México foram os jesuítas os primeiros que se atreveram a ir ter com as tribos nativas ainda não domesticadas do norte do país ; penetravam eles pelas populações montesinas do alto Hiaqui e cruzavam a região montanhosa inraticável dos tarahumaras. Quando os padres pela primeira vez apareceram nas montanhas e desfiladeiro' s d essas tribos, os índios fugiram por toda a parte diante d eles, indo para as suas cavernas e habitações talhadas na rocha; pois em nenhuma parte a desconfiança relativa aos brancos era mais viva dó que no México, onde um século antes o “ Salvador branco” massacrara dez mil nativos. Entretanto os presentes flamantes e as palavras amigáveis dos missionários não deixaram também aí de causar o seu efeito. O padre Glandof, o qual percorreu o país com ardor especial e, por toda a parte, procurou converter a população, conseguiu dentro em breve que os índios baixassem de seus montes até a planície, periodicamente, e aí se reunissem em determinados pontos e acoressem aos exercícios de edificar” ao e às preces levadas a efeito por ele. Do México os jesuítas foram penetrando em avanço crescente para o Novo México, o Arizona, a Califórnia e o Vexas; o missionário alemão Kühn explorou os distritos situados ao norte do rio Colorado, e também as primeiras descrições exatas e esboços cartográficos da baixa Califórnia são de se agradecer à atividade dos jesuítas. Robert Louis Stevenson, depois de decorrido mais de um século, manifestou a mais viva admiração pela atividade da Ordem na Califórnia, pondo em evidencia, em compensação, a desgraça que, mais tarde, “ ambiciosos ladroes de terras e pistoleiros profanadores de Igreja” trouxeram para essas regiões.

“ Tão triste figura” , diz ele, “ faz o nosso protestantismo anglo-

saxão ao lado da obra da Sociedade de Jesus!”

No Peru e na Bolívia, por sua vez, os padres conseguiram descobrir mais de cem tribos índias, desconhecidas até então, e puderam reuni-las em reduções fechadas; nesses distritos introduziram eles a agricultura, a cria do gado e as indústrias, ensinaram aos selvagens o fabrico de utensílios de toda a espécie, ensinaram-lhes a construir cabanas e, quando de suas doenças e ferimentos, tratávamos com remédios europeus. Em Lima, Cuzco e outras cidades peruanas instalaram eles colégios índios próprios, nos quais os filhos dos caciques, daí em diante, iriam ser educados sob a sua direção. Também reuniram, zelosamente, as tradições históricas da antiga cultura incásica soçobrada, no que se distinguiu especialmente o padre Blas Valera, descendente ele mesmo dos Incas.

Em Lima organizaram uma tipografia no recinto de seu colégio; aí foram redigidos livros pelos padres e compiladas gramáticas da língua quíchua.

No Brasil o padre Anchieta esforçou-se, infatigavelmente, na procura de aldeamentos índios esparsos, durante longas viagens, e procurou introduzir entre os nativos uma ação de cristianização sistematizada. Vivia ele, da mesma maneira que os índios, nomadicamente, ora aqui, ora ali, nas florestas, estudando atenciosamente os seus diversos idiomas e procurando enquadrá-los num sistema. Junto a isso alimentou ele a arrojada idéia de eliminar mediante um trabalho metódico as diversidades dialetais das línguas índias sul-americanas e, assim, criar uma língua geral, única, compreensível em todo o continente.

Ele redigiu gramáticas e dicionários, os quais vieram a constituir as bases para todos os missionários que vieram mais tarde, nos seus estudos lingüísticos, e a Ordem toda, daí por diante, trabalhou na codificação dos idiomas índios em uma figura única, planejada por Anchieta. Alexandre de Humboldt escreve acerca desses esforços dos jesuítas, dizendo que eles lhe pareceram “ muito compreensíveis” ; “ com isso se fez apenas aquilo que os Incas ou reis sacerdotes do Peru haviam levado à execução, com o fito de manter sob o seu domínio as populações barbas do alto Amazonas, e humanizá-las.”

Também na qualidade de mediadores entre os brancos e os índios os missionários prestaram muitos serviços na América do Sul ; assim é que, de uma feita, o padre Anchieta se dirigiu ao acampamento de uma tribo índia sublevada e ofereceu-se, ele próprio, como garantia das intenções pacíficas dos brancos. “ Aquilo que não se pudera conseguir em muitos anos, com grandes exércitos e enorme emprego de dinheiro,” escreve o arcebispo de La Plata no ano de 1690 ao rei espanhol, “ realizaram-no os jesuítas em pouco tempo, sem qualquer outro recurso a não ser o seu ardor. De inimigos fazem eles amigos, dos povos mais selvagens e insubmissos, súditos obedientes de Vossa Majestade.”

Dessa maneira os missionários da Sociedade de Jesus, com o correr do tempo, haviam aberto territórios imensos aos colonos brancos; eles tinham, como escreve um viajante francês do século XIX conquistado mais terra para as suas nações do que as grandes gerais, e sabendo domar até mesmo as tribos mais selvagens, mediante brandura, criaram eles muitas vezes, primeiro que todos, as bases do desenvolvimento da região colonial americana.

Assim é que, a princípio, as autoridades nunca deixaram de por em evidencia em seus relatórios com palavras de agradecido reconhecimento os serviços dos padres ; mas, apesar d isso, não se podia dissimular por muito tempo que esses padres, no seu zelo religioso, iam um pouco além e sempre mais freqüentemente, da sua própria esfera de ação. Por certo os colonos estavam convencidos de que a propagação da doutrina cristã entre os pagãos representava uma condição prévia importantíssima para todo e qualquer lucro valioso ; pois, somente quando os desconfiados e temerosos índios estavam conquistados para a Igreja, tornavam-se eles, assim também, escravos úteis e fiéis dos europeus.

Mas, com isso, segundo a opinião dos colonos, a missão dos jesuítas já estava também cumprida. Os padres, porém, com as suas conversões, começaram a desenvolver uma atividade sumamente indesejável. A sua maneira peculiar de continuarem convivendo com os selvagens batizados, de se preocuparem com as suas particularidades e se colocarem no mesmo pé de igualdade que eles, deveria. assim pensavam os colonos, despertar nesses bárbaros ideais completamente falsas acerca

do sentido de sua conversão; pois parecia, absolutamente, que os jesuítas pretendessem reconhecer nos seus catecúmenos coisa assim parecida a direitos humanos!

O clero espanhol e português, até esse data, só excepcionalmente tinha feito objeções à escravidão; pois não constava em S. Paulo (I. Cor. 7, 21) : “ Se estás destinado a ser um escravo, que isso não te preocupe” , e Tomás de Aquino e Santo Antônio de Florença também haviam admitido a escravidão. Mas os jesuítas puderam apelar para Santo Agostinho que escrevera. “ O homem não deverá dominar sobre o homem, mas o homem sobre as bestas.”

Já a conduta desses missionários em face dos escravos negros, estava apropriada para provocar muitos aborrecimentos entre os fazendeiros brancos. Na verdade as padres também, da mesma maneira que os outros colonos. possuíam os seus escravos negros e, de acordo com a geral usança, inimiam neles também uma marca de ferro em brasa, como sinal do seu pertencimento. Mas eles falavam dos negros não como se os mesmos lhes pertencessem, não como de “ escravos” , mas sim os chamavam de “ criados” ou mui simplesmente “ negros” , e concediam-lhes liberdade e direitos sem exemplos: os escravos dos sacerdotes recebiam de seus amos terrenos próprios e tinham que trabalhar apenas um certo número de horas, ao passo que, no tempo restante, tinham ocasião de mandriar sob o pretexto de tomarem lições de religião. Tudo isso só poderia trazer resultados desvantajosos sobre a disciplina dos demais escravos.

Mas os jesuítas praticavam ainda outras inconveniências: com a sua conhecida astúcia conseguiram eles das autoridades uma ordem, em virtude da qual os colonos também deveriam conceder aos seus escravos, de quando em vez, algumas horas livres para o aprendizado da doutrina cristã, coisa que naturalmente representava para os senhores uma perda de trabalho escravo e, com isso, de dinheiro também. Um padre jesuíta de nome Padre Claver tornou-se muito mal visto em Cartagena, a praça principal do comércio escravagista sul-americano. Ali entravam constantemente os grandes transportes marítimos, que traziam negros africanos recém aprisionados; no porto já eram eles esperados pelos traficantes os quais, então, os recambiavam em seguida para as minas e as

plantações, Também, até essa data, já os escravos sempre eram batizados, por ocasião de seu desembarque em Cartagena, pois os traficantes de carne humana sabiam o quanto eles deviam à religião cristã; mas esses batismos eram sempre realizados com a máxima celeridade e, d essa maneira, não provocavam nenhuma perturbação de monta ao negócio.

Mas Pedro Claver, valendo-se de discursos manhosos de toda a espécie, soube induzir as autoridades da cidade à publicação de uma ordem, no sentido de que nenhum negro chegado de novo poderia ser vendido, antes que tivesse sido “ suficientemente instruído na religião cristã” . Entretanto Claver organizou essa instrução de tal maneira, que ele durava muitos dias, pois que se tratava de milhares de escravos. Essa nova medida trouxe para os mercadores um contrateno bastante incomodo e uma considerável perda de juros do seu capital invertido em negros. Apenas se assinalava em Cartagena a chegada de um d esses navios negreiros, e eis que Claver se apressava a ir também até a embarcação e presenteava os ocupantes prisioneiros com bolos, frutas e doces. Ele esquecia a sua posição a tal ponto que baixava até mesmo aos porões, onde os escravos, encurralados em massa, jaziam . deitados sobre o seu próprio excremento, ao lado dos cadáveres de outros escravos. Ali ocupava-se com eles, pensava-lhes as feridas, animava-os e consolava-os. Depois do desembarque levava-os a cabanas mais ou menos linas e ali, sob o pretexto de que a explicação da doutrina cristã reclamava mais tempo para esses selvagens, ele os retinha ali, até que os negros se tivessem restabelecido e as suas feridas tivessem cicatrizado. Finalmente a maneira pela qual Claver celebrava o batismo dos escravos, tocava as raias do sacrilégio. Pois ele mandara para isso colocar uma capela destinada a essa cerimonia, um quadro de altar, que representava uma multidão de negros batizados como bem-aventurados filhos de Deus. Dentro d essas circunstancias, forçoso era que os negros ficassem com a impressão de que eram mais do que animais imundos, de que o Deus dos cristãos todo poderoso estava, realmente, interessado na conversão d eles.

Com a sua caridade importuna, Claver não se dava por satisfeito também com o batismo, pelo contrário, mais tarde começou a se preocupar ainda de maneira delicadíssima com o destino dos escravos. Quando não estava sendo esperado nenhum navio,

viajava ele em todas as direções pelo país afora, afim de visitar todos os seus antigos catecúmenos, e por meio de tais atenções, incutir neles opiniões insensatas sobre o seu destino terreno.

Mais aborrecida, porém, era a conduta dos jesuítas com relação aos índios; aí tinha-se a, impressão justa de que eles, no seu zelo, não dedicassem a menor atenção aos justos interesses dos colonos brancos. Nos primeiros tempos ainda se havia tentado, tendo em mira os grandes serviços dos padres, deixar passar em silencio um ou outro dos seus abusos, mas, com o correr do tempo, isso já não era mais possível. Agora, dado que as florestas virgens já estavam desbravadas e as tribos indias selvagens haviam sido submetidas, dever-se-ia, finalmente, cuidar de por um paradeiro a esses exageros dos padres nos assuntos que diziam respeito ao amor do próximo.

Onde primeiro explodiu o conflito foi no Canadá. Os missionários haviam tido ali oportunidades freqüentes de morrer no martírio pela existência e honra da Nova França cristã, de se deixar escarpelar, tostar e ferver pelos Peles Vermelhas. Mas os membros d essa Ordem pareciam ser insaciáveis em sua ambição e não se contentavam, de modo algum, com a coroa do martírio, a qual as autoridades seculares lhes houveram augurado de bom grado. Pelo contrário, eles reclamavam para se o direito de se imiscuírem também nos assuntos de governo, os quais não eram absolutamente de sua conta. A venda de aguardente aos índios formara, até então, um dos negócios mais rendosos para os comerciantes franceses de Quebec.

Eis que agora chegavam esses padres e, em nome da misericórdia cristã, exigiam que o governo proibisse a venda de álcool aos índios. Km abono d essa estranha opinião alegavam eles que a aguardente causava estragos imensos entre os Peles Vermelhas e induzia os selvagens, normalmente de bom animo, à prática dos mais pavorosos crimes.

As autoridades, a princípio, procuraram satisfazer as exigências dos padres e do bispo a eles ligado, mas, de maneira a que isso não viesse prejudicar sem necessidade o comércio de aguardente. O conselho supremo de Quebec, à vista d isso, promulgou uma lei, em consequência da qual ficava

severamente estabelecida para os índios a proibição de se embriagarem. Os jesuítas, porém, exigiram que se deveria interdizer a venda de aguardente aos índios pelos brancos, mediante castigo, opinião essa que era absolutamente inaceitável para o governo. Repelidos pelos brancos os missionários se voltaram, então, para os índios e procuraram convence-los de que “ a água de fogo” acabaria dando com eles no inferno, e que os brancos davam-na de beber a eles, afim de vende-los ao diabo. Graças a esses discursos os Peles Vermelhas se insurgiram contra os comerciantes de aguardente, e assim se inimizaram de morte não só com esses, mas também com o governador de Frontenac, o qual também era interessado no negócio da aguardente. Uma tal atitude pareceu, aos olhos do governador, tocar as raias da alta traição, e, por isso, resolveu ele encaminhar uma queixa às autoridades parisienses. Entretanto o resultado por ele esperado falhou, pois, justamente nessa época, o padre La Chaise era o confessor do rei e não deixou escapar a oportunidade para influir o animo do monarca em sentido favorável aos jesuítas ; assim é que o processo do tribunal real terminou com a reabilitação completa dos missionários canadenses. Na verdade houve homens perspicazes do governo parisiense que nunca desconhecaram os perigos da proibição alcóolica exigida pelos jesuítas. Indubitavelmente, disse nessa ocasião, Hugues de Lyone, ministro da marinha, constituía isso um princípio muito bom e muito cristão, mas era prejudicial ao comércio, “ pois os índios que eram muito dados à bebida, no futuro não nos iriam mais entregar os seus castores e sim aos holandeses em Albany, dos quais receberiam em troca aguardente.” Formas mais violentas iriam assumir ainda as disputas entre os colonos e os padres, em consequência do tratamento dispensado aos índios nas colônias espanholas e portuguesas da América do Sul. Ali o comércio com escravos índios era considerado nesses dias o melhor e o mais rendoso dos negócios, e os cidadãos das diferentes cidades coloniais organizavam caçadas humanas em regra; a presa era trazida, depois, para o grande mercado escravagista do Rio de Janeiro. Um meio garantido de conseguir escravos índios, consistia também em açular as diversas tribos umas contra as outras para que entrassem a se guerrear. Depois os brancos conravam aos vencedores, em troca de agulhas, facas de bolso e fumo, os prisioneiros” passando-os depois adiante com lucros consideráveis. Mas sucedeu cada vez com mais freqüência que os jesuítas se

manifestassem abertamente contra o costume já enraizado das caçadas aos índios e dos mercados de escravos, tomando, justamente, o partido dos selvagens contra os brancos. Assim é que o padre Anchieta uma vez, depois da celebração de uma paz, conseguida por ele com a tribo dos tamoyos, pregou nas praças do Rio que os tamoyos estavam em seu pleno direito abrindo luta contra os portugueses. “ Vós os atacastes, apesar dos tratados” , bradou ele para os portugueses perplexos, “ e transformaste-os em escravos, violando o direito natural!” .

Anchieta foi também quem conôs, uma vez, um grande drama em versos, no qual fustigava sem conaixão os vícios dos colonos brancos e investia contra o comércio de escravos; ele fez com que os nativos representassem essa peça e, além d isso, convidou a todos os índios da vizinhança para que a viessem assistir. Graças a essas maldades literárias, forçosamente o respeito dos selvagens para com os seus senhores brancos tinha que ficar solapado, e o aborrecimento dos portugueses era, por isso, absolutamente compreensível. Infelizmente pouca coisa se podia conseguir contra os vexames com que os jesuítas combatiam a caça escravagista aos índios, pois tratava-se aí, de fato, de um uso que, embora tolerado geralmente em silencio, não estava autorizado por lei. Os missionários se imiscuíram, no entretanto, até mesmo nos antiquíssimos usos das “ encomiendas” e procuraram semear a balbúrdia também aí. Já desde havia muito tempo o governo concedera a todos os espanhóis abastados, que tivessem prestado qualquer serviço às colônias, um certo número de índios como “ encomendados” ; os proprietários d essas “ encomiendas” estavam na obrigação de mandar instruir os seus “ protegidos” na religião cristã, em troca do que esses deveriam prestar-lhes certos trabalhos agrícolas. Esse sistema funcionara até essa época, para a máxima satisfação dos colonos, mas formava também a base de toda a escravidão índia. Assim foi que esperaram, iriam os missionários jesuítas, mediante a sua catequese, conseguir novos “ encomniendados” e, desta arte, multiplicar ainda o número de escravos disponíveis, elevando-o consideravelmente; mas, nisso foram eles rudemente enganados pelos padres. Um governador sentimental deixou se convencer pelos jesuítas e, publicou uma ordem segundo a qual, a partir d aí os, índios não deveriam mais ser tratados como escravos e, graças às suas constantes e instantes intervenções junto à corte de Madri, os padres obtiveram mais

tarde uma ordem real, que determinava fossem os índios, d aí em diante, retidos no trabalho “ exclusivamente com o sabre da palavra divina.” Dentro d essas circunstâncias era muito de se temer a ruína completa do império colonial sul americano. Dentro em breve os jesuítas foram até mesmo acusados de estar fazendo causa comum com os índios, contra os brancos, de que eles com a descrição feita aos selvagens dos vícios europeus, estavam procurando abalar até mesmo a obediência devida às autoridades reais, os jesuítas, assim o afirmavam agora seus adversários, trabalhavam em coisa não menos importante do que na organização de um império índio independente, sob o seu próprio governo.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



O ESTADO MUSICAL DOS JESUÍTAS

Essa suspeita dos caçadores de escravos e possuidores de comendas não era de toda injustificada: os jesuítas que haviam travado conhecimento nas cidades sul americanas com os usos e costumes dos colonos, haviam chegado, de fato, à convicção de que os denominados “ selvagens” estavam nas suas florestas virgens melhor aparelhados para a organização de uma Cidade de Deus do que os brancos. “ Pois,” escreveram os padres nas suas informações, “ não é que os espanhóis se limitem apenas a fazer dos índios, escravos; eles os corrompem também, dado que se entregam a vários vícios, dos quais os nossos inocentes selvagens nada sabem.” Assim foi que, em breve, surgiu entre os missionários a idéia de que os índios deveriam ser completamente separados dos brancos, afim de, por essa maneira, protegê-los não só contra a sua tirania mas também contra a contaminação pelo mau exemplo ; pois a todo o instante se evidenciava que a convivência dos índios com os espanhóis muitas vezes aniquilava em poucas semanas aquilo que os jesuítas tinham logrado alcançar em bons frutos, durante anos e anos de penoso trabalho. Os jesuítas acabaram, finalmente, transmitindo essas ponderações ao rei da Espanha também. Se o soberano, assim pensavam eles, lhe quisesse conceder o direito de organizarem um Estado índio na América do Sul, independente completamente das autoridades coloniais espanholas, então os jesuítas, por sua vez, se abrigavam a induzir os índios a um reconhecimento espontâneo da autoridade suprema espanhola e ao pagamento de um imposto anual “ per capita’ à corte de Madri.

O rei Filipe III já havia muito se encontrava a braços com dificuldades monetárias constantes, e, por isso, essa solene promessa material dos inteligentes padres agiu sobre ele de uma maneira bastante convincente. Assim foi que ele publicou um privilegio, o qual concedia aos jesuítas a plenipotência solicitada e estabelecia, especialmente, de acordo com os desejos dos missionários que, daí em diante, nenhum branco, exceção feita do governador, deveria transpor sem a necessária licença dos padres as localidades designadas pelos missionários para moradia dos índios. Filipe IV que por ocasião da sua ascensão ao trono, herdou também os embaraços

financeiros de seu antecessor, confirmou também o privilegio. Assim é que, d aí em diante, os jesuítas puderam se dedicar à tarefa de organizar nas margens ambas do rio Uruguai, principalmente, nas florestas e planícies da América do Sul oriental aquele Estado ideal no qual deveria reinar unicamente a pureza evangélica. Nisso tomaram eles como ponto de partida, o princípio exato de que um verdadeiro “ reino de Cristo sobre a terra” só poderia ser fundado entre essas tribos indias selvagens, na espessura da floresta virgem, e com a exclusão mais rigorosa possível dos cristãos europeus. As condições geográficas vieram em socorro das intenções dos padres: os colonos espanhóis que, outrora, em sua busca de prata, tinham se dirigido mais para o sudoeste da América do Sul, haviam sempre se instalado nas embocaduras dos grandes rios, ao passo que o “ hinterland” , desde que não fosse atingível pelos rios, permanecia fechado. O rio Uruguai, porém, tal como os jesuítas o haviam confirmado com as suas viagens de descobrimento, exibiu, em um ponto do seu curso uma grande catarata com escolhos perigosos e cachoeiras, a qual obstava toda e qualquer viagem de embarcação europeia; por de trás d essas paragens intransponíveis começavam os territórios, sobre os quais as tribos dos chiquitos e guaranis haviam levantado as suas tabas. “ Os nossos missionários,” escreveu o padre tirolez Sep, o qual viajou pelo país, mais tarde, depois da organização do “ Estado jesuítico” “ são todos de opinião que Deus criou essas quedas d água e essas cachoeiras para bem dos nossos pobres índios” pois os espanhóis em sua cupidez insaciável chegaram até aí com os seus grandes navios, mas não puderam ir mais além. Até o dia de hoje não transpuseram eles as nossas reduções e não puderam estabelecer nenhum contato, nenhum comércio com os nossos índios.” Os cautelosos padres, entretanto, não se confiaram nem na natureza e nem no privilegio real que lhes fora concedido; pelo contrário, fizeram tudo quanto se pode imaginar para inedir a civilização europeia de penetrar na região confiada à sua guarda. Não somente que houvessem eles proibido sempre, de maneira rigorosíssima, todo e qualquer contato com os brancos; eles cuidaram também de que os nativos não aprendessem nem a língua portuguesa nem a espanhola. Chegaram mesmo a ponto de recomendar aos seus protegidos o emprego de violência contra todos os estrangeiros, que se atrevessem a entrar no território d eles sem uma licença expressa.

Quando os primeiros jesuítas, seguindo o curso dos rios, haviam penetrado nas florestas virgens do Paraguai, pareceu a princípio que fosse impossível qualquer obra missionaria, pois os índios sempre recuavam atemorizados diante d eles. Mas, dentro em breve, observaram que, quando eles cantavam hinos sacros em suas canoas, em seguida surgiam da espessura da mata, d aqui e d ali, índios, os quais os ouviam atentamente e deixavam perceber uma enorme satisfação com esses sons. Mas com essa observação também os missionários haviam descoberto, simultaneamente, o meio .apropriado para atrair os índios lá das suas florestas: a partir, d aí os missionários levavam consigo em suas viagens instrumentos de musica e tocavam e cantavam tanto quanto podiam. “ Os índios caíram na doce armadilha” , escreve Chateaubriand no seu “ Gênio do Cristianismo” , “ baixaram de seus montes, dirigiram-se para as margens dos rios afim de melhor ouvir os sons sedutores e muitos se precipitavam na água e seguiam nadando o barco encantado. Flechas e arcos escorregavam, inconscientemente, das mãos dos selvagens; em suas almas o pressentimento de formas de vida mais elevada começou a dominar e fez a sua entrada nelas a primeira doçura da humanidade.”

Além disso, os missionários sabiam explicar aos índios que, perplexos, os estavam escutando, em sua língua materna aquilo que eles tinham cantado; d essa maneira surgiu um tal interesse por parte dos selvagens, que eles os convidaram a que os seguissem nas florestas e planícies afim de ali cantarem também em presença dos anciãos e explicassem aos mesmos a significação dos seus cânticos. D essa maneira os padres conseguiram chegar a essas regiões, onde, até então, nenhum europeu tinha posto o pé, onde os guaranis e chiquitos viviam rodeados de uma natureza virgem. Ali encontraram eles criaturas humanas, cuja vestimenta consistia, de acordo com as descrições dos missionários, em peles de veado; as raparigas e rapazes estavam nus, suas longas cabeleiras despenteadas, semelhantes a uma cauda de cavalo, caíam-lhes pelos ombros abaixo; nas orelhas perfuradas usavam eles ossos ou penas tingidas, pendentes de fios, e costumavam enfeitar o pescoço também com berloques semelhantes. Os semblantes dos homens pareceram aos padres que tinham quase todos a mesma forma, redondos, achatados e de um escuro carregado. As mulheres eram feias; seus cabelos negros como carvão

caíam-lhes em tranças por sobre o rosto enrugado, queimado, costas abaixo. Esses selvagens eram de caráter infantil, confiado e dócil, e já, os primeiros missionários que haviam chegado até eles informaram que tinham visto “ duas vezes cem mil índios” , os quais “ eram sumamente aptos para o reino de Deus.” Os padres agora já sabiam que, valendo-se de cânticos, era possível exercer um efeito magico sobre os índios, e souberam aproveitar bem essa circunstancia em benefício de seus desígnios. Se os selvagens antes haviam oposto resistência contra toda e qualquer medida, em compensação essa resistência desaparecia em seguida, logo que houvessem entoado um cântico solene. Mas coisa mais estranha ainda: dentro em pouco os próprios selvagens procuraram imitar os exercícios musicais dos missionários e, sob a direção dos padres, aprenderam com grande entusiasmo a cantar corais polifônicos dificílimos. D essa ligação por meio da música foi que, propriamente, surgiu, a princípio, a estrutura d esse Estado em gênese, pois o objetivo do canto em comum não era o último pelo qual os índios, até então dispersos pelas florestas, se reuniam cada vez mais estreitamente. De começo uniu-se um certo número de famílias guaranis em uma localidade a que os jesuítas deram o nome de Loreto; pouco tempo depois surgiram também as outras comunidades indias cristãs de Santo Ignácio, Itapuã e Santana, todas elas localizadas no médio Paraná. D esse tronco fundamental de aldeamentos índios surgiram as “ reduções” do Paraguai, as quais, dentro em breve, vieram a abranger grande parte dos atuais territórios da Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile, Brasil e Bolívia. Na época de florescimento d esse estranho império havia um total de trinta e uma d essas “ reduções” , as quais contavam de três até seis mil almas cada uma. Os habitantes da região toda orçavam, nessa ocasião, em cerca de cento e quarenta mil pessoas. A vida nas reduções do Paraguai se desenrolava, quase que toda ela, por entre acompanhamentos musicais. Já às cinco horas da manha., os tambores chamavam o povo para a igreja, onde era celebrada uma missa com muito canto, resposos e musica instrumental ; pois os missionários acreditavam “ que nada contribuía tanto para insuflar nos índios o fervor e o gosto pelo serviço divino e também para tornar-lhes compreensível as próprias doutrinas, como isso de faze-los acompanhar de cânticos” . Os índios eram de seu natural muito avessos ao trabalho, mas, foi de novo a musica que proporcionou aos padres o socorro necessário para dominar-lhes a preguiça

ingênita. Quando os homens pela manhã se dirigiam ao cano, lá ia marchando à frente d eles uma' banda de musica; com acompanhamento musical amanhavam eles os canos, derribavam árvores e construía m prédios, com musica tomavam a refeição do meio dia e com musica regressavam eles, de noitinha, às suas aldeias.

O protestante alemão M. Bach, o qual no ano 40 do século XIX encontrava-se a serviço do Estado boliviano e que, assim, estudou minuciosamente os remanescentes da republica jesuítica, conta que já os filhos dos índios eram obrigados, diariamente, a freqüentar a escola de musica, durante horas a fio ; a prática constante, aliada a um grande talento inato, trouxe em resultado que “ mesmo nos coros constituídos por milhares de pessoas, nunca soava uma nota desafinada” . Saber cantar afinado era, por assim dizer, considerado como um dever cívico.

Todos os missionários se manifestam com palavras de máxima admiração sobre o admirável talento musical d esse povo; eles não se fartavam de admirar a presteza com que os próprios meninos índios aprendiam de maneira perfeita não apenas o canto, mas também o manejo dos difícilimos instrumentos de musica europeus, tanto os de corda como os de sopro. Eram os padres alemães, principalmente que dirigiam o ensino musical: Organizaram eles coros sacros regulares, e também orquestras completas, nas quais se podiam encontrar “ violinos, contrabaixos, clarinetes, flautas, harpas, trombetas, cornos e tambores” . Cada aldeia tinha, tal como o informam os padres, pelo menos “ quatro trombeteiros, três bons teorbistas, quatro organistas e, além d isso, charamelistas, fagotistas e cantores” . O repertório abrangia, ao lado da musica sacra, também marchas e danças importadas da Alemanha, sim, até mesmo partes de operas italianas. “ Entre os índios simples das florestas virgens da América” , observou uma vez o missionário Francisco de Zefyris, “ os padres não conseguiram vitória alguma com a matemática, porque ali ninguém compreendia ou exigia essa ciência, entretanto com a mu

Abstração feita dos exercícios musicais, os missionários se esforçaram também por entreter os moradores do seu Estado índio com diversões de toda a espécie, pois, como eles opinavam, a alegria não era prejudicial à virtude, pelo contrário obrava de maneira “ a que a mesma fosse amada e aumentada” .

Habitualmente organizavam eles, por isso, festas populares com os mais diversos jogos, conetições atléticas e combates simulados. O padre Charlevoix narra como os jesuítas “ haviam introduzido também nas reduções o hábito, em voga entre os espanhóis, de celebrar as festas eclesiásticas com danças” , afim de que os índios pudessem sentir d essa maneira tanto maior alegria com o cristianismo. “ Ora faziam eles as mais artísticos bailadas” , conta o padre, “ ora representavam torneios, parte a cavalo, parte a pé, ora caminhavam eles em pernas de pau de seis côvados de altura, ora na maromba, ou então corriam munidos de lances, em direção às argolinhas. Uma outra vez fizeram representar uma pequena comedia, a qual todos eles, embora a custa de muito trabalho de minha parte, gravaram nas cabeças duras e representaram de maneira excelente.” Essa arte teatral primitiva agradou de tal maneira aos índios, que eles, decorridos já muitos decênios após a expulsão dos jesuítas, continuaram representando as peças que haviam aprendido outrora com os padres. O missionário tirolês Sep descreve com muita vivacidade uma grande festa celebrada por ocasião de sua chegada ao Paraguai: “ Ao nascer do sol baixamos nós à terra e fomos recebidos na margem pelos índios com a alegre exclamação “ jopaeen! jopaeen!” Todo . o mundo se deu pressa em sair de suas cabanas, qual ainda seminu, qual já vestido com uma pele; era um que subia no seu tordilho, outro no seu morzelo, este enunhava o arco e a flecha, aquele pedra e funda, e todos eles corriam, o quanto as pernas lhe davam, em direção ao rio...” “ Eis que então apareceram no meio do rio duas lindas embarcações, as quais davam a impressão de galeras de combate, cheias de trombeteiros, mosqueteiros, tamboreiros e chameleiros. Então tocaram musica, salvaram e entre os dois navios foi travada batalha simulada. Os índios saltavam no rio e lutavam uns com os outros, ora debaixo d água, ora na superfície, o que era um gosto ver-se. Por fim vieram todos eles nadando, alegremente, em direção ao nosso bote, saudando-nos.”

“ Mas na margem estava o padre superior com dois esquadrões de cavalaria e duas companhias de infantes, todos eles índios, vestidos, porém, com os trajes espanhóis, sumamente enfeitados. Suas armas consistiam em sabre, mosquete, flecha e arco, laços e cacetes ; realizaram eles um belo combate simulado. Enquanto isso, quatro alferes agitavam suas bandeiras, quatro trombeteiros entusiasmavam n povo, as

cornetas, fagotes e charamelas tocavam alarme, enquanto nós, paulatinamente, saindo de nossas verdes cabanas de ramos, abraçamo-nos uns aos outros e nos dirigimos à igreja, no meio de alegre repiques de sinos, através de lindos arcos de triunfo verdejantes, escoltados por cerca de uns mil índios...” O dia de Corpus Cristi era celebrado de maneira sumamente inonente, e aí os missionários tinham inventado muita coisa que lembrava a solenidade da corte imperial chinesa; pássaros vivos, de todas as cores, estavam amarrados aos arcos de triunfo feitos de flores e ramos de árvores. Aqui e ali tinham colocado “ tigres e leões acorrentados” e posto pias de chafarizes com lindos peixes. Com esses dispositivos pretendiam dar a impressão de que todos os seres da natureza tomavam parte na homenagem prestada ao Sacramento. Por ocasião da procissão da Ressurreição eram transportadas imagens em tamanho natural, fabricadas pelos índios as quais representavam plasticamente as diferentes cenas da Paixão. Com o fito de aumentar ainda mais a impressão sobre os índios, os padres se utilizavam também de imagens de santos com olhos e membros moveis e espargiam pelo solo ervas e flores, sobre as quais borrifavam depois águas perfumadas.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



A DITADURA DA BRANDURA

Com o correr do tempo os padres vieram a descobrir em seus protegidos uma aptidão admirável para a imitação exata dos padrões europeus. Se se mostrava a um índio uma cruz, um candelabro ou um objeto semelhante, com a incumbência de que ele mesmo fabricasse essas coisas, então o índio, em seguida, fazia uma cópia que quase não se podia diferenciar do original. As mulheres conseguiram imitar fielmente os desenhos mais preciosos das rendas brabantinas, e um grupo de operários índios chegou mesmo a fabricar um órgão excelente, de acordo com um modelo europeu. Gravavam eles figuras em bronze e faziam cópias de missais, de tal maneira perfeitas que ninguém mais podia dizer qual era o exenlar impresso e qual o manuscrito. As trombetas fabricadas pelos índios eram absolutamente iguais aos produtos da indústria musical de Nuremberg, e os seus relógios não cediam na mínima coisa às mais formosas obras de Augsburg. Além d isso, esses trabalhos proporcionavam aos índios grande alegria, e eles punham mãos à obra espontaneamente, e com o máximo ardor, quando se tratava de fabricar coisas que pudessem servir para o embelezamento de suas festas e igrejas ou para os seus: exercícios musicais. Os padres pela maneira inteligente e disfarçada com que exigiam tais atividades, conseguiram fazer com que os índios dominassem a sua ingênita aversão ao trabalho, por assim dizer brincando ; mas d aí, foi crescendo, pouco a pouco, no meio da floresta virgem do Paraguay, uma indústria organizada. Por fim existiam já marceneiros, ferreiros, tecelões, alfaiates, sapateiros, curtidores, torneiros, funileiros, relojoeiros, escultores, pintores, fundidores de sinos e fabricantes de instrumentos; as oficinas geralmente, estavam situadas junto à casa da Missão. “ No pátio estava a moenda de açúcar” , escreve M. Bach, “ e nos aposentos de em torno do pátio encontravam-se os ocupados com a fabricação do açúcar, os ferreiros, os prateiros, os carpinteiros, os ebanistas, os torneiros, os branqueadores de cera, os curtidores e os tecelões com quarenta ou cinquenta teares...” Além d isso cada uma das reduções tinha o seu ramo industrial especializado; assim é que em Loreto eram fabricadas estatuas_ e obras de talha, em São João Batista, por sua vez, os melhores fabricantes de instrumentos estavam no seu elemento, ao passo que nas outras reduções havia preferencia pelo preparo do couro. As

crianças eram, em uma certa idade, levadas pelos padres às oficinas e tinham licença para escolher o ofício aquele para o qual sentissem maior inclinação. D essa maneira os padres procuravam obter que “ a profissão fosse determinada pelas tendências naturais” . Com a mesma inteligência e brandura, com que os jesuítas aí souberam colocar as boas qualidades dos selvagens ao serviço da civilização, combateram eles também os seus erros e defeitos. Haviam eles reconhecido logo que, se os índios dispunham de grande aptidão para a música e para os trabalhos manuais e possuíam também compreensão para a leitura e para a escrita, em compensação não lhes foi possível, de maneira alguma, ensiná-los a contar; a maioria d eles não possuía compreensão para os números. A custa de grandes esforços conseguiam eles, quando muito, contar com ajuda dos dedos dos pés e das mãos até vinte, mas para tudo que excedesse d isso usavam eles apenas o conceito geral de “ muitos” . Essa falta trazia consigo também neles uma incapacidade absoluta para toda e qualquer espécie de “ economia domestica” e para “ cuidar do futuro” ; dado que eles, além d isso, eram dominados por uma glotonaria indomável, resultou d aí ser tanto mais difícil habituá-los a uma divisão racional das suas reservas de gêneros alimentícios. Se os padres, no principio, por exemplo, ainda tinham entregue a um chefe de família uma vaca, com cuja carne ele deveria passar três dias, juntamente com os seus, sucedia que o índio, as mais das vezes, devorava a vaca em uma só refeição e depois, já no dia seguinte, aparecia todo lamuriento junto aos missionários, queixando-se de fome. Aconteceu também mais de uma vez, que o pessoal abatesse em pleno cano os bois que lhe haviam sido confiados para os trabalhos de arado, e os comessem. Dentro de tais circunstancias não era possível convence-los de que se tornava necessário reservar da colheita uma certa quantidade de grãos para a sementeira do ano seguinte e reservas para casos de desgraças imprevistas. Não restou outra solução para os jesuítas senão construir celeiros especiais, nos quais o produto da agricultura era guardado debaixo de sete chaves, e d aí os índios todos iam recebendo, diariamente, a sua razão exata. As terras pertenciam, em parte, aos índios, mas na maior parte à coletividade. Cada qual podia plantar o que quisesse no seu terreno particular, o chamado “ abamba” , ou “ cano do homem” ; o amanho do “ cano de Deus” , porém realizava-se sob a direção dos padres; a produção devia ser depositada nos celeiros. A propriedade fundiária privada não

podia ser vendida, e também as casas eram inalienáveis. Não havia direito de herança de nenhuma espécie, razão pela qual todas as crianças eram sustentadas com os recursos da comunidade, e, quando completavam a maioridade, recebiam por sua vez, “ abambae” . Da produção dos “ canos de Deus” , porém, eram mantidos igualmente os doentes, os velhos e os incapazes ; eram também d aí tirados os recursos para a construção de casas, igrejas, e edifícios de administração da mesma maneira que os inostos anuais devidos à coroa de Espanha. Os missionários mesmos não tinham aí nenhuma quota e viviam de uma pequena renda, que Lhes fora fixada pelo rei.

Mas os padres não cuidavam apenas de uma divisão econômica de plano dos gêneros alimentícios guardados nos armazéns ; eles zelavam também pelo vestuário dos índios. As viúvas conservadas nas “ casas de viúvas” especiais e as suas respectivas filhas recebiam, regularmente, d eles o algodão que tinham de fiar; com o fio eram então fabricados os tecidos nas tecelagens. Os homens e mulheres recebiam roupas uma vez por ano, e as crianças duas vezes, e sucedeu assim que os índios das reduções jesuítas, a despeito de toda simplicidade, ainda andavam mais bem vestidos do que todos os espanhóis das regiões coloniais limítrofes.

A repartição rigorosamente organizada dos produtos correspondia, igualmente, a uma organização cuidadosa do trabalho a ser prestado pelos índios. Para todos os cidadãos desse Estado existia uma obrigação de trabalho proporcional, pois os padres cuidavam de que ninguém ficasse super-fatigado, pelo contrário vigiavam eles para que os índios tivessem de sobra tempo bastante para o descanso e a escola. As necessidades econômicas do país eram, em geral, cobertas por uma distribuição inteligente de um tempo de trabalho diário constante de oito horas. Durante três dias da semana os índios tinham de lavrar os “ canos de Deus” , ao passo que os demais dias, eles os podiam entregar no amanho da sua propriedade particular; somente aquele que descursasse o próprio terreno, estava na obrigação de consagrar uma grande parte do seu tempo de trabalho ao. bem da comunidade. A economia natural pura que predominava nesse pais tornava o dinheiro como meio de pagamento absolutamente dispensável. Toda a operação comercial se realizava mediante troca: quem quisesse conrar

um boi ou uma vaca, dava em troca uma certa quantidade de tecido ; uma faca era trocada por um cavalo, um anzol por uma vitela.

O comércio exterior da republica índia também se processava sem intervenção de dinheiro; trocavam-se produtos agrícolas e mercadorias manufaturadas do interior do país tais como açúcar, cera, mel, tabaco, couros, tamarindos, produtos de algodão, peles, traba1hos de torno e outros iguais, por mercadorias européias. Um resultado especial obtiveram os padres com a elaboração da “ Ilex paraguayensis” nativa, a qual foi selecionada transformando-se em uma espécie de planta de chá ; o” chá paraguaio” constituiu durante longo tempo um dos artigos de exportação mais importantes das reduções. Todas as mercadorias destinadas à venda eram levadas a Santa Fé ou Buenos Aires, onde os jesuítas em pessoa regulavam as trocas. Os lucros d aí resultantes serviam para a execução de melhorias e para a criação de novos estabelecimentos de natureza industrial ou agrícola,

Muitas vezes não era possível se evitar que os comerciantes espanhóis fossem convidados a vir às reduções, afim de que ali examinassem as mercadorias que iam ser conradas ou para que exibissem os produtos que traziam. Mas os jesuítas haviam posto tento em que os índios não entrassem em contato nem mesmo com esses mercadores itinerantes. “ Em algumas aldeias, como por exemplo São Xavier, São José e Santa Corazon” , escreve M. Bach, “ eram construídas fora da localidade as chamadas ramadas, as quais eram apercebidas de todo o necessário e nas quais os comerciantes estrangeiros tinham que se alojar. Recebiam eles aí boa comida e boa bebida e uma cama confortável e tinham todas as comodidades desejáveis e isso, na verdade, de graça, mas eram, por assim dizer, vigiados como prisioneiros do Estado. Logo depois da chegada d eles todas as estradas da ramada eram guarnecidas com sentinelas e sobre essas paraiva a proibição rigorosa de não trocarem com eles uma palavra sequer. O comerciante estrangeiro podia permanecer na ramada três dias.” Não somente os índios estavam protegidos contra as tentações do dinheiro, em conseqüência da economia natural de trocas, mas também os chefes d esse Estado original nunca ficavam em condições de amontoar riquezas. Eles próprios haviam conseguido da coroa espanhola a determinação de que nada

procedente da fortuna das reduções poderia ser enregado pelos padres, pelo contrário, que o produto total rio comércio deveria reverter em benefício dos índios. Por isso os chefes das reduções estavam obrigados a prestar contas exatas ao provincial, regularmente, de suas despesas e da receita

Cada redução constituía uma comuna independente; dois padres dirigiam a redução e atuavam, simultaneamente, como sacerdotes, médicos, professores e inspetores dos trabalhos a ser executados. A administração civil estava nas mãos de um corregedor eleito pela comuna, de vários regedores e alcaides assim como de um conselho comunal; todos esses funcionários eram índios, pois que os jesuítas procuravam manter de pé uma autonomia nacional na medida mais alta possível. Os índios distribuía justiça sob a direção dos padres, administravam os armazéns de gêneros e inspecionavam a marcha normal do trabalho. Abstraindo d essa organização política, existiam ainda sindicatos regulares com os seus funcionários nativos; assim é que os tecelões, os ferreiros, os marceneiros e outros operários tinham os seus alcaides próprios, as mulheres elegiam uma superiora e, além d isso, havia um alcaide para a juventude, o qual inspecionava as crianças até que atingissem elas os dezessete anos de idade. O padre Peramas descreve a disposição exterior de uma d essas reduções como se segue: “ O ponto central da colônia toda, regular, formava-o sempre a igreja; ela era espaçosa, construída de material solido e, as mais das vezes, lindamente ornamentada. Em um dos flancos encontrava-se o cemitério, no outro o colégio, o qual continha, ao mesmo tempo, a escola. Ao lado d esse erguia-se a casa comunal com as armazéns destinados aos produtos públicos e com as oficinas do operariado. Ao lado do cemitério estava situada a casa das viúvas, da qual uma parte era utilizada também como hospital. A frente da igreja estendia-se sempre uma praça com uma estatua, e em redor d esta alinhavam-se, quase sempre em disposição quadrangular, as casas de moradia dos índios, de um só andar, com os seus telhados salientes ou suas galerias.”

“ Uma polícia comunal índia cuidava da manutenção da tranqüilidade e da ordem, com a qual se procurava estabelecer o princípio da máxima brandura’ e da conlacência máxima. Se era necessário chamar a contas um violador da lei, então o corregedor, primeiramente, lhe passava uma reprimenda a sós ;

somente quando isso não dava resultado algum é que podiam ser aplicadas penas de prisão e de açoites. A pena de morte estava fundamentalmente abolida em todas as reduções, e malfeitores absolutamente incorrigíveis eram castigadas, exclusivamente, com a sua transferencia para reduções mais afastadas. As mulheres podiam ser condenadas a uma reclusão maior na casa das viúvas, a título de expiação,” “ Do ponto de vista juridico-politico, o Paraguay podia ser designado, principalmente, como uma confederação, dado que as reduções eram completamente independentes em seus assuntos internos e somente certos setores da administração, tais como o comércio exterior e o serviço militar eram regulados em comum. A situação em que se achava para com o reino espanhol correspondia à de um moderno domínio: o Paraguay estava sujeito, imediatamente, à coroa e, mediante privilegio real, gozava de uma administração absolutamente autônoma, possuía a sua justiça própria e o seu próprio exercito. As reduções estavam obrigadas exclusivamente ao pagamento de um inosto anual e à ajuda militar, dentro da América do Sul, em caso de guerra, apenas; no demais o governo de Madri tinha que se abster de toda e qualquer ingerência na sua administração.”

Assim é que os jesuítas, partindo da exata observado das aptidões e fraquezas de seus índios, realizaram no Paraguay justamente aquele Estado comunista, o qual ainda hoje, duzentos anos mais tarde, é inculcado à humanidade como a situação ideal, especialmente digna de ser aspirada. Tudo quanto os utopistas algum dia esperaram de uma organização econômica comunista, fora aí realizado de fato: comunidade dos meios de produção e de consumo, eliminação da funesta economia monetária, igualdade geral de todo o cidadão, supressão de toda a miséria material, assistência aos velhos, doentes, viúvas e órfãos, obrigação geral de trabalho de oito horas, educação das crianças pelo Estado, livre escolha da profissão.

Também do ponto de vista técnica-administrativo esse Estado índio correspondia às exigências democráticas mais modernas, pois aí os cidadãos não constituíam uma massa oprimida sob um domínio de funcionários despóticos; pelo contrário, a liberdade do povo só era limitada ao ponto em que os interesses da coletividade o exigissem; o funcionário nativo, livremente

eleito, d essa republica não era nada mais do que um órgão altruísta do bem estar publico.

Apesar de tudo isso, a propriedade privada não fora, de nenhuma maneira, completamente suprimida, e aí, ao lado da propriedade comum, existia também a propriedade individual, a qual, não obstante, não fora adquirida nem mediante exploração, e nem podia vir a constituir um perigo para a coletividade, em consequência da acumulação. Toda essa organização fora introduzida sem nenhum emprego de violência, pelo contrário com grande alegria por parte dos beneficiados, e o Estado no qual essas instituições-modelo dominaram, existiu, de verdade, por espaço de cento e cinquenta anos. Mercê d esse fato, igualmente mercê da circunstancia de que a sua inlantação nunca foi conquistada à custa da vida de pessoas orientadas diferentemente, o império comunista dos jesuítas no Paraguai se diferencia, vantajosamente, d essa outra idêntica experiência dos nossos dias, a qual, a despeito das numerosas vítimas humanas, até hoje, ficou sendo, em sua maior parte, apenas uma utopia traçada no papel.

▪ [*Anterior*](#)

▪ [*Índice*](#)

▪ [*Posterior*](#)



OS PADRES COMO ESTRATEGISTAS

Um Estado assim, edificado sobre os direitos humanos dos índios, no meio de uma região colonial cujo principal ramo de comércio era o mercado de escravos, deveria, forçosamente, causar a impressão de um desafio atrevido. Pois esse Paraguay independente não tinha arrebatado, desde havia muito, aos caçadores de homens, as suas peças mais preciosas? Continuar tolerando isso por mais tempo, pareceu coisa idêntica a tolerar a ameaça feita a toda a civilização europeia na América do Sul.

A princípio tentara-se obter por meio de negociações com os jesuítas, que pelo menos certas reduções de zonas limítrofes fossem repartidas. em “ encomiendas” ; mas os donos do Paraguay apelaram para o privilegio real e fizeram menção da fraternidade evangélica, argumento este último que deveria parecer aos funcionários coloniais, nessa circunstancia, absolutamente inoportuno. Em compensação, a patente de privilegio real não era para ser tocada, assim sem mais aquela, e, nessas condições, os brancos deixaram, a princípio, todo o necessário entregue aos chamados “ mamelucos” .

Com esse nome designava-se uma horda de mestiços, rebentos de salteadores europeus e forçados, os quais se haviam casado com as mulheres Índias. Os mamelucos, organizados em turbas bem armadas, percorriam as regiões próximas e distantes de suas colônias, roubando tudo a tudo e saqueando.

As autoridades coloniais julgaram então indicado chamar a atenção para as reduções Índias e recomendá-las como objetivo das suas expedições posteriores. Assim é que, dentro em breve, poderosas tropas mamelucas invadiam o Paraguay, aprisionavam todos os índios sobre os quais podiam deitar_ mão e vendiam-nos depois nas cidades marítimas. D essa maneira, no começo do século XVIII, cerca de sessenta mil índios de reduções foram reduzidos ao cativeiro. Depois de todas as tentativas feitas no sentido de induzir o governador de La Plata a uma intervenção; depois de terem as mesmas ficado baldadas, os jesuítas resolveram evacuar a região ameaçada pelos mamelucos, e conduziram doze mil dos seus índios pelo

Paraná abaixo, através da floresta virgem, resguardando-os em uma região mais afastada e menos exposta.

Mas, dentro em pouco, os mamelucos penetraram ali também, favorecidos especialmente pelas autoridades portuguesas. Na verdade os jesuítas conseguiram obter um breve papal, no qual o governador do Brasil, sob ameaça de excomunhão era intimado a por um fim a essa atividade, mas, dado que os mamelucos estavam combatendo a favor dos interesses de todos os caçadores de homens e mercadores de escravos, o breve, como era natural, não foi objeto de consideração.

Dentro de tais circunstâncias o padre Montova, o então chefe das reduções ameaçadas, viu-se forçado à conclusão de que também o reino de Cristo neste mundo só mui dificilmente poderia abrir mão das armas de fogo. Por isso procurou ele obter junto ao rei de Espanha unia permissão para aperceber os índios com armas européias. Tendo esclarecido ao rei que um exército de índios assim organizado poderia também prestar outros serviços à coroa, a petição foi despachada favoravelmente.

Somente agora essa estranha republica do Paraguay que, originariamente, nascera de uma espécie de “ sociedade orfeônica índia” tornara-se um Estado, na extensão da palavra. Dentro em breve os padres organizaram uma formação militar de funcionamento preciso, aramaram os índios do país inteiro e estabeleceram fundições de canhões e fabricas de fuzis. A partir d aí cada redução tinha de manter duas companhias de soldados, postas sob o comando de caciques índios; oficiais e tropas usavam uniformes e armas copiadas do modelo espanhol e, em presença dos padres faziam exercícios militares e manobras com toda a regularidade. “ Todas as segundas-feiras,” informou nessa ocasião um missionário, “ o corregedor da localidade passa em revista as tropas na praça pública e fá-las exercitarem-se. Depois elas se dividem em dois partidas que se atacam mutuamente, e isso se desenrola muitas vezes com ardor tão intenso, que se é forçado a tocar a retirada, afim de que não suceda alguma desgraça... Constantemente um corpo de cavalaria patrulha as circunvizinhanças e dá notícias de tudo que percebe. As passagens estreitas, através das quais se poderia penetrar na região, são vigiadas atentamente... Se surgisse um perigo, então nós poderíamos, de imediato,

mobilizar três mil índios a cavalo, os quais sabem, bastante bem, usar o mosquetão, brandir o sabre, formar um esquadrão e manobrar a rigor. Todos eles foram treinados e exercitados pelos nossos padres.” Breve as forças essas tiveram oportunidade de demonstrar a sua aptidão. Quando no decurso de uma luta contra os portugueses a fortaleza de São Sacramento foi sitiada, a republica do Paraguai pôs à disposição, dentro de onze dias, um corpo auxiliar conosto de três mil e trezentos cavalarianos e duzentos atiradores com o seu conetente comboio. Seiscentos índios com um padre alemão à frente tombaram nessa expedição diante do inimigo. O rei Felipe V teve, por isso, razão bastante para designar nessa época o exército do Paraguay ainda como “ o baluarte militar avançado da Espanha” . Mas pouco tempo depois os espanhóis iriam ainda se convencer, embora de outra maneira, da habilidade do exército índio, quando eles mesmos tiveram de sair a cano contra estes e amargar derrota após derrota. No ano de 1750 as cortes de Madri e Lisboa resolveram liquidar os seus litígios de fronteiras à custa das reduções paraguaias: a Espanha cedeu mediante um tratado, sete localidades da região índia a Portugal. Os portugueses exigiram então que essas colônias, que agora lhes pertenciam, fossem evacuadas pelos seus habitantes índios, pretensão essa a que os morapuseraai. Depois que os jesuítas por via diplomática, conseguiram unia protelação da entrega oficial d essa região aos portugueses e aproveitaram esse tempo para organização da resistência armada, os oficiais espanhóis e portugueses, que tinham a seu cargo a retificação das fronteiras, em face da ameaçadora concentração de tropas Índias, se viram forçados a retirar. O general português Gomes Freire de Andrade escreveu nessa ocasião ao comandante espanhol, Marques de Valdelirios: “ Vossa Excelência terá se convencido pessoalmente, em face das cartas de informações que Lhe chegaram às mãos, que os padres da Sociedade são rebeldes formais. Se nós não afastarmos esses “ santos padres” das aldeias, não assistiremos a outra coisa mais senão revolta, agitação e desprezo... Todas essas coisas, cuja simples menção provocou a nossa repulsa, não devem mais ser postas em dúvida depois que nós examinamos, pessoalmente, os fatos.” No ano seguinte já as forças espanholas e portuguesas avançavam contra a republica jesuíta. Mas os espanhóis se viram forçados, de novo, a recuar, nas margens do rio da Prata, porquanto se chocaram contra formações Índias muito superiores ; os portugueses,

pelos seus lados, que, partindo de São Pedro do Rio Grande, estavam em marcha em direção ao oeste, não tiveram sorte melhor ; os índios instruídos pelos padres envolveram-nos em escaramuças constantes e enervantes, e por isso, eles se viram na contingência de firmar um armistício. Depois que ficou verificado ser inexecutável uma ação em separado, os espanhóis se uniram aos portugueses para um ataque em comum. Mas, em seguida, deram eles de encontro a uma obra de fortificação completa, dotada de canhões, a qual só pode ser tomada depois de um violento combate e a custa de graves perdas ; os índios, depois disso, organizaram uma nova linha de defesa, em terreno montanhoso, cuja conquista esgotou de tal maneira o corpo expedicionário, que o ulterior avanço teve de ser interrompido por algumas semanas. Somente meio ano depois do reinício das hostilidades foi que as tropas européias chegaram à primeira redução índia, a qual havia sido abandonada e incendiada pelos seus habitantes. As localidades que deviam ser entregues a Portugal tiveram de ser conquistadas uma depois da outra, ocasião em que um corpo completo da cavalaria espanhola foi atacada pelos índios e por eles feito prisioneiro.

Somente com a ajuda de um novo exército de reforço foi que o general espanhol conseguiu, em definitiva, tornar-se senhor do cano ; os jesuítas fizeram as suas forças recuar para a margem oriental do Uruguai, onde o corpo expedicionário teve de defrontar uma resistência oposta por um exército índio composto de quatorze mil homens. N' esse meio tempo a república viu-se forçada a combater pela sua integridade também no norte, pois ali, igualmente, tinha que ser regulada uma questão de limites entre a Espanha e Portugal, a expensas de seu território. Como os jesuítas não dispusessem de forças necessárias para opor um resistência armada, simultaneamente em duas frentes, organizaram eles no norte uma greve completa e um extenso movimento de “ boicot”. Quando a comissão de limites do Rio Negro quis levantar acampamento, os índios operários do Pará, a capital da província, entraram em greve, afim de obstar a partida da comissão. Não se encontrou remador algum para as embarcações, e, quando, finalmente, conseguiram recrutar alguns à força, verificaram que os índios, em toda a parte haviam abandonado as suas localidades por ordem dos jesuítas, levando consigo todas as provisões.

Em uma carta do bispo do Pará dirigida à corte de Lisboa consta: “ A desobediência dos missionários foi a tal ponto, que eles proibiram expressamente o plantio da fruta-pão em todas as aldeias da margem do Tapajós. Par sua ordem os índios não podiam vender a mínima coisa aos brancos...”

Enquanto isso os padres se esforçavam também por anular as tropas portuguesas, procurando solapar sistematicamente a sua disciplina. O governador geral informou nessa ocasião: “ O padre Aleixo Antônio procurou contato com alguns oficiais e reteve-os sob o virtuoso pretexto de que tencionava instruí- los nos exercícios de Santo Ignácio... Ele e os seus confrades tentaram convencer os oficiais de que eu havia abandonado a cidade sem ordem de Sua Majestade e que, por minha alta recreação, conduzira o exército a essas florestas, nas quais eles iriam perecer de fome. Que tudo isto eu o fizera, porque era um capricho meu faze-lo” . Sucedeu dentro em breve que tropas portuguesas, levando suas munições e suas provisões, desertassem e aderissem aos jesuítas. A raiva do comando supremo, no entretanto, atingiu o seu ponto culminante, quando por ocasião de um ulterior avanço chocaram-se contra uma fortificação jesuíta, a qual estava defendida pelos índios, com canhões, sob o comando de dois padres. Esse forte estava organizado com tanta arte, que os portugueses alimentaram a suspeita de que os dois padres não eram eclesiásticos e sim oficiais de engenharia disfarçados.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



A UTOPIA NA FLORESTA VIRGEM

Em breve, porém, surgiu a alvorada de uma época melhor para os mercadores de escravos da América do Sul, pois, agora, após as inesperadas dificuldades de retificação de fronteiras, as suas queixas contra os facinorosos padres, os quais lhes haviam estragado o negócio durante cento e cinquenta anos, iriam encontrar ouvidos conlacentes. Agora, por fim, também os senhores de Madri e Lisboa deveriam ficar inteirados do perigo que “ os direitos humanos dos índios” representavam para a toda a política colonial! Nessa época foram, então, levantadas as acusações mais graves contra os jesuítas: os inostos que os padres arrecadavam, constava aí, não estavam em proporção com a renda enorme do país, obtida com o comércio. Os padres, por sua alta recreação, haviam firmado tratados formais com as tribos Índias vizinhas, eles tinham até mesmo instigado os seus súditos a recusar obediência às autoridades espanholas e portuguesas, sim, havia no Paraguay até um rei jesuíta próprio, chamado Nicolao, o qual mandara cunhar moedas com a sua efígie.

Se tudo isso ainda não bastasse para induzir as autoridades européias a uma intervenção enérgica, então os inimigos dos jesuítas saberiam trazer à colação ainda um outro argumento, que não podia deixar de causar o seu efeito. Os padres, constava agora, haviam descoberto no Paraguay minas de ouro, cuja existência eles mantinham em absoluto segredo.

Chegou mesmo a aparecer diante do governador de Buenos Aires um índio munido de uma carta geográfica, na qual estavam assinaladas estas minas de ouro; também as obras de fortificação destinadas à defesa d esse tesouro e que haviam sido construídas pelos jesuíta.-, podiam ser clara e perfeitamente vistas na planta. O governador pôs a caminho, imediatamente, afim de examinar o assunto no próprio local, e se não descobriu o menor traço sequer das minas de ouro, apesar d isso ninguém mais, d aí por diante, alimentou dúvidas sobre a existência de tesouros imensuráveis. Essa crença firme produziu um efeito que, de outra maneira, só a muito custo teria sido alcançado; todos os funcionários do império mundial espanhol, a partir do ministro até o último servente,, estavam

agora animados somente pelo pensamento apaixonado de se apoderar d esse ouro.

A hostilidade geral que, nesse meio tempo, surgira também nas cortes, nos conventos, nos quartos das damas e nos gabinetes dos sábios da Europa, contra a Sociedade de Jesus, veio, naturalmente, ao encontro da decisão, e isso em anla medida, de se destruir a republica jesuíta. No ano de 1759 a Ordem foi expulsa de Portugal, em 17ó6 o mesmo aconteceu na Espanha, e agora o ministro presidente espanhol Aranda tomou as necessárias deliberações para por um fim ao domínio jesuítico no Paraguay.

Alguns comissários foram enviados às reduções, e onde quer que esses funcionários chegassem, farejavam eles em todos os colégios, em todas as gavetas, em busca das fabulosas riquezas dos jesuítas ; mas aí houve apenas cruéis decepções

“ O primeiro negócio” , informa o padre Floriano Baucke, acerca do seu encontro com esses comissários, “ foi a tomada da minha pequena propriedade. Até mesmo os mais insignificantes objetos de uso doméstico foram registados, o comprimento, a largura da mesa e a madeira de que era feita, e assim por diante. Depois que todas as caixas e caixões haviam sido examinadas perguntaram pelo dinheiro. Eu lhes expliquei que a redução não possuía dinheiro algum, porque nós tínhamos sempre suprido as nossas necessidades mediante o processo de troca direta...”

“ Quando os jesuítas de Santa Fé foram presos,” escreve também Alexandre de Humboldt, “ não se encontraram com eles, absolutamente, os tais montões de piastras, as esmeraldas de Muzo, as barras de ouro de Choco que, segundo os adversários da Companhia, os jesuítas possuíam. Tirou-se, d aí, a falsa conclusão de que os tesouros haviam existido de fato, mas tinham sido confiados a índios fiéis e ocultos nas cataratas do Orinoco até o novo restabelecimento da Ordem.” Desiludidos na sua sede de presa, os espan4jis e portugueses trataram os padres prisioneiros da maneira mais brutal possível, conservaram-nos, primeiro, como criminosos em prisão rigorosa e transportaram-nos para a Europa nos porões dos seus navios de guerra. As igrejas, escolas e oficinas dos jesuítas foram ou destruídos ou entregues à ruína. Um escritor protestante informa sobre o destino das bibliotecas organizadas

pelos jesuítas no Paraguai: “ Aconteceu a essas magnificas coleções a mesma coisa que à famosa biblioteca de Alexandria. Nenhum Omar, nenhum selvagem do Gran-Chaco destruiu as mesmas, mas foram cristãos que fizeram isso, parentes espirituais d aquele Teodosio, que mandou destruir a biblioteca de Alexandria. De uma grande parte das obras jesuíticas elas fizeram cartucheiras ou as utilizaram para assar biscoitos, ou à guisa de lanternas, e a mim me aconteceu coisa igual à que aconteceu ao historiador Orosius, o qual o que conseguiu ver em Alexandria foi somente os armários vazios da sua biblioteca.” Nas reduções, de agora em diante tornadas acéfalas, foram colocadas autoridades civis, as quais se esforçaram antes de tudo por se apropriar dos ornamentos das igrejas, das provisões guardadas nos celeiros e do gado. Dada, porém, que agora não se cantava mais nas reduções e nem se fazia mais musica, muitos índios procuraram_ se furtar ao novo regime, valendo-se da fuga e desapareceram, de novo, sem deixar traço nas florestas virgens, das quais outrora haviam sido atraídos pelos padres. “ Se se considera” , escreve Josef de Maistre,” que essa ordem, a qual atuou no espirito da religião cristã, apoiou o seu predomínio no Paraguay única e exclusivamente no poder de suas virtudes e do seu talento; que os jesuítas deram a conhecer aos selvagens da América o encanto da musica se, finalmente, se considera que em nossa época somente a colaboração de ministros infames e de tribunais judiciários acometidos de delírio foi que conseguiu aniquilar essa magnifica Sociedade, então é-se levado a crer que se tinha à frente aquele louco, o qual, radiante de alegria, sapateava sobre um relógio exclamando além d isso : “ eu vou te inedir de fazer mais barulho!” Montesquieu, por sua vez, manifesta no seu “ Espirito das Leis” : “ E’ uma glória para a Sociedade de Jesus que ela tivesse mostrado ao mundo, pela primeira vez, ser possível uma ligação de religião e humanidade” . Também os “ enciclopedistas” , os inimigos encarniçados da Ordem jesuíta, tiveram de reconhecer que naquele original Estado das florestas virgens brasileiras esteve prestes a ser realizada uma elevada idéia moral. “Por meio da religião” , observa D'Alembert, “os jesuítas conseguiram no Paraguay uma autoridade monárquica, apoiados exclusivamente na arte de convicção e no seu brando sistema de governo. Soberanos d esse país, tornaram eles felizes os povos que lhes obedeciam; lograram submete-los sem jamais enregar a violência.” Por fim Voltaire designa as missões dos jesuítas

como “um triunfo da humanidade” . Na verdade, não faltaram também, desde o século XVIII até os nossos dias, vozes que tentaram amesquinhar o valor do que foi conseguido no Paraguai e procuraram por em dúvida as puras intenções dos padres, Não se pode suportar, assim simplesmente, que um Estado ideal nessas condições pudesse ter existido realmente, e ser, além d isso, obra dos odiados jesuítas. Os críticos que, baseados nas suas pesquisas, se sentiram obrigados a admitir a realidade do Estado índio do Paraguai e das suas instituições, tentaram, pelo menos, roubar aos jesuítas a originalidade e demonstrar que a criação d elas não havia sido outra coisa mais do que um decalque de certa novela político-romantica escrita no século XVII. Se se compara a republica jesuíta, por exemplo, com a ilha “ Utopia” inventada pelo chanceler inglês More, então, se encontram de fato coincidências dignas de nota: Utopia consiste, da mesma maneira que o Paraguai, em um certo número de cidades colocadas a intervalos regulares e iguais umas às outras, das quais cada qual constitui o centro de uma zona agrícola de determinada grandeza. Os moradores não são proprietários e sim arrendatários do solo, o qual pertence à coletividade. Cada cidadão é obrigado a prestar uma certa quantidade de trabalhos agrícolas e, além d isso, lhe está destinado um certo ofício. Os homens praticam a tecelagem, fazem trabalhos de pedreiro e de poteiros, obras em madeira e em metal, ao passo que as mulheres se ocupam principalmente com a fiação. Coincidências igualmente frisantes verificaram entre as instituições das reduções jesuítas e as da “ Cidade do Sol” , imaginada pelo frade dominicano Cananella. Essa “ Cidade do Sol” é uma republica com um sacerdote à frente e na qual a vida social se apoia no comunismo absoluto e na regulação oficial da divisão dos produtos. Tudo é propriedade comum, e os cidadãos todos são obrigados a trabalhar, sendo que, na verdade, cabem às mulheres as atividades mais suaves. Dentre as artes é dedicado um especial cuidado à musica e quando os “ solarianos” fazem à divindade o seu sacrifício eucarístico, isso acontece em forma musical. Seria, no entretanto, fácil descobrir paralelos idênticos em todas as outras utopias comunistas; pois todas foram sempre fantasias de um Estado ideal sem classe oriundo do antiquíssimo sonho do “paraíso perdido”, sonho esse comum a toda a humanidade civilizada. Essa reflexão nos aproxima também mais da compreensão do motivo por que justamente os jesuítas no Paraguai lograram realizar essa utopia. Muito longe de quererem construir o seu Estado de

acordo com qualquer teoria preconcebida, os padres, muito ao contrário, fizeram, simplesmente, da inocência paradisíaca dos seus índios o fundamento de toda a organização econômica e política das reduções.

Quando no século XX um grupo de visionários sábios fez de novo a tentativa de realizar o comunismo, já eles tiveram de defrontar uma tarefa infinitamente difícil. Pois os russos podiam bem estar retardados em muito do resto da Europa, no que diz respeito à civilização; entretanto eles eram bastante europeus, para que fossem se diferenciar d eles por formas variadíssimas do talento e do vício, das inclinações e das paixões; eles haviam de ha muito perdido aquela santa simplicidade, aquela individualidade e carência de necessidade, que no Paraguay facilitara a realização do Estado ideal sem classes. Por isso o bolchevismo, a despeito de numerosas vítimas cruentas, até a presente data só conseguiu alcançar o seu objetivo de maneira sumamente incompleta; os jesuítas, no Paraguay, em compensação, não tiveram de fazer outra coisa senão adaptar as suas medidas aos instintos e necessidades dos seus índios selvagens das florestas, e logo nascera entre suas mãos automaticamente o “ Estado ideal”.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*